

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALEXANDRA RIBEIRO LEITE

**HOMOSSEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: A amizade como “modo de vida”
homossexual**

RECIFE

2022

ALEXANDRA RIBEIRO LEITE

**HOMOSSEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO : a amizade como “modo de vida”
homossexual**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: PSICOLOGIA

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios

RECIFE

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

L533h Leite, Alexandra Ribeiro.
Homossexualidade e envelhecimento : a amizade como “modo de vida”
homossexual / Alexandra Ribeiro Leite. – 2022.
98 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2022.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia. 2. Homens. 3. Homossexuais. 4. Homossexualidade. 5.
Envelhecimento. 6. Amizade. I. Nascimento, Luís Felipe Rios do
(Orientador). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2022-064)

ALEXANDRA RIBEIRO LEITE

**HOMOSSEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: A amizade como “modo de vida”
homossexual**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: PSICOLOGIA

Aprovado em: 25/04/2022

BANCA EXAMINADORA

Participação via Videoconferência

Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento (Orientador/Presidente)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^a. Dr^a. Tacinara Nogueira de Queiroz
(Examinadora Externa)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Participação via Videoconferência

Prof^a. Dr^a. Marilyn Dione de Sena Leal
(Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^a. Dr^a. Jaileila de Araújo Menezes
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^a. Dr^a. Wedna Cristina Marinho Galindo
(Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

OBSERVAÇÃO

A defesa em epígrafe foi realizada integralmente, por videoconferência, envolvendo a Banca Examinadora e o(a) discente, através de recursos de videoconferência, que possibilitaram realizar a discussão acadêmica sobre o objeto de estudo, com som e imagem. A defesa assim ocorreu, em virtude da suspensão das atividades acadêmicas presenciais, adotada pelo Consórcio Pernambuco Universitatis e os Institutos Federais do Estado de Pernambuco, por período indeterminado (UPE, UFPE, UFRPE, IFPE, IFR Sertão, UNICAP e UNIVASF), considerando a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19).

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao universo.

Ao meu marido, Rogério pela paciência e torcida frequente para que eu conseguisse realizar a tese.

A minha filha, sempre paciente e atenta, tentando me animar quando me via cansada.

Aos meus pais, Vânia e Josemar, que sempre torceram por mim.

Às minhas queridas irmãs, Tati e Vanessa, sempre presentes e torcendo por mim.

Aos meus amados e lindos sobrinhos Felipe, Lívia, Mateus e Eleonora.

Aos demais familiares pelo apoio, atenção e amor dedicados.

Ao meu querido orientador, Felipe, pela confiança, incentivo, cuidado e afeto.

Às professoras Marilyn Leal, Tacinara Queiroz, Jaileila Menezes e Wedna Galindo, pela gentileza ao aceitar compor a banca examinadora.

Aos professores e funcionários do PPG Psi-UFPE, em especial a João Cavalcanti, sempre presente ao meu socorro.

Aos minhas amigas e colegas de trabalho Michele e Nadja, pela atenção, cuidado, compreensão e afeto.

À minha coordenadora do SPA, Rosinha, sempre compreensiva e afetuosa.

Aos demais colegas de trabalho do SPA e do CRAS, que mesmo em pouco tempo que fiquei com elas, fizeram diferença em minha vida.

À turma do doutorado, que me deram muito apoio e afeto.

Aos homens que entrevistei e às pessoas que me apresentaram e estes, pois sem eles essa tese não estaria concluída.

A todos/as docentes, da graduação que direta ou indiretamente contribuíram para elaboração da presente tese.

RESUMO

O estudo se propôs a compreender as experiências de homens homossexuais ao longo do curso de vida, e como estas foram trazendo consequências em sua percepção e/ou vivência do envelhecimento. Assim, utilizando os princípios de uma pesquisa qualitativa de caráter narrativo realizei entrevistas em profundidade com foco biográfico com três homens homossexuais entre cinquenta e seis e sessenta e cinco anos. A partir da dupla-hermenêutica, buscamos desvelar os sentidos que os participantes construíram de suas próprias ações e experiências, balizando e comparando com o sentido que eu, munida do meu referencial teórico-metodológico, construí das ações, experiências e interpretações de meus interlocutores. Assim, a partir dessas narrativas, percebi que desde a infância eles precisaram enfrentar os estigmas direcionados a sua sexualidade e a amizade, desde essa época, vem se configurando inicialmente enquanto rede de apoio e ao longo de suas vidas, como nova possibilidade de se relacionar e como alento diante do medo da solidão na velhice.

Palavras-chave: Homens homossexuais; Envelhecimento; História de vida; Amizade.

ABSTRACT

The study aimed to understand the experiences of homosexual men throughout their lives, and how these have had consequences on their perception and/or experience of aging. Thus, using the principles of a qualitative research with a narrative character, I conducted in-depth interviews with a biographical focus with three homosexual men between fifty-six and sixty-five years old. From the double-hermeneutics, we seek to reveal the meanings that the participants built from their own actions and experiences, marking and comparing with the meaning that I, armed with my theoretical-methodological framework, constructed from the actions, experiences and interpretations of my interlocutors. Thus, from these narratives, I realized that since childhood they had to face the stigmas directed to their sexuality and friendship, since that time, it has been initially configured as a support network and throughout their lives, as a new possibility of relating and as encouragement in the face of the fear of loneliness in old age.

Keywords: Homosexual men; Aging; Life's history; Friendship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Publicações por combinações dos descritores	31
Quadro 2 - Revisão “artesanal” das publicações sobre a temática da Homossexualidade e envelhecimento no período de 2010-2020.....	32
Quadro 3- Revisão sistemática sobre a temática da homossexualidade e envelhecimento.....	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	HOMOSSEXUALIDADE.....	14
2.1	Sexualidade e homossexualidade	14
2.2	O armário enquanto metáfora.....	17
2.3	Homossexualidade e amizade	19
2.4	O movimento homossexual em construção	21
3	HOMOSSEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: REVISÃO DE LITERATURA.....	24
3.1	Corpus de análise	24
3.2	Artigos encontrados.....	25
3.3	Principais resultados.....	30
3.3.1	Envelhecimento LGBT: Hétero e homonormatividade	30
3.3.2	A saída do armário e a importância do suporte relacional.....	33
3.3.3	Homossociabilidades, velhice e eroticidade.....	35
3.4	Algumas considerações.....	38
4	NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	39
4.1	Aspectos metodológicos.....	41
5	CONTE-ME SUA HISTÓRIA.....	44
6	ENVELHECIMENTO, HOMOSSEXUALIDADE: A AMIZADE COMO “MODO DE VIDA” HOMOSSEXUAL.....	74
6.1	Vicissitudes do armário	74
6.2	Envelhecimento e amizade	78
6.3	“Vivendo o hoje enquanto der”: perspectivas para o futuro	81
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS.....	88
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA BIOGRÁFICA	95
	APÊNDICE B -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....	97

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento os resultados de uma pesquisa qualitativa de caráter narrativo que teve por objetivo compreender a experiência de homens homossexuais idosos, a partir do curso de vida. A partir dos resultados vou argumentar que a amizade assume um papel de destaque na trajetória dos homossexuais, constituindo-se como um “modo de vida” (FOUCAULT,1981). Nessa perspectiva, torna-se um recurso importante para o enfrentamento da homofobia, oferecendo suporte e parceria em diversos momentos do curso de vida, sobretudo na velhice. Localizo que a trajetória de construção desta pesquisa iniciou-se a partir das inquietações propiciadas nas entrevistas realizadas durante o Mestrado onde pesquisei a interface entre Religião e Homossexualidade. Investigando a trajetória sexual dos sujeitos da pesquisa, percebi que os sujeitos que possuíam mais de 40 anos, traziam queixas recorrentes sobre a dificuldade em estabelecer parcerias homoeróticas e o quanto não se sentiam sexualmente atraentes. Além disso, eles trouxeram o receio de estarem sozinhos na velhice e o quão desafiante seria sair do ‘armário’ nesta fase da vida (LEITE, 2015).

Diante das queixas acima relatadas, surgiram diversas indagações sobre a experiência do envelhecimento entre os homossexuais e assim me questionei: Como se dão as experiências de homens homossexuais mais velhos? Como eles percebem o processo de envelhecimento? Que possíveis estigmas eles podem ter sofrido ou ainda estão enfrentando por ser homossexual? Como essas vivências foram constituindo sua experiência de envelhecimento?

Portanto, tendo em mente que analisar as experiências de envelhecimento e sexualidade desses indivíduos soe como um objetivo demasiadamente amplo, a pesquisa aqui apresentada teve como foco analisar as experiências de homossexuais, a partir do curso de vida, focando na percepção destes sobre o envelhecimento e tentando ficar atenta a possíveis articulações com os marcadores como raça, gênero e classe social.

Neste sentido, é importante estar atento/atenta para não nos submetermos aos desejos de essencializar ou reforçar diferenças, mas sim de visibilizar as posições de sujeito, procurando compreender a rede de significados e os discursos por meio dos quais eles vão sustentando ou acatando suas identidades, compreendendo que estes constroem ativamente seus significados a partir de suas experiências (SCOTT,1991).

Os debates sobre sexualidade e envelhecimento, giram principalmente a partir dos estudos da gerontologia e da sexologia. Neste sentido, na literatura médica geriátrica encontramos definições sobre velhice que se limitam a reconhecê-la através de características

físicas que revelam a passagem do tempo, e outras mais positivas, nas quais afirmam que o corpo por si só não denuncia a velhice, mas supõe estigmatizações que levam às inquietações sobre o “ser idoso” (Mercadante, 2005).

Covey (1989) comenta que inúmeros mitos, atitudes sociais e estereótipos negativos são atribuídos aos idosos, sendo que os mais significativos são aqueles ligados à sexualidade, dificultando qualquer manifestação desta área em suas vidas. Assim, a velhice vem sendo retratada no imaginário ocidental, como um momento inevitável de declínio sexual, bem como a sexualidade nesta fase, vem sendo atrelada à degenerescência física, a perda do vigor sexual e da capacidade reprodutiva (ANDRADE; FRANCH, 2012).

Na perspectiva da interface sexualidade e envelhecimento, Custódio (2008) em sua pesquisa sobre as representações da sexualidade/afetividade em idosos institucionalizados na perspectiva dos cuidadores e dos próprios idosos; constatou que estes, embora mencionassem se sentirem sozinhos, não encararam a possibilidade de se relacionarem amorosamente com mais ninguém, quer dentro ou fora da instituição; revelando assim, tabus e preconceitos existentes relativamente ao tema.

Por outro lado, Debert e Brigeiro (2012) apontam para transformações discursivas relacionadas à sexualidade na velhice, alterando o cenário anterior visto como de apagamento da sexualidade dos idosos e instaurando um “processo de erotização da velhice”. No entanto, os autores observam que mesmo quando ocorre um rompimento com a ideia de “neutralidade sexual” dos idosos, a premissa ainda é a da heterossexualidade; sendo a possibilidade de relacionamentos homoeróticos entre idosos, raramente considerada (DEBERT; BRIGADEIRO, 2012, p. 38).

Neste sentido, no que se refere ao idoso homossexual, Silva (2009) pontua:

Suas necessidades são pouco conhecidas e ocupam uma incômoda posição não apenas diante do modelo de “sexualidade desejável” (heterossexual), como frente ao modelo de “homossexualidade desejável” (jovem) e ao modelo de cuidado e atenção à saúde (centrado em entidades familiares as quais, legalmente, homossexuais não podem formar em laços colaterais ou de descendência) (p.44).

Enfocando a questão da velhice e homossexualidade, Simões (2004), postula uma tensão entre dois principais tipos de representações recorrentes sobre a temática: um que se direciona a um duplo estigma: o da homossexualidade somado ao da velhice, trazendo um cenário negativo de solidão, melancolia, decrepitude e desvalorização erótica; e o outro que atenta para cenários mais positivos, que configuram a possibilidade de novas competências e habilidades desenvolvidas por homossexuais idosos. Defendendo, a partir de perspectivas contemporâneas que procuram “mudar as concepções do envelhecimento como processo

melancólico decadente para uma visão” menos pessimista, o autor sugere que os pesquisadores da área procurem se voltar analiticamente também aos aspectos positivos que podem se apresentar na experiência do envelhecimento homossexual (SIMÕES, 2004, p. 442).

Dessa forma, estimula-se a adoção de uma perspectiva “melhorista” em substituição à concepção negativa e decrépita destas experiências. Simões (2004) sugere que as pesquisas que se voltam para esse campo de estudos precisariam levar em conta “os arranjos, combinações, variações e passagens possíveis entre a ‘tia velha’ deprimida e solitária e o ‘coroa’ bem-disposto e bem acompanhado” (p. 421).

Nesta perspectiva, vários investigadores têm sugerido que os modelos e dados disponíveis acerca do que denominam como “envelhecimentos heterossexuais” seriam insuficientes para compreender as complexas experiências de envelhecimento e velhice de gays e lésbicas, assim como de outros sujeitos que divergem de prerrogativas normativas em termos de gênero e sexualidade, como bissexuais, transgêneros, transexuais, entre outros.

Grossman, D’Augelli e O’Connell (2002, p. 24) sinalizam “um processo social de invisibilização”, percepção trazida também pelos antropólogos Debert e Henning (2015) que concordam que há uma tendência ao apagamento, nas pesquisas, principalmente dos gerontologistas; das experiências de envelhecimento e velhice que questionem ou escapem das convenções heteronormativas.

Reforçando a perspectiva sobre o silêncio a respeito do envelhecimento do homossexual, Leal e Mendes (2017), acrescentam que: “mesmo nos blogs e sites dedicados ao assunto, geralmente criados por ativistas ou ONGs, o LGBT idoso é praticamente invisível - e o que não é nomeado não existe” (LEAL; MENDES, 2017, p. 19).

Os referidos autores ainda destacam que “nas propostas que o movimento LGBT faz ao poder público, sempre de muita importância, não são levados em conta os gays idosos, embora muitos de seus líderes visivelmente já tenham passado dos 50 anos de idade” (LEAL; MENDES, 2017, p. 20).

Sobre a questão da sexualidade associada ao gênero, Guimarães (2009) explica que em nossa sociedade atrela-se o conceito de sexualidade ao de gênero, influenciando na forma como deveria ser a realização da primeira em função do que é ser homem e do que é ser mulher. Assim, via de regra, a sexualidade é determinada por “características biológicas que condicionam as possibilidades físicas de ambos os sexos, as quais são munidas de significados sociais, delimitando os espaços que cada um deve ocupar” (LEMOS, 2015, p.33).

Outra consideração sobre os achados literários sobre a temática do envelhecimento de homossexuais, é que a maior parte das produções se encontram voltadas às capitais especialmente são contempladas as capitais do Sudeste, ou seja, os grandes centros urbanos do Brasil.

Após essa breve explanação realizada a partir de minha revisão literária inicial, a presente pesquisa objetiva contribuir para o campo nacional voltado à análise de envelhecimentos e sexualidades; contribuindo assim com produções de conhecimento na área de psicologia.

Nesse sentido, essa tese pretendeu colocar como foco a experiência de homens homossexuais no seu curso de vida e como eles vivenciam o processo de envelhecimento. Reforçamos que nossa pesquisa, não está de maneira alguma alinhada as concepções de polarização pautadas em determinismos biológicos e normalização. Lembro também que estou ciente de que apesar de desviantes da heteronorma, por serem homens, eles possuem privilégios que foram construídos a partir de sua socialização numa sociedade heterossexista.

Assim, partimos de uma visão crítica das masculinidades, entendo que “o homem não é construído meramente em oposição à mulher, mas, ao mesmo tempo, através de sua relação com figuras como o machão, o corno, e a bicha ou veado” (PARKER, 1991, p. 74).

O sentido dado a homossexualidade merece certos esclarecimentos, pois, para além de de uma nomeação à prática erótica e sexual entre indivíduos do mesmo sexo. Nessa tese abordamos de forma circunstancial o termo ‘homossexual’ em detrimento do termo ‘gay’, uma vez que esse último abrange conotações para além da classificação da prática sexual, abarcando gostos, comportamentos e linguagens próprios. No entanto, reforçamos que o uso do termo ‘homossexual’ aqui, tenta fugir do cunho essencialista, considerando as instabilidades e contradições inerentes a esse conceito e ao processo de construção da sexualidade na cultura, o qual é influenciado pelos modelos hierárquicos das relações de gênero (HEILBORN, 1993). Em outras palavras, consideramos que a experiência homossexual é plural e deságua em campos identitários diversos, o termo ‘homossexual’ foi usado nessa tese atentando para a existência do caráter múltiplo e heterogêneo da experiência homoerótica, refutando qualquer perspectiva universalizante e essencialista de tal conduta.

Cumpramos destacar que a tese foi organizada da seguinte forma:

No Capítulo 1 oferece uma discussão sobre a temática da homossexualidade a partir de sua origem enquanto desvio da norma, abordando também uma discussão sobre o armário e amizade e finalizando com um breve histórico de como o movimento gay foi se constituindo como agente de resistência para a geração dos homens entrevistados nessa tese.

O Capítulo 2 - foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a temática da homossexualidade e envelhecimento, com o objetivo de compreender como a literatura vêm discutindo a temática do envelhecimento de homossexuais, sobretudo as experiências de homens homossexuais idosos e as possíveis linhas de fuga que estes constroem para enfrentar a homofobia.

No capítulo 3 foi realizado um levantamento teórico metodológico e elucidado os percursos metodológicos utilizados na presente tese;

O capítulos 4: Nesse capítulo contei a história de Dr. House, Francisco e Edson, sistematizando suas narrativas, conforme o curso de vida desses sujeitos;

No capítulo 6 foi realizada aproximações analíticas, a partir dos relatos dos interlocutores, porém convém mencionar que a possibilidade de generalização não se apresenta como a principal exigência, nesta modalidade de estudo, considerando que a preocupação excessiva com a generalização pode desviar a atenção e o interesse do pesquisador de importantes características, significativas para a compreensão do caso em si. (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

No capítulo 7 foi realizadas considerações finais sobre os objetivos da tese e o que foi visualizado nas narrativas.

2 HOMOSSEXUALIDADE

A partir das entrevistas realizadas com os interlocutores que contribuíram na confecção do presente estudo, percebi que a sexualidade se constitui como dispositivo (FOUCAULT, 1980) que imprime na vida dos homossexuais idosos, uma ‘marca’ com a qual eles têm que lidar durante todo seu curso de vida. Nesse caminho, eles apresentaram estratégias que os auxiliaram no enfrentamento da homofobia e na gestão de suas vidas, entre elas o ‘armário’ e a amizade. Nesse sentido, este capítulo tem como objetivo, discutir como a homossexualidade foi se constituindo enquanto desvio da norma, abordando também uma discussão sobre o armário e um breve histórico de como o movimento homossexual foi se constituindo como agente de resistência para a geração dos homens entrevistados nessa tese.

2.1 Sexualidade e homossexualidade

Michel Foucault (1980,1984) trouxe reflexões importantes sobre a sexualidade, compreendendo enquanto articulação entre um sistema de regras, métodos de estudo, e campo de conhecimento que abrange poderes, discursos e regulações, ou seja, toda uma vontade de saber acerca das condutas sexuais. Nessa perspectiva, o autor se pergunta:

[...] por que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados são objetos de uma preocupação moral? Por que esse cuidado ético que, pelo menos em certos momentos, em certas sociedades ou em certos grupos, parece mais importante do que a atenção moral que presta a outros campos, não obstante essenciais na vida individual ou coletiva, como as condutas alimentares ou a realização dos deveres cívicos? (FOUCAULT, 1984, p. 14).

Respondendo a essa pergunta, Foucault (1984) fala de um “dispositivo de sexualidade” que tem como objetivo normatizar e controlar a sexualidade, visando a estabelecer ‘verdades’ e valores morais sobre o corpo e seus prazeres e responder às demandas sociais, políticas e morais. Assim, esse dispositivo tem o poder de tornar o sexo detentor de uma verdade, ou seja, demarca discursos, instituições, decisões regulamentares, leis que incluem medidas administrativas e análises científicas (FOUCAULT, 1984, p. 244).

Michel Foucault (1980), afirma que quando se trata da homossexualidade, a vigilância e a repressão desta constituiu-se a partir discurso médico psiquiátrico da época. Nesse sentido, a homossexualidade era vista enquanto problema que exigia o controle social, sendo sujeita a análise médica e assim, passível de intervenções.

Nesse contexto, foi por volta de 1870 “que os psiquiatras começaram a constituir a

homossexualidade como objeto de análise médica: ponto de partida de toda uma série de intervenções” (FOUCAULT, 1984, p. 233). Ou seja, a partir do discurso médico psiquiátrico, que compreendia a heterossexualidade como única via para normalidade sexual, os homossexuais foram patologizados, considerados como portadores de uma natureza desviante, anormal e doente; o que legitimou uma série de ameaças, prisões, denúncias e outras táticas de poder (FOUCAULT, 1984).

Sobre os riscos de se conceituar homossexualidade, Trevisan (2011) pontua:

Não existem objetos sexuais determinados de modo absoluto pela natureza, nem mecanismos culturais que compartimentalizem de modo insuperável o desejo: este se inclina num movimento de polivalência pendular e mutabilidade básica dos indivíduos, para além das ideologias que procuram estabelecer padrões e normas sobre a natureza. Se foi confirmada uma parcela de determinação natural no desejo, também é indiscutível que ele está sujeito a propensões culturais mutáveis no decorrer da história — inclusive a história de vida pessoal. Conforme o desdobramento das discussões e pesquisas, pode-se dizer que na orientação do desejo ocorre “quase sempre uma interação complexa entre natureza e cultura, entre predisposição e vontade”. [...]. Portanto, criar conceitos fechados de homossexual (ou bissexual) acabaria servindo mais aos objetivos da normatização do que a uma real liberação da sexualidade, inclusive por incentivar diretamente a política do gueto, do separatismo e do racismo sexual, numa discriminação às avessas (TREVISAN, 2011, p. 34).

Defendendo a constituição da homossexualidade no Ocidente como sendo inventada a partir da própria invenção da heterossexualidade, Fabiano Gontijo (2004) afirma que a partir da “heteronorma coitocêntrica, genitalista e visando sempre à reprodução”, qualquer forma de sexualidade que fuja desses valores, será condenada (GONTIJO, 2004, p. 64).

Diante das críticas à heteronorma, propiciadas nos anos 50 e 60 a partir das discussões da psicanálise, do marxismo e da sexologia, conforme Gontijo (2004), surge uma “liberação controlada” das práticas sexuais antes condenadas. Nos anos 80, com a experiência da Aids, houve uma politização da homossexualidade, acelerando a necessidade de garantia de direitos e o respeito à vida “íntima livremente escolhida” (PECHENY, 2004, p. 31).

Apesar da epidemia de HIV/AIDS no Brasil resultar em novas formas de preconceito contra os homossexuais, respaldadas no discurso médico-científico, aos poucos indivíduos gays, lésbicas, travestis e transexuais passam a enfrentar politicamente a discussão sobre a doença. A luta contra falsa associação “AIDS x Peste Gay” culmina no surgimento de todo um movimento social que possibilitou a desconstrução simbólica da associação homossexualidade e condição de portador do HIV.

O impacto da epidemia de HIV/AIDS foi emblemático, fazendo emergir aspectos mais reveladores sobre o homem, a masculinidade e as representações acerca do que se

convencionou chamar de comportamento homossexual. Nesse sentido, o enfrentamento da AIDS possibilitou perceber o contraste entre o modelo de classificação identitária, os papéis de gênero masculino e os estereótipos associados à representação passivo/homossexual. Desta forma, evidencia-se a lógica dominante que entrelaça homossexualidade, sexualidade e gênero, com o também outras formas de rotulação, estigmatização e marginalização da sexualidade no campo das diferenças.

Nesse sentido, Trevisan (2011) pontua que:

A aids talvez tenha cumprido, além de outras numerosas funções, essa de borrar os enganosos limites entre o que é e o que não é atividade homossexual. [...]. Assim, ao ser confundida com o estigma da homossexualidade, a doença da aids revelou uma verdade bastante simples: somos todos vulneráveis ao desejo (homossexual ou não), porque estamos potencialmente capacitados para adoecer do outro (TREVISAN, 2011, p. 39).

Nesse processo histórico, que revela a experiência homossexual entre os percalços da luta contra os mecanismos estigmatizantes, pode-se ressaltar que foi somente em 1990 que a Assembleia geral da Organização Mundial de Saúde-OMS retirou o termo homossexualidade da lista de doenças mentais e declarou que “não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”. Contudo, a visão essencialista e o sentido de desvio ainda imperam nas instituições como se fosse uma ideologia.

O movimento de luta contra os discursos da heteronorma foram moldados tanto do ponto de vista do privado quanto do público, ou seja, passam tanto pela constituição da subjetividade, quanto pela política, pela sociedade e pela cultura, que também a constitui.

Assim, quando pensamos a homossexualidade enquanto identidade, é importante ressaltar que em nossa sociedade, esta é vista como uma dimensão da subjetividade que é permeada por estigmas, discriminação e exclusão. Dessa forma, como sinaliza Pecheny (2004), os homossexuais não compartilham de uma socialização primária onde terão apoio a seus desejos e práticas, e diferente dos membros de categorias discriminadas, como por exemplo os judeus em um contexto anti-semita (que encontra apoio material e emocional da família e amigos), no caso dos homossexuais, estes vivem, muitas vezes, numa situação de angústia e medo de ser rejeitado nesse ambiente primário de constituição de significados (PECHENY, 2004).

Nessa perspectiva Paiva (2012) aponta para uma “ascese gay” e uma estilística da existência:

Diante dos arquivos discursivos do “olhar especializado” que subscreve o homossexual como uma “identidade murada”, é preciso considerar uma “ascese

gay”, isto é, um corolário/programa que demanda, recursivamente, um modo de ser, uma maneira de viver, uma estilística da existência, indicativa de uma pragmática de si, a qual só se observa na concretude poética do dia-a-dia, em seu acontecimento micropolítico, único e singular. (PAIVA. 2012, p. 21-47)

2.2 O armário enquanto metáfora

A metáfora de sair do armário refere-se ao momento em que o indivíduo sai da dimensão na qual se mantém isolado em sua subjetividade, em meio às representações simbólicas da reprodução do sistema pautado pelo sexo-gênero-heterossexual.

Segundo estudos socioantropológicos, até o momento de aceitar a condição de homossexual, o “sair do armário”, o indivíduo passa por um processo de integração de vida que oscila em dois campos da experiência no espaço social, que inclui novas amizades em meio à experiência gay e certo desempenho heterossexual para que possa ser aceito.

Para muitos indivíduos homossexuais, conforme SEDWICK, 2007, o submeter-se ao “armário” está calcado na falta de amparo social e de garantias de possibilidades de aceitação social. Assim, o “armário” significa não só a proteção pelo silêncio, mas também atesta a prática subjetiva entre as oposições casa e rua, privado e público, dentro e fora em todo um contexto heteronormativo, permeado pela violência simbólica fortemente caracterizada pela homofobia. Deve-se considerar que é longa a trajetória para que os homossexuais se posicionem na vida pública como tais, e que, neste contexto, logo aprendam a jogar com o silêncio ou até mesmo a voltar ao “armário”, caso se sintam ameaçados diante da intolerância à homossexualidade.

Para as novas gerações, há evidentes avanços políticos que tem permitido experiências não heterossexuais mais arejadas. A possibilidade de “sair do armário” se amplia pelo declínio das formas tradicionais de controle social sobre as práticas e as orientações sexuais que se manifestam para além do cerco heterossexista.

Nesse sentido, a própria identificação homossexual é algo que pode ser permeada por movimentos de luta e resistência à heteronorma. Assim, o *coming out* (saída do armário- SEDGWICK, 2007), compreendido como “uma dinâmica que envolve uma série de negociações de ordem simbólica e prática, podendo ocorrer em diversas etapas, e talvez nunca completamente (SEDGWICK, 2007; SAGGESE (2009)); pode ser considerado uma forma de resistência.

A ‘liberação controlada’ da homossexualidade, que ocorreu por volta dos anos 50,

ainda faz parte da inteligibilidade no que concerne ao padrão moral de comportamento instituído na contemporaneidade, onde se condena publicamente as práticas homossexuais, mas as toleram no privado, ou dito de outra forma, essa suposta liberação sexual da atualidade é condicionada a obediência de um “pacto implícito” que prevê discricção e invisibilidade dos homossexuais no que diz respeito aos espaços públicos (PECHANY, 2004).

Nesse sentido, o *coming out* envolve tanto atitudes e sentimentos de reconhecimento, aceitação e respeito quanto de medos, receios, tensões e possíveis enfrentamentos (SAGGESE, 2009). Desta forma, como afirma Pecheny (2004):

Na maioria dos casos, os indivíduos sabem e eles acham que a homossexualidade é uma fonte de vergonha, ridículo, exclusão etc., muito antes de saber que eles eram atraídos por pessoas do mesmo sexo. Então os sentimentos podem evoluir positivamente durante todo o processo de saída, mas as ambiguidades não desaparecem nunca completamente (p. 23)

Relacionando a questão do armário à homofobia, a investigação de Daniel Santos e Fernando Filho (2011), sobre de que modo a homofobia regula a existência e o trânsito entre os armários de pessoas ditas homossexuais; trouxeram a existência de 3 platôs: o armário trancado com cadeado- linhas duras, o armário de portas fechadas (ou encostadas) -linhas flexíveis e o armário aberto- linhas de fuga. Nesse sentido, os 2 últimos remetem-nos a posturas de resistências às imposições hétero/homonormativas (KERRY DOS SANTOS; SILVA TEIXEIRA FILHO, 2011).

Ainda sobre a transitividade dos armários, Seidman (2002) chama atenção para o fato de que não deveríamos vitimizar àqueles que preferem manter-se ‘no armário’, bem como não devemos considerá-los passivos a uma normatividade que os força a manterem suas práticas e desejos em segredo, pois assim estaremos dando pouca atenção às suas possibilidades de agência e segundo o autor, estaríamos também desacreditando de sua capacidade em forjar vidas satisfatórias e laços sociais importantes (SEIDMAN, 2002). Nesse sentido, Saggese (2009), complementa que:

Se o *passing*- estratégia de manejo identitário exaustivamente trabalhada por interacionistas simbólicos como Garfinkel (1984) e Goffman (1988) é uma constante em suas relações, isso não significa que ele seja exercido sem esforço, ou sem o devido cuidado, mas ao contrário: para quem está no ‘armário’, a vida cotidiana adquiriria um senso de performatividades ainda mais acentuado (p.45)

O trabalho de Ernesto Meccia (2011) ao mapear as etapas que vão da vergonha, e sentimentos de discriminação, até chegar ao orgulho, ou seja, os “trânsitos da

homossexualidade à gaycidade”, pontua que os aspectos como visibilidade, conquistas de dinheiro e explosões do mercado; aproximam pessoas com condutas homossexuais e heterossexuais e propiciam espaços de circulação, entretenimento e vivências particulares.

2.3 Homossexualidade e amizade

A autora Claudia Barcellos Rezende em seu artigo: “Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções”, partindo de uma abordagem mais pragmática das emoções, compreende a amizade para além de sua dimensão de construção cultural, destacando que esta não é estanque e de sentido único, e não depende apenas do contexto em que é produzida, pois é perpassada também por negociações de significado e poder (REZENDE, 2002). Nesse sentido, a autora coloca a amizade enquanto relação resultante de negociações que envolvem marcadores sociais como idade, gênero, raça e classe (REZENDE, 2002).

Foucault (1981), sob o argumento de que os gays contemporâneos estão buscando algo que se aproxime da homossexualidade, de um estilo de vida, traz a amizade como interessante alternativa para o modo de vida homossexual. Nesse sentido ele pontua:

[...] o interesse pela amizade está se tornando muito importante. Não se entra simplesmente na relação para poder chegar à consumação sexual, o que se faz muito facilmente; mas aquilo para o que as pessoas são polarizadas é a "amizade". Como chegar, por meio das práticas sexuais, a um "sistema relacional"? "É possível criar um modo de vida homossexual?" [...]. Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que "um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética" (FOUCAULT, 1981, online, grifo nosso).

Segundo o autor, a amizade se constitui como um campo fértil e aberto à novas possibilidades relacionais ainda não institucionalizadas. É por isso que Foucault vê com bons olhos a atual tarefa dos homossexuais, ou seja, "inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer" (FOUCAULT, 1981, p. 164).

Nesse sentido, Foucault nos questiona a possibilidade de se criar, a partir da amizade, a possibilidade de um modo de vida, de uma ética, bem como uma cultura, ao redor do prazer. Desta forma o autor questiona:

“Somos capazes de ter uma ética dos atos e seus prazeres que possa levar em consideração o prazer do outro? O prazer do outro é algo que pode ser integrado ao nosso prazer, sem referência nem à lei, ao casamento, ou qualquer outra coisa? (FOUCAULT, 1995, p. 258).

Outro questionamento importante propiciado por Foucault (1984) é sobre o prazer, pois segundo o autor, este também deve fazer parte de nossa cultura. Nesse sentido, ele aponta que mesmo depois de séculos tanto a sociedade em geral, quanto a ciência, e até mesmo os movimentos de liberação têm sempre falado do desejo e nunca do prazer. Desta forma, Foucault questiona: “Somos capazes de criar uma cultura no sentido amplo, isto é, inventar modalidades de relações, tipos de valores, formas de troca entre pessoas que sejam inéditas tendo em vista o prazer dos indivíduos?” (FOUCAULT, 2004, p. 122-123).

Sobre a importância do apoio social, Henning (2014) pontua que a proximidade desses sujeitos às instituições ‘consideradas centrais nas comunidades LGBT, como centros comunitários, organizações ‘friendly’, assim como bares, boates e ‘cafés gays’, promoveria, em teoria, uma melhor experiência de envelhecimento e velhice’ (HENNING, 2014, p. 154).

A respeito das Redes de suporte social, Henning (2014), observa entre seus interlocutores referências às ‘famílias de sangue’ e às ‘famílias de coração’. O autor exemplifica a partir da fala de Célio-nome fictício de um de seus interlocutores- que o termo ‘família de coração’ alude “difusamente a um conjunto de imagens de acolhimento, conforto, segurança, aceitação, tolerância e base efetiva de apoio social em eventuais momentos difíceis da vida” (HENNING, 2014, p. 340). Nesse sentido, o autor complementa:

Na análise dessas narrativas, a “família do coração”, mais do que meramente indicar vínculos e laços de parentesco (embora tais indicações não possam ser menosprezadas), parece quase sempre se mesclar à ideia própria de redes de suporte social. Dessa forma, quanto mais próximo estivesse um determinado sujeito de ser considerado relevante no contexto dessas malhas, mais provável seria, por exemplo, considerá-lo integrante da “família de coração” (HENNING, 2014, p. 340).

Wladirson e Chaves reiteram que em suas pesquisas eles perceberam entre seus interlocutores que a amizade (sem sexo) poderia se constituir como uma possibilidade de vínculo, suporte, proteção e enfrentamento a doenças. Desta forma, a partir das teorizações de Duarte (2013) e Ortega (1999; 2002), os autores percebem a amizade como uma alternativa criativa para relações entre homens idosos homossexuais e afirmam que esta pode ser considerada como uma transgressão, uma subversão à heteronorma e à concepção tradicional de família e matrimônio baseada no amor romântico (WLADIRSON; CHAVES, 2012).

Duarte (2013), em sua tese “O bloco das Irenes”: articulações entre amizade, homossexualidade (s) e o processo de envelhecimento, pontua que:

Concepções sobre casamento, família, asilo, doença, podem ser problematizadas e recriadas a partir de outras relações sociais e modos de vida possibilitadas pela questão da amizade e de suas criativas, porosas, flexíveis. Amizade como

proposição de estilística da existência aponta para criação de uma nova erótica não disciplinada, ou seja, uma economia de prazer não normatizada sexualmente (DUARTE, 2013, p. 219).

Nesse sentido, diante do efeito discursivo produzido por uma “heterossexualidade compulsória” tem-se diversas estratégias que os homens homossexuais idosos vão operando, como a saída ou permanência no armário, a constituição da identidade de orgulho gay, a constituição de parcerias e o exercício da sexualidade a partir da “arte erótica” (FOUCAULT, 1980).

Nessa esteira, Passamani (2015) percebe nos cenários pesquisados por ele, que existiam os sujeitos apresentavam estratégias próprias da “gaycidade” que, segundo o autor, têm a ver com: “orgulho, alguma visibilidade, trocas eróticas e sexuais em “culpa”, rotatividade social, experimentação de parceiros, trânsitos em contextos de homossexualidade” (PASSAMANI (2015, p. 86). O autor ainda completa que: “turmas, confrarias, grupo de amigos, redes, blocos: possibilitavam um melhor lidar com a própria sexualidade a partir do intercâmbio de experiências” (PASSAMANI, 2015, p. 90).

2.4 O movimento homossexual em construção

Durante a Ditadura no Brasil, o movimento gay foi ganhando visibilidades nos debates e reivindicações, acompanhando assim, os já consolidados debates envolvendo as ‘minorias’, constituída por negros, mulheres e índios:

O movimento homossexual sustentou-se no tripé identidade, sexualidade e cidadania e buscou a identidade homossexual, o direito ao livre exercício das escolhas sexuais individuais e a autonomia do movimento homossexual: um legítimo exercício de cidadania, para o qual foram atraídos homens e mulheres que, rotineiramente, iniciaram as atividades no interior de seus grupos, com discussões destinadas à necessidade de exercitar a autoestima, reconhecer direitos legítimos a qualquer pessoa e até mesmo recuperar o sentido de palavras como "bicha" e "lésbica", dando naturalidade à expressão "ser homossexual (ZANATTA, 1996-1997, p.194) .

A identidade se constituía como importante fator de enfrentamento às violências, tanto do Estado, quanto da sociedade em geral. Desta forma, “a militância política dentro do movimento homossexual fortaleceu-se numa vasta rede de informações e solidariedade, ampliando a divulgação da questão homossexual e conduzindo a imprensa a tratar o assunto de forma diferente” (ZANATTA, 1996-1997, p. 194).

Na década de 1970, a partir dos dados levantados pelo autor Edward MacRae (1990), surgiram mais de 27 publicações no Brasil que abordavam temáticas homossexuais. Estas

publicações tinham como propósito promover a diversidade sexual e a expressão dessa diversidade a partir de experiências e relações plurais. Outro aspecto que facilitava a propagação e fortalecimento da pauta da diversidade era o acesso a bares, boates, periódicos e jornais que abordavam a temática gay. A arte também se apresentava como uma forma potente de expressão da identidade homossexual.

No artigo realizado por Zanatta (1996-1997) sobre o movimento homossexual no Brasil na década de 80, a autora aponta os conflitos que levaram ao fechamento de muitos grupos que defendiam a causa gay e destaca aspectos que levaram à retomada e surgimento de outros grupos no final da década de 80 e início da década de 90:

Enfraquecido pelas divergências que se sucederam nos primeiros anos da década de 80, o movimento surpreendeu-se com o advento da AIDS; desarticulou-se, porém não desapareceu. [...]. Ao final dos anos de 80 e começo dos 90, os grupos homossexuais retomam fôlego, agora visceralmente ligados ao trabalho de apoio e solidariedade às vítimas da AIDS, às campanhas de esclarecimento e divulgação ” (ZANATTA, 1997, p. 214).

Uma pauta recorrente na década de 80 e que continuou na década seguinte, conforme Trevisan (2011), foi a questão da definição de homossexualidade e os movimentos contra o ‘assumir-se’. Nesse sentido, o autor destaca que esses debates acabaram enriquecendo a luta pelo “direito das pessoas homossexuais de gerir pluralisticamente sua vida, seu afeto e sua sexualidade” (TREVISAN, 2011. p. 34).

Foi na década de 90, como mencionado anteriormente, que após crescentes críticas provindas tanto do movimento homossexual, como também por parte de sociólogos e antropólogos, ocorreu a substituição do sufixo ‘ismo’ (homossexualismo) que remete à doença, pelo sufixo ‘dade’ (homossexualidade). Assim, surgiram diversas discussões sobre a categoria homossexualidade, entre as quais Trevisan (2011), a partir de discussões levantadas pelo autor Jurandir Freire Costa, conclui que:

Por mais provisórios que possam ser, esses “artefatos identitários” instauram a possibilidade de comunicação, pois “não podemos vagar no universo ambiental como pedaços de tábua de um naufrágio”, nas palavras do próprio Jurandir. Por outro lado, qualquer descrição ou definição da atração sexual (ou meramente erótica) entre pessoas do mesmo sexo continuará se carregando de elementos pejorativos enquanto a sociedade mantiver a propensão a estigmatizar esse tipo de tendência. [...]. Recusar radicalmente o assumir-se me parece uma posição irrealista, porque a sociedade está toda baseada em definições — verdadeiras ou falsas, não importa, mas que são parte de um “jogo de linguagem possível”, como observa ainda Jurandir Freire (TREVISAN, 2011, p. 35).

Nesse sentido, Trevisan (2011) complementa o debate afirmando que “ao invés de

penetrar na selva das categorizações bizantinas e estéreis, prefere considerar como homossexuais ou homoeróticas mais as relações (ainda quando isoladas) do que as pessoas isoladamente” (p. 38).

Caminhando um pouco da década de 90 para a atualidade, percebe-se que com o fim da ditadura civil-militar e o advento da terapia retroviral, ocorreram mudanças significativas no cenário LGBT. Nesse sentido, o autor Edward Macrae (2018) pontua:

Talvez a principal mudança tenha ocorrido com o advento da terapia retroviral, com o decorrente declínio do estigma da infecção pelo HIV, que deixava de significar para o paciente uma sentença de morte certa em pouco tempo e adquiria a natureza de uma doença crônica, mas com a qual é possível viver de maneira bastante normal. O comércio voltado para o mercado gay continuou a se mostrar lucrativo e retomou seu ímpeto, promovendo em seu rastro o fortalecimento de novas afirmações identitárias pouco lembradas originalmente, como o das mulheres lésbicas, das travestis e dos/das transexuais, por exemplo. Movimentos e paradas LGBT cresceram e puderam contar com o beneplácito das autoridades que viam neles agentes importantes de prevenção à aids e outras infecções de transmissão sexual, como as hepatites virais. Onde o legislativo se mostrava lento em reconhecer os novos direitos reivindicados, o judiciário avançou, como no caso do reconhecimento oficial das uniões homoafetivas (MACRAE, 2018, p. 24).

3 HOMOSSEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: REVISÃO DE LITERATURA

Vários investigadores têm sugerido que os modelos e dados disponíveis acerca do que denominam como “envelhecimentos heterossexuais” seriam insuficientes para compreender as complexas experiências de envelhecimento e velhice de gays e lésbicas, assim como de outros sujeitos que divergem de prerrogativas normativas em termos de gênero e sexualidade, como bissexuais, transgêneros, transexuais, entre outros. Nesse sentido, com o objetivo de compreender como a literatura vêm discutindo a temática do envelhecimento de homossexuais, operei esforços para identificar a partir de revisão de literatura dos trabalhos produzidos sobre envelhecimento e homossexualidade masculina, entre 2010 e 2020, as experiências de homens homossexuais idosos e as possíveis linhas de fuga que estes constroem para enfrentar a homofobia.

Para dar pistas sobre esses questionamentos, norteados pelo pensamento de Foucault a respeito da sexualidade, concebendo-a tanto como dispositivo (saber/poder/verdade), quanto como condição de possibilidade que faz com que driblemos a prescrição do desejo como injunção do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2003), conduzimos essa revisão a partir da perspectiva de que o sujeito diante de algo que desafia a sua experiência subjetiva, consegue resistir, criar linhas de fuga que o ajudam a dar sentido a sua experiência. Assim, inspirada no conceito de resistência de Foucault, entendemos que é possível que os sujeitos construam estratégias para burlar as retificações das desigualdades, e a propagação da segregação, não se sujeitando ao poder (FOUCAULT, 2003, p.30).

3.1 Corpus de análise

Esta pesquisa se trata de um estudo qualitativo, realizado a partir de uma revisão híbrida, na qual combinei uma revisão sistemática da literatura (Flick, 2009; Sampaio & Mancini, 2007) com uma revisão mais artesanal (Rios, 2018). A revisão sistemática possibilita uma visão holística em torno das produções sobre determinado tema, permitindo uma análise crítica e reflexiva sobre o conteúdo selecionado. Na contemporaneidade é usualmente realizada a partir de bases de dados onde acervos, em geral de publicação em periódicos, é disponibilizada na internet. No entanto, este tipo de revisão pode deixar de lado, por exemplo, livros e outros materiais (literatura cinzenta) que muitas vezes não são indexados e/ou disponibilizados em bases eletrônica de dados, e assim não são considerados numa revisão puramente sistemática, e que podem enriquecer nosso estudo (RIOS, 2018).

Nesse sentido, foi realizado uma revisão mais artesanal, a partir dos livros e materiais publicados que já vêm sendo discutidos no grupo de pesquisa do qual fiz parte e mediante esses materiais, procurei também por produções mais atuais desenvolvidas tanto pelos autores que já estamos habituados a discutir, como por aqueles referenciados por eles, utilizando como recorte temporal as produções realizadas entre os anos de 2010 a 2020. Para tanto, optei também pela busca ativa na internet.

Para revisão sistemática, estabeleci um processo de busca de artigos a partir da combinação dos descritores homossexuais, gays and envelhecimento e idosos. A partir da leitura dos resumos, foram incluídos aqueles estudos que preenchiam os seguintes critérios: a) temática pertinente ao objetivo da revisão; b) objetivos, métodos e resultados claramente definidos no resumo de cada texto; c) publicados no período de 2010-2020; e d) publicados nos idiomas português, espanhol ou inglês. Foram excluídos trabalhos com as seguintes características: a) artigos duplicados; b) artigos que não abordassem a temática da pesquisa; c) artigos que abordem a homossexualidade feminina.

A revisão sistemática foi realizada na base de dados da Scielo, pois o nosso intuito era levantar os dados numa biblioteca digital referência brasileira na indexação de periódicos. A primeira busca dos artigos realizado de forma mais sistemática gerou um resultado de 24 artigos. No entanto, 10 artigos foram excluídos por serem repetidos. Restaram, assim, 14 artigos que compuseram o corpus de análise do presente capítulo. O quadro 1, mostra o número de publicações por combinação dos descritores.

3.2 Artigos encontrados

Quadro 1- Publicações por combinação dos descritores.

GAY AND ENVELHECIMENTO
1. O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis
2. Sexualidad en velhice: un estudio sobre el envejecimiento LGBT
3. O que prevê o ajustamento ao envelhecimento idosos lésbicas, gays e bissexuais?
4. Religiosidade e envelhecimento bem-sucedido em homens gays e bissexuais mais velhos
5. Esperança e suporte proximal e distal em homens idosos minoritários portugueses

6. Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the "LGBT elders"
7. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si
8. "Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado
GAY AND IDOSOS
1. O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis
2. O que prevê o ajustamento ao envelhecimento idosos lésbicas, gays e bissexuais?
3. Esperança e suporte proximal e distal em homens idosos minoritários portugueses
4. Silver rainbow: estigma em homens gays idosos, uma perspectiva de stress minoritário
5. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos "idosos LGBT"
6. Portuguese Older Gay Men: Pathways to Family Integrity
7. Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the "LGBT elders"
8. "Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado
HOMOSSEXUALIDADE AND ENVELHECIMENTO
1. Homosexuality and biomarkers of aging in the production of gerontological knowledge by American, British, and Brazilian authors
2. Homens homossexuais idosos e de meia-idade nas mídias digitais: autodescrição, apoio social e qualidade de vida
3. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si
4. A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas
5. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina
HOMOSSEXUALIDADE AND IDOSOS
1. Homens homossexuais idosos e de meia-idade nas mídias digitais: autodescrição, apoio social e qualidade de vida
2. Portuguese Older Gay Men: Pathways to Family Integrity
3. A Velhice como Performativo: Dissidências (Homo)Eróticas

Fonte: A autora (2021)

Na revisão que nomeamos como artesanal encontramos 20 publicações sobre a temática, sendo estas:

Quadro 2- Revisão “artesanal” das publicações sobre a temática da Homossexualidade e envelhecimento no período de 2010-2020

AUTORES	ANO	Tipo de estudo/Local/Publicação	PRODUÇÕES SOBRE A TEMÁTICA
Júlio Assis Simões	2010	Transversal, Qualitativo/Brasil/ Cadernos Pagu	Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo
	2011	Transeversal, qualitativo/ Brasil/A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento	Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo.
	2015	Transversal, qualitativo/Brasil/Bagoas Estudos gays: gênero e sexualidade	Apresentação: Dossiê diversidade Sexual e de Gênero, Memórias e envelhecimento.
Antônio Crístian Saraiva Paiva	2013	Transversal, qualitativo/Brasil/Revista de Ciências Sociais	Protagonismo erótico, classificações e formas de sociabilidade de gays idosos. Revista de Ciências Sociais
Carlos Eduardo Henning	2013	Transversal, qualitativo/Brasil /Capítulo do livro: Contra) pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual: cursos da vida e gerações	Gerontofobia e gerontofilia entre homens com práticas sexuais homoeróticas na meia idade e velhice
	2014	Transversal, qualitativo/Brasil/ Tese Doutorado)	Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: Envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo
Murilo Peixoto da Mota	2011	Transversal, qualitativo/Brasil/Sinais Revista de Ciências Sociais	Homossexualidade e Envelhecimento: Algumas reflexões no campo da experiência
	2014	Transversal, qualitativo/Brasil/Bagoas Estudos gays: gênero e sexualidade	A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos
	2014	Transversal, qualitativo/Brasil/Livro	Ao sair do armário, entrei na velhice... Homossexualidade masculina e o curso da vida
Márcio Alessandro Neman do	2011	Transversal, qualitativo/Brasil/ Revista Temática Kairós Gerontologia	“Velha canção sertaneja”: narrando história de vida interiorana sobre o processo de envelhecimento nas homossexualidades

Nascimento			
Fernando Altair Pocahy	2011	Transversal, qualitativo/Brasil/ Revista Polis e Psique	A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade
	2012	Transversal, qualitativo/Brasil/ Revista Estudos Feministas	Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino
	2012	Transversal, qualitativo/Portugal/ ex aequo	A velhice como performativo: dissidências (homo)eróticas
	2014	Transversal, qualitativo/Internacional/ Annual Review of Critical Psychology 11	Gender and Sexuality Performances de um corpo contestado: homo/erotismo e envelhecimento
	2014	Transversal, qualitativo/Brasil/Bagoas Estudos gays: gênero e sexualidade	Deuses e Monstros: envelhecimento e (homo)sexualidade nas tramas da abjeção
	2015	Transversal, qualitativo/Brasil/Revista Clínica e Cultura	Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura
	2016	Transversal, qualitativo/Brasil/Revista Em aberto	Gênero, sexualidade e envelhecimento: (micro)políticas de subjetivação e educação
Guilherme Rodrigues Passamani	2015	Transversal, qualitativo/Brasil/Tese de doutorado	Batalha de Confete no "Mar de Xarayés" : condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade.
Gustavo Santa Roza Saggese	2015	Transversal, qualitativo/Brasil/Tese de Doutorado	Entre perdas e ganhos: homossexualidade masculina, geração e transformação social na cidade de São Paulo
Gustavo de Oliveira Duarte	2013	Transversal, qualitativo/Brasil/Tese de Doutorado	O "Bloco das Irenes" : articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento

Fonte: A autora (2021)

O quadro abaixo retoma de forma sistematizada os achados identificados no quadro 1:

Quadro 3- Revisão sistemática sobre a temática da Homossexualidade e envelhecimento

Autor	Ano	Tipo de	Produções sobre a temática
-------	-----	---------	----------------------------

		estudo/Local/Publicação	
Carlos Eduardo Henning	2016; 2017	Transversal, qualitativo/Brasil/ Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology (2016)/ Horizontes antropológicos (2017)	Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the "LGBT elders"
	2020	Transversal, qualitativo/Brasil/ Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana	O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis
Fernando Altair Pocahy	2012	Transversal, qualitativo/Portugal/ ex aequo	A velhice como performativo: dissidências (homo)eróticas
	2012	Transversal, qualitativo/Brasil/ Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana	"Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado
Ludgleydson Fernandes de Araújo e Karolyna Pessoa Teixeira Carlos	2017	Transversal; qualitativo/Uruguai/Psicología, Conocimiento y Sociedad	Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT
Sofia von Humboldt, Francis Carneiro e Isabel Leal	2020	Transversal; quantitativa/Portugal/ Psicologia, Saúde & Doenças	O que prevê o ajustamento ao envelhecimento idosos lésbicas, gays e bissexuais?
Cristina Monteiro Paulo e Graça Esgalhado	2020	Transversal, Quantitativo e descritivo/ Portugal/ Psicologia, Saúde & Doenças	Religiosidade e envelhecimento bem-sucedido em homens gays e bissexuais mais velhos
José Alberto Ribeiro-Gonçalves, Pedro Alexandre Costa e Isabel Leal	2018	Transversal, qualitativo/Portugal/ Psicologia, Saúde & Doenças	Silver rainbow: estigma em homens gays idosos, uma perspectiva de stress minoritário
	2020	Transversal, quantitativo/Portugal/ Psicologia,	Esperança e suporte proximal e distal em homens idosos minoritários

		Saúde & Doenças	portugueses
Daniel Kerry dos Santos e Mara Coelho de Souza Lago	2013	Transversal, qualitativo/Brasil/ Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana	Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si
Filipa Daniela Marques e Liliana Sousa	2016	Trasnversal, qualitativo/ Portugal/Revista Paidéia	Portuguese Older Gay Men: Pathways to Family Integrity
João Paulo Ferreira, Keika Inouye e Richard Miskouci	2020	Transversal e qualitativo e descritivo/Rio de Janeiro/ Physis: Revista de Saúde Coletiva	Homens homossexuais idosos e de meia-idade nas mídias digitais: autodescrição, apoio social e qualidade de vida
João Paulo Ferreira e Richard Miskolci	2020	Transversal e qualitativo/ Brasil/Caderno de saúde Pública	Homosexuality and biomarkers of aging in the production of gerontological knowledge by American, British, and Brazilian authors

Fonte: A autora (2021)

Após revisão bibliográfica, efetuada a partir da leitura das produções apresentadas nos quadros 2 e 3, identifiquei os principais cenários que envolvem a temática do envelhecimento de homens idosos homossexuais. Nesse sentido, a partir desse levantamento, identificamos as seguintes temáticas e eixos, que discutirei a seguir: 1) Envelhecimento LGBT: Hétero e homonormatividade e possíveis pontos de fuga, 2) A saída do armário e a importância do suporte relacional e 3) Homossociabilidades, velhice e eroticidade

3.3 Principais resultados

3.3.1 Envelhecimento LGBT: Hétero e homonormatividade

O ideal de juventude, que no mundo ocidental é sinônimo de beleza e vitalidade, provoca na sociedade o esforço permanente na busca da suposta felicidade em ser eternamente jovem. A ditadura da juventude coloca o corpo como fundador de identidades e práticas, devendo esse ser “robusto, ativo e sexualizado” (ARAÚJO; CARLOS, 2017, p. 222).

Nessa perspectiva, a velhice passa a ser um momento que deve ser evitado ao máximo, cabendo ao ‘velho’ manter características positivas da juventude, devendo ser no mínimo um ‘velho ativo’ (PASSAMANI, 2015).

Mesmo pensando a partir das representações mais ‘positivas’ do idoso na vida social contemporânea, tem-se uma conotação universalizante e generalizadora e circunscrita à moral heterossexual. Ou seja, quando a velhice é associada à sexualidade, mesmo nos contextos que consideram essa última como fundamental ao envelhecimento ativo, trata-se da sexualidade de idosos heterossexuais, sendo as sexualidades dissidentes, percebidas a partir de estigmas e preconceitos (ARAÚJO; CARLOS, 2017). Assim, estipula-se a partir de discursos de erotização da velhice, o que seria o ‘bom sexo na velhice’, obliterando “práticas ou identidades sexuais dos velhos tidas como ‘desviantes’ como, por exemplo, as não-heterossexuais, não conjugais e/ou não-monogâmicas” (Henning, 2014, p. 109).

Nessa perspectiva, Nascimento (2011), destaca que a condição homossexual e as vivências homoeróticas não isentam esses atores sociais de sofrerem influências da heteronormatividade, do sexismo, da religião, do machismo, da família e até mesmo da ciência. Desta forma, a cultura heterossexista influencia e está presente na cultura gay (homonormatividade). Pocahty (2012), compreende que a homonormatividade passa a ser outra forma de exclusão e manutenção das regulações, que também funciona a partir de marcadores como gênero, sexualidade, idade, raça e classe social. Nessa esteira, Santos e Lago (2013) aponta que “a homonormatividade é uma nova máscara da norma que, disfarçada sob um apelo integrador e tolerante, restringe as possibilidades de invenção da sexualidade e dos prazeres” (p.121).

Em diálogo com a concepção de que os idosos homossexuais são submetidos a normas e códigos tanto hétero como (homo) normativos, temos a pesquisa realizada por Henning (2014), na qual ele detecta a associação de críticas e comentários depreciativos às categorias das ‘tias que fazem a adolescente’ e os ‘viados-susana-vieira’, assim como sobre as ‘bichas velhas’ e as ‘mariconas caquéticas’, e percebe que isso não ocorria com outras categorias, vistas por eles como mais positivas, como paizão, tiozão, etc.

Santos e Lago (2013), refletindo sobre o impacto da hétero e da (homo) normatividade destaca:

Pensamos que o sujeito velho e homossexual caminha em uma região discursiva limítrofe: está entre a possibilidade de reinvenção de si mesmo (de escolher eticamente como se conduzir como sujeito moral) e o risco eminente de ser considerado um ser abjeto, não desejável, menosprezado em nossa cultura heterossexista e que trata a velhice como algo a ser rejeitado (SANTOS; LAGO, 2013, p. 141).

Nesse sentido, em contrapartida as visões hétero e (homo)normativas da velhice LGBT, Santos e Lago (2013) afirma que a velhice pode ser pensada em termos de desvio das marcas de um corpo, que ao invés de negar sua materialidade, assume uma posição de confronto ao imperativo estético imposto pelo ideal de juventude. Desta forma, defendem uma ética de envelhecimento voltada às potências dos corpos, pensando o homoerotismo e a homossexualidade enquanto experiências que podem ser vividas a partir de uma “estética e ética e não como mais um modo de assujeitamento” (SANTOS; LAGO, 2013, p. 143). Os autores ainda pontuam que “se há um fantasma da abjeção que ronda as velhices entre homossexuais, há também modos de vida, estilísticas, estéticas e éticas que permitem fazer da vida algo possível e habitável. Vida como arte” (p. 143).

Nessa perspectiva, Henning (2014), aponta que na visão dos homens mais velhos entrevistados por ele:

O fato de envelhecer e se aproximar do que socialmente é concebido como velhice parece ser, per se, também um sinal de resistência, assim como de superação, de vitórias, de sobrevivência e, por vezes, de orgulho. Antônio, um de meus contatos, de 67 anos, que se declara “100% gay”, ao relembrar suas experiências reiteradas de preconceito iniciadas ainda na infância, somadas à sobrevivência à epidemia do HIV/Aids, quando viu mais da metade de sua rede de amigos próximos falecer, me disse de maneira orgulhosa: “E apesar de tudo isso, eu ainda estou aqui! ”. Sua fala remete à ideia de que o próprio fato de estar vivo e ter tido a possibilidade de envelhecer, para alguns desses homens, pode ser visto como um sinal de resiliência e superação de muitas batalhas e enfrentamentos cotidianos no decorrer de suas biografias. (HENNING, 2014, p. 48).

Outro ponto positivo encontrado por Henning (2014) sobre a vivência da maturidade por seus interlocutores é que estes relatavam sentir-se mais seguros de si, mais atraentes e valorizados, inclusive pelos mais jovens. Os interlocutores também mencionavam a internet como uma forma de interação homoerótica que deu um “salto qualitativo em suas vidas eróticas”, possibilitando a vivência de práticas sexuais e da sexualidade como um todo (HENNING, 2014, p. 50).

O autor também destaca que seus interlocutores narraram “pontos de fuga” pautados na valorização da erotização por esses sujeitos idosos, ou seja, o autor chama atenção para a capacidade desses homens homossexuais idosos de vivenciarem para além dos enfrentamentos ao preconceito e desvalorização social e erótica de suas práticas, um movimento oposto de “valorização erótica e de desejabilidade desses homens maduros, mesmo que circunscrito a determinados homens mais velhos que apresentem atributos específicos” (HENNING, 2014, p. 199).

Nesse sentido, Henning (2014) defende que seus interlocutores conseguiam lidar com as questões impostas pelo envelhecimento, não a partir de uma vitimização ou ausência de possibilidades de atuação, mas a partir de agenciamentos e negociações diversas, como por exemplo, “nas formas contextuais de tentar burlar os processos excludentes que lhes negam horizontes de desejabilidade e valorização erótico-sexual” (HENNING, 2014, p. 201).

Nesse sentido, no que diz respeito a homonormatividade, percebemos que as linhas de fuga que o idoso homossexual opera, ocorre quando estes, mesmo quando colocados como um "corpo de menor valor" na cena homossexual, rompem com a norma, ocupando lugares que não foram ‘destinados’ a estes. Assim, conforme Pocahy (2020), os sujeitos, a partir de articulações e negociações, saem da invisibilidade, protagonizam jogos de sedução e eroticidade, subvertendo e reconfigurando os lugares que a norma reservou para eles.

Ou seja, tanto no que diz respeito a hétero quanto à (homo) normatividade, ao quebrar a expectativa do que é esperado para o corpo idoso, este produz uma erótica que conduz ao prazer, resiste, rompe com o curso ‘esperado’ da vida.

3.3.2 A saída do armário e a importância do suporte relacional

A saída do armário (*coming out*) é um momento importante no curso de vida de homens homossexuais, pois envolve tanto atitudes e sentimentos de reconhecimento, aceitação e respeito quanto de medos, receios, tensões e possíveis enfrentamentos (SAGGESE, 2009).

Nesse sentido, a forma como esse momento é vivenciado na juventude (e se foi vivenciado), pode interferir por toda a vida, como nos mostra a investigação de Marques e Sousa (2016) sobre a construção da integridade familiar, na qual eles identificaram que o momento da divulgação da homossexualidade na juventude é um marco importante, ganhando relevância na velhice quando a homossexualidade pode se tornar um legado. Assim, eles concluíram que os homossexuais idosos que tiveram apoio da família e dos amigos (família escolhida), mesmo se não deixarem descendentes, compreendem que podem ser legados, pois podem ser modelos para os homossexuais jovens, ajudando-os a lidar com a estigmatização e contribuindo no processo de auto identidade).

Nessa perspectiva, pensando em curso de vida e as imposições deste para os homossexuais, Henning (2016) traz o conceito de teleologia heteronormativa, a qual pode ser compreendida como:

Uma forma normativa de estipular metas, fins e objetivos últimos para o percurso

biográfico (como relações sexuais [particulares], conjugalidade, reprodução, parentalidade e conformação familiar), os quais são guiados por referenciais heterossexuais [e cisgêneros] inequívocos e aparentemente inescapáveis, e cuja finalidade e sequencialidade linear e irretornável se tornam – em um efeito social pervasivo e convincente – princípios fundamentais de explicação, significação e ordenação da experiência biográfica (Henning, 2016, pp.367-368).

Nesse sentido, a própria revelação poderia se constituir um desafio a teleologia heteronormativa, fazendo que muitos dos homossexuais (principalmente os que hoje são idosos), sentissem na época, “como se estivessem navegando por mares desconhecidos, revoltosos, inseguros rumo a um futuro incerto, sem bússola ou modelos de referências” (HENNING, 2016, p. 141).

Percebemos que tanto Marcos e Souza (2016), quanto Henning (2016) apontam que os desafios experienciados no curso de vida, podem interferir na vivência da homossexualidade na velhice. Nesse sentido, além da condição de ter ou não saído do armário e todas as consequências desse movimento de entrar ou sair neste, está fortemente relacionado à necessidade de suporte relacional.

Nesse sentido, Henning (2014) destaca que:

Estar em um relacionamento erótico-afetivo relativamente longo (ou com pretensões de longevidade) é algo considerado, em si e invariavelmente, como positivo. E isso se torna um elemento significativo quando considerado que a conjugalidade tem se mostrado um valor e um dos ideais centrais no que poderia ser visto como uma “boa velhice LGBT” (HENNING, 2014, p. 153-154).

Sobre a importância do apoio social, Henning (2014) pontua que a proximidade desses sujeitos às instituições ‘consideradas centrais nas comunidades LGBT, como centros comunitários, organizações ‘friendly’, assim como bares, boates e ‘cafés gays’, promoveria, em teoria, uma melhor experiência de envelhecimento e velhice’ (HENNING, 2014, p. 154).

A respeito das Redes de suporte social, Henning (2014), observa entre seus interlocutores referências às ‘famílias de sangue’ e às ‘famílias de coração’. O autor exemplifica a partir da fala de Célio-nome fictício de um de seus interlocutores- que o termo ‘família de coração’ alude “difusamente a um conjunto de imagens de acolhimento, conforto, segurança, aceitação, tolerância e base efetiva de apoio social em eventuais momentos difíceis da vida” (HENNING, 2014, p. 340). Nesse sentido, o autor complementa:

Na análise dessas narrativas, a “família do coração”, mais do que meramente indicar vínculos e laços de parentesco (embora tais indicações não possam ser menosprezadas), parece quase sempre se mesclar à ideia própria de redes de suporte social. Dessa forma, quanto mais próximo estivesse um determinado sujeito de ser considerado relevante no

contexto dessas malhas, mais provável seria, por exemplo, considerá-lo integrante da “família de coração” (HENNING, 2014, p. 340).

Duarte (2013), em sua tese “O bloco das Irenes”: articulações entre amizade, homossexualidade (s) e o processo de envelhecimento, pontua que concepções sobre casamento, família, asilo, doença, podem ser problematizadas e recriadas a partir de outras relações sociais e modos de vida possibilitadas pela questão da amizade e de suas criativas, porosas, flexíveis. Amizade como proposição de estilística da existência aponta para criação de uma nova erótica não disciplinada, ou seja, uma economia de prazer não normatizada sexualmente (DUARTE, 2013, p. 219).

3.3.3 Homossociabilidades, velhice e eroticidade.

Na pesquisa realizada por Nascimento (2007), o autor traz que os espaços destinados a socialização GBLTTT, que supostamente deveriam ser locais de lazer, expressão das sexualidades, convívio e cumplicidade; apesar de se configurarem como menos coercitivos que os destinados aos heterossexuais:

Também (re)produzem práticas sociais homofóbicas na ordem da hierarquização e exercício de relação de poder entre os próprios homossexuais, revelando conteúdos homofóbicos interiorizados demonstrados em práticas que perpetuam a diferenciação e expressões de preconceito dentro da própria diversidade sexual, sugerindo que determinados grupos de homossexuais estejam mais vulneráveis à violência (NASCIMENTO, 2007, p. 137)

Ao utilizar expressões que pretendem denotar de forma pejorativa, preconceituosa e estigmatizantes os sujeitos que apresentam características distintas daquela imposta pela cultura heterossexista, os lugares gays acabam reproduzindo discursos sociais que categorizam as homossexualidades (NASCIMENTO, 2007). Assim, a participação da comunidade homossexual nesse discurso preconceituoso, contribui para a reprodução cultural das desigualdades e da hierarquização. (NASCIMENTO, 2007).

Córdova (2006), chama atenção para existência de uma forte lógica de desqualificação social das diferenças no âmbito das sociabilidades homossexuais da cidade, que faz com que muitos homossexuais se sintam discriminados. Desta forma, segundo relatos de sete entrevistados no trabalho de Córdova (2006), os bares e boates GLS eram frequentados em sua maioria por jovens, o que levava a maioria de seus interlocutores afirmarem preferir frequentar festinhas de amigos a sair para esses lugares.

Em contrapartida, Paiva (2012) em seu artigo "Corpos seres que não importam? Sobre homossexuais velhos" traz, entre outros questionamentos, como homossexuais idosos negociam com o campo das homosociabilidades. Nesse sentido, o autor destaca algumas falas de seus entrevistados onde estes problematizam o envelhecimento dos homossexuais a partir da possibilidade de sociabilidade e parcerias entre estes, na velhice:

Como a nossa cultura é a do jovem, o jovem é que tem a supremacia de tudo e o velho não tem direito a nada, imagine o gay na terceira idade.... Nós gays deveríamos já estar trabalhando essa questão. Nós estamos no terceiro milênio e não vi nenhum movimento falar do gay velho... O gay por si só já é solitário, imagina quando ele está envelhecendo (p. 274). [...]. Se um gay de 25 anos acha que está só, imagina um cara de 55 anos, que foi abandonado porque não tem mais a pele viçosa, porque não levanta direito, ou porque está feio, enrugado, ou porque está decadente... Ninguém trabalha essa questão: todos acham que vão ter sempre vinte anos, com os músculos todos durinhos, com a bundinha em pé... (p. 236). [...]. Estamos preparados para essa realidade? (p. 275) Basta ver a “safra nova” de gays nas boates, nos bares, assumindo o batente, curtindo a vida da melhor forma que acham... (p. 215) (PAIVA, 2012, p.202)

O autor Gustavo Weiler (2004) identificou a partir do trabalho no NUANCES- grupo pela livre expressão sexual-, do qual é voluntário, que são raras as campanhas destinadas aos idosos homossexuais, e por estes estarem distantes da supervalorização do corpo e da beleza estética da juventude, acabam tentando fugir de estereótipos, que segundo o autor, eles mesmos criaram quando eram jovens. Nesse sentido, ele apontou para ao afastamento e falta de diálogos entre as diferentes gerações, inclusive, a partir da utilização de vocativos “pejorativos” como “Irene”, “mariconna”; “bicha velha”; entre outros. (WEILER, 2004, p. 95-96).

Porém, como afirma o autor:

Quem ficar atento vai reparar nas bibas veteranas que frequentam os parques, as praças e os vapores das saunas, acompanhadas por rapazes bonitos e por outros homens maduros. Ou à procura deles. Os homossexuais envelhecem e estão fazendo sexo, que não é – como se faz querer crer – um privilégio da juventude. Se elas não estão em casa fazendo tricô, mas circulando nas ruas, isso precisa ser considerado! (WEILER, 2004, p. 96)

Nesse sentido, o autor anuncia o projeto Prazer Não Tem Idade. Este foi desenvolvido no intuito de desmistificar e dar visibilidade a essa parcela da população (WEILER, 2004). Nesse projeto, o autor reafirma que os locais de pegação já contam com a presença de homossexuais idosos e que estes também, como a maioria que comparecem a esses locais, querem sexo. Assim, do ponto de vista da pegação e das relações constituídas, o autor destaca que:

Os parceiros são conquistados tanto pela via afetiva quanto pelo viés econômico, sem que isso seja alvo de horror ou culpa. Pode ser algo romântico; e pode ser um namoro – como se vê nas saunas – com garotos de programa. Entre os mais experientes, muitas ilusões do romantismo desaparecem, há toda uma diversidade na busca de soluções para suprir as carências e desejos de cada um... sem a burocracia das promessas de fidelidades, os gueis mais velhos dialogam com o corpo. E gostam muito dos corpos dos jovens michês... (...) A cena das duchas declara o que acontece de fato nas saunas: a diversão dos amigos, a fruição dos corpos e que o contato afetivo e continuado, chamado namoro, também existe. O garoto pode ser o mesmo da semana passada, pode ser um novo... A biba pode estar pagando a universidade do rapaz, conhecer sua família, formando um vínculo. Aí aparece o relacionamento com os amigos, a cerveja compartilhada. O que não exclui o fato de que muitos vão a saunas e outros locais onde não há garotos de programa e onde esses relacionamentos se dão entre os próprios clientes! (WEILER, 2004, p. 96-97).

Nessa esteira, Duarte (2013) afirma que: “para além das saunas, das locadoras, dos bares e boates do circuito gay e do comércio com os michês, diferentes representações de gays velhos também ocupam o mundo virtual-real” (DUARTE, 2013, p. 84). Na pesquisa de Passamani (2015), o autor também chama atenção para a contribuição do advento das novas tecnologias de comunicação para diferentes trânsitos empreendidos por alguns de seus interlocutores.

Na pesquisa de Pocahy (2011), sobre “bichas velhas” em Porto Alegre, o autor, utiliza o universo das saunas e videolocadoras pornôs, para demonstrar que homens mais velhos, podem ser ativos no processo que envolvem a sedução, a conquista e o sexo tarifado com outros homens, geralmente mais jovens. Ele também chama atenção para intensa negociação que envolve a conquista desses homens mais jovens pelos mais velhos, o que Passamani (2015) vai chamar de “protagonismo focado” (PASSAMANI, 2015, p. 50).

Nesse sentido, Pocahy (2011) afirma ter procurado por idosos que ‘surpreendem’, que desobedeçam às normas de gênero e sexualidade estabelecidas a partir da heteronormatividade. Assim, ele compreende a sauna como: “um lugar onde há uma suspensão ligeira das ‘identidades sexuais’ e ‘das amarras eróticas’ normativas” (POCAHY, 2011, p. 61). E complementa que: “não se pode deixar de considerar que muitas das interações realizadas na sauna, em relação as aparências corporais, são postas em suspensão: ali, pode-se transar com o sujeito mais ‘bizarro’” (Pocahy, 2011, p. 61)

Sobre as performances das experiências acompanhadas por Pocahy (2011), ele destaca que apesar de muitas destas serem marcadas pelo exercício da atividade sexual, ele percebeu que muitas performances se dirigia “a uma sociabilidade erótica, que não inclui necessariamente o ato sexual como prática privilegiada. (Pocahy, 2011, p. 79). Nesse sentido, apesar de muitos, segundo Pocahy (2011) recorrem inclusive, a “tecnologias para maximizar as possibilidades do ato sexual”, muitos outros “vivenciam a experiência do erotismo como

articulador de uma sociabilidade, a ser vivida em uma tarde ou numa noite sem muitos compromissos com o dia seguinte” (Pocahy, 2011, p. 79).

3.4 Algumas considerações

A partir do levantamento bibliográfico, percebi que esses discursos em sua maioria, eram pautados a partir da interseção de diferenças e desigualdades que hierarquizavam as relações entre homossexuais idosos. Nesse sentido, falar em resistência implica em pensar em ações que são engajadas na luta para desmontar, desconstruir os discursos hegemônicos, que no nosso caso, refere-se à hétero e à homonorma.

Afirmações sobre uma suposta igualdade, principalmente nos discursos de alguns dos sujeitos envolvidos na indústria do entretenimento LGBT, requerem estarmos atentos às fissuras e inconsistências desses discursos e analisa-los a partir da interseção de marcadores sociais como geração, gênero, raça/cor da pele, corporalidade e classe social com homoerotismo.

Diante de discursos que desqualificam suas práticas, os homossexuais idosos produzem rasgos discursivos na norma e rompem/resistem a esta. Estes atores sociais constroem linhas de fuga/desvios das normas às quais estão expostos, sendo identificado diversas estratégias de resistência entre elas, a homossociabilidade (principalmente a partir do advento da internet), a saída ou permanência no armário, a amizade, a conjugalidade e as relações sociais de apoio, entre outras.

Tais linhas de fugas permitem a constituição de uma estática de si, possibilitando que esses sujeitos rompam com o curso previsto para suas vidas, e engendrem um outro sentido de lugar para as gerações de homossexuais idosos no Brasil contemporâneo.

4 NOTAS TEÓRICOS-METODOLÓGICAS

A tese foi desenvolvida na condição de um pesquisa qualitativa de caráter narrativo, onde foi estimulado aos interlocutores contarem sobre suas experiências enquanto homens com práticas homossexuais, de modo a resgatar memórias e “pontos de viragem” que ocorreram ao longo de seu curso de vida. Essa modalidade de pesquisa é utilizada quando se busca mais do que construir sujeitos e descrever suas experiências, a proposta é visibilizar as posições de sujeito, procurando compreender a rede de significados e os discursos por meio dos quais eles vão sustentando ou acatando suas identidades, compreendendo que estes constroem ativamente seus significados a partir de suas experiências (SCOTT,1991).

Outros conceitos que serviram de escopo teórico-metodológico para presente pesquisa, foram o de curso de vida e o de experiência.

O curso de vida enquanto teoria de desenvolvimento, em contraponto com o ciclo de vida, permite um olhar menos biologizante e linear, entendendo a vida a partir de um processo complexo que abrange aspectos individuais, sociais e históricos, devendo ser problematizado de forma relacional-dialogando com elementos do passado (as experiências acumuladas e memórias) e perspectivas de futuro (BASSIT, 2002; DEBERT, 2004).

O curso de vida foi inicialmente pensado por Elder (1998), que nos apresentou seu estudo sobre crianças na época da Grande Depressão nos EUA. Nesse estudo, realizado a partir do uso de dados longitudinais em um intervalo de 30 anos de coleta, o objetivo era compreender a vida de alguns homens e mulheres de Oakland, nos seus quarenta anos. O pesquisador utilizou como pergunta norteadora: “como a depressão econômica da década de 1930 afetou esses adultos, que na época eram crianças provenientes de famílias de classe média e trabalhadora, antes do colapso econômico da Depressão?”. Os participantes da pesquisa foram crianças nascidas no início da década de 1920 que entraram na infância durante esta época e, posteriormente, experienciaram as dificuldades econômicas dos pais e familiares devido ao colapso econômico vivenciado na ocasião de sua adolescência.

A partir da referida pesquisa o autor observou a importância de considerar quatro aspectos (ELDER, 1998, p. 3 e 40):

- 1) A situação no tempo e no lugar, a qual deve levar em consideração o contexto histórico, social e cultural;
- 2) O entrelaçamento de vidas, ou seja, o compartilhamento de experiências semelhantes;
- 3) A capacidade de agência humana, que ressalta a relação entre a movimentação dos indivíduos em busca de realização e a direção que estes percorrem para alcançar suas metas;
- c) A relação dos eventos cronológicos da vida de um indivíduo e os grupos característicos do grupo de referência, sendo estes peculiares ao momento histórico vivenciado.

A partir de Clausen (1993), o autor destaca que: “as escolhas das pessoas sobre o tempo constroem seu curso de vida, mas a chance de fazer certas escolhas depende das oportunidades e limitações da história” (p. 5). Nesse sentido, Elder (1998) explica que as experiências de transição representam uma abordagem estratégica para o estudo das trajetórias de vidas, fornecendo pistas para a mudança de desenvolvimento. Desta forma, a importância das primeiras transições se dão por estas potencializarem efeitos gerados a partir das consequências dessas mesmo depois de muitos anos e décadas terem se passado, desencadeando vantagens e desvantagens cumulativas (ELDER, 1998).

Do ponto de vista metodológico, analisar a curso de vida de nossos interlocutores e apreender a experiência de envelhecimento desses homens homossexuais, requer que se considere seu percurso desde a infância, atravessando a história geracional e identificando os “pontos de viragem” que possam surgir durante a construção do percurso biográfico desses sujeitos.

Vale dizer que o termo “ponto de viragem”, conforme Elder (1998), designa acontecimentos significativos na trajetória da pessoa, que podem operar mudanças, rupturas igualmente significativas e/ou re-significadas. Nesse sentido, elas não se referem apenas às experiências negativas, mas também às que tiveram impacto positivo na vida dos sujeitos, propiciando sentidos e/ou mudanças significativas no curso de vida dos interlocutores de nosso estudo.

Quanto ao conceito de experiência, utilizei a perspectiva de Joan Scott (1991) e Avtar Brah (2006). A primeira, inspirada na crítica literária Karen Swann, propõe “historicizar a noção de experiência”. A autora critica a busca por legitimidade e autoridade da experiência (geralmente branca, masculina, ocidental) pelo campo científico da História, e afirma que os sujeitos são constituídos através da experiência, sendo impossível compreender esta, sem compreender os processos históricos e sociais que posicionam os sujeitos (SCOTT, 1999).

Dessa maneira, compreendo não ser possível produzir conhecimento sobre envelhecimento e homossexualidade sem levar em consideração que existe uma diversidade que abrange essas categorias, sendo estas produzidas a partir de localizações geopolíticas, históricas e sociais. A experiência desses sujeitos, portanto, possibilita a compreensão dessa diversidade, a partir das singularidades e diferenças subjetivas e identitárias destes.

Avtar Brah (2006), propõe utilizar a análise das diferenças (raciais e de classe, por exemplo) por meio da “experiência”. Nesse sentido, a autora compreende experiência como:

Um lugar de contestação: um espaço discursivo onde posições de sujeito e

subjetividades diferentes e diferenciais são inscritas, reiteradas, repudiadas. É essencial então enfrentar as questões de que matrizes ideológicas ou campos de significação estão em jogo na formação de sujeitos diferentes, e quais são os processos econômicos, políticos e culturais que inscrevem experiências historicamente variáveis (BRAH, 2006, p.261).

Penso experiências enquanto posicionamentos construídos a partir das realidades vividas, constituídas a partir das negociações entre individualidades e coletividades.

Nesse sentido, tentei estar atenta às diferenças de idade, raça e classe social trazidas nas narrativas de meus interlocutores, e suas possíveis consequências nas suas experiências de envelhecimento.

4.1 Aspectos metodológicos

O objetivo geral da pesquisa se constituiu em compreender a experiência de homens homossexuais idosos, a partir do curso de vida. Para alcançar tal objetivo, tive como objetivos específicos: 1) Reconstruir os cursos de vida sexuais de pessoas idosas e homossexuais; 2) Compreender as possíveis negociações, disputas e resistências no processo do envelhecimento homossexual e; 3) Identificar as marcações e articulações entre idade, gênero, raça e classe nestas experiências

Com base na perspectiva metodológica escolhida- Pesquisa qualitativa de caráter narrativo-, a quantidade de pessoas não é o critério mais significativo para a seleção de entrevistados, mas, tal escolha, ocorre pela disponibilidade, desejo e motivação dos sujeitos de compartilharem as suas histórias. Assim, o número de participantes pode ser bem reduzido, inclusive, considerando o propósito de acessar, através das narrativas, o máximo de detalhes das experiências vividas (TERTO JR., 2000; MEIHY, 1996). A proposta inicial da pesquisa era entrevistar quatro homens homossexuais idosos, no entanto, devido à pandemia do SARS-COV- 2, não foi possível entrevistar os quatro e apenas um dos três entrevistados, é idoso-idade maior ou igual a 60 anos. Dessa forma, participaram três homens homossexuais com idades entre 56 e 65 anos: Dr. House, 65 anos; Francisco, 56 e Edson, 56¹.

Outra questão importante é que devido à essa mudança na faixa etária dos entrevistados e também pelo rumo que as narrativas foram conduzindo, a tese inicialmente objetivava compreender a experiência de homens idosos, mas passou a focar nas experiências de ser homossexual e o que estas vivências trouxeram ao longo do curso de vida de

¹ Nomes fictícios.

consequências na vida atual. Dessa forma, este trabalho é sobre as experiências de homens homossexuais e como eles percebem/vivenciam o envelhecimento.

Os participantes foram acessados a partir de rede de contato própria, através da qual consegui seus telefones e posteriormente entrei em contato. Cada um dos entrevistados foi indicado por uma pessoa diferente de minha rede de contatos. Na ocasião do primeiro contato com cada um, expliquei sobre minha pesquisa e marquei um dia e horário que fosse conveniente para eles. Por estarmos em *lockdown*², expliquei que poderíamos fazer a pesquisa pelo google meet, skype ou qualquer outra ferramenta de comunicação. Todos eles me pediram que a entrevista fosse por telefone, pois alegaram ter dificuldades com as referidas ferramentas. Nesse caso, o Termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice2) foi lido antes de iniciarmos as entrevistas, sendo que esta só começou após a autorização dos interlocutores. Foi avisado que podíamos marcar outras entrevistas e que caso eles se sentissem cansados, poderíamos parar e continuar em outro dia. No entanto, eles optaram por completar a entrevista no dia em que marcamos. Nesse sentido, Dr. House, Francisco e Edson dedicaram respectivamente 45 minutos, 1 hora e 20 minutos e 58 minutos de entrevista. Eles pareciam ansiosos por conversar com alguém e pareceram confortáveis durante toda a entrevista.

Sobre as entrevistas, estas foram com enfoque biográfico, sendo abertas porém tendo como suporte inicial um roteiro (Apêndice1). Dessa forma, através das entrevistas, foram abordados aspectos gerais da vida atual, da infância, da adolescência e da vida adulta dos interlocutores. Em adição, com o consentimento dos interlocutores, as entrevistas foram gravadas e transcritas. Os entrevistados, na medida em que iam contando a história da sua vida, aspectos do discurso iam sendo aprofundados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998; MINAYO, 1993).

Para a análise dos dados do estudo, foi utilizado, como modelo interpretativo, a dupla hermenêutica (Giddens, 1984), a partir do qual busquei desvelar os sentidos que as participantes construíram de suas próprias ações e experiências, balizando e comparando com o sentido que eu, munida do meu referencial teórico-metodológico, construí das ações, experiências e interpretações de meus interlocutores.

A análise das narrativas dos participantes foi norteada pelos contextos de subjetivação que passaram e delinearam o curso de vida desses homens em foco, constituindo assim três

2 O lockdown se refere a uma forma de proteção à disseminação de vírus, que no presente caso, se refere ao SARS-COV-2.

principais eixos analíticos: 1) Vicissitudes do armário; 2) Envelhecimento e amizade; e 3) Envelhecimento e perspectivas para o futuro.

5 CONTE-ME SUA HISTÓRIA

● Dr. House

Dr. House nasceu em 1955 (65 anos) numa “*típica família de classe média preconceituosa*”. Por muito tempo foi o quarto filho de uma família composta por três homens e duas mulheres, até que seu irmão caçula morreu aos dezessete anos, e ele se tornou o filho caçula.

Identifica-se como um homem branco, pertencente a classe média. Quanto à religião, ele se nomeia ateu. Sua área profissional o fez temer por seu sigilo, conversando comigo por uma semana, até decidir participar de nossa pesquisa.

Na infância, Dr. House afirma ter sido oprimido pela família, que ao perceber uma ‘sensibilidade diferenciada’ por parte deste, o observava com mais atenção com o intuito de discipliná-lo. Ou seja, desde a infância a socialização do menino demonstra aprendizados arbitrários que remetem a constante vigilância e controle quanto ao que significa ser homem.

“Tive uma infância muito reprimida. Meu pai pegava muito no meu pé. Meu irmão mais velho também fazia muito bullying e me deixava constantemente com uma sensação de insegurança. Ele fazia gozação comigo, fazia ruindade, imitava mulheres, essa coisa da gente, isso de brincadeira, dando toque na minha...”

Dr. House trouxe uma experiência, que hoje ele nomeia como homoafetiva, que ocorreu em sua infância:

“Eu tinha 9 anos, e lembro que fui extremamente apaixonado por um coleguinha da rua. Era mais, assim, aquela brincadeira que misturava a coisa da sexualidade de criança de abraçar, um encostar no outro, mas nada explícito, menino descobrindo a sexualidade, mas eu ia mais além, eu tinha mesmo reações, ele chegava e eu tinha taquicardia, eu ficava nervoso, sabe? Parecia que chegava alguém muito especial mesmo (ele era feio, ele era magro, parecia um ratinho catita), mas ele chegava e era a minha luz, o sol, eu ficava assim, encantado. Nunca namoramos, mas é uma coisa mesmo muito registrada na minha emoção e eu tenho muita referência, é foram os anos mais felizes de minha vida, das minhas descobertas e incluí, inclusive esse sentimentalismo muito forte para uma criança de 9 anos de idade. (...) quando nos mudamos, eu senti um rompimento, eu senti que ia deixar de ter essa pessoa. E aí passou-se, mas foi marcante, eu me apaixonei absolutamente, sem sexo, foi aquela coisa espiritual. Eu acho que a gente nem imaginava que podia fazer sexo, mas, eu na verdade, acho que não era recíproco não”.

Dr. House conta que quando veio a época do colégio ele se sentia meio destoado, percebia que tinha comportamentos e gostos diferentes do que esperavam para ele. Ele não era como a maioria dos meninos de sua escola que conversavam sobre mulher, jogavam bola

e chegavam suados. Ele gostava de música, de teatro, de arte, e por isso, não se sentia encaixado no universo ‘masculino’, que ele descrevia como sendo: *“jogar bola, sei lá, falar de mulher, não sei o quê”*.

Apesar de não se sentir acolhido pela maioria dos meninos, ele afirma que sempre tinha dois ou três amigos, que assim como ele, apreciavam as atividades ligadas à arte, e era com eles que ele passava a maior parte do tempo naquela época:

“Eu andava com 2 amigos gays, né? Só que até então não assumiam também, um que era muito inteligente que queria ser diretor de teatro, uma referência aqui no meio artístico, e outro. E aí que faziam aquela associação, porque eles (os outros meninos) iam jogar bola e chegavam lá suados e a gente não fazia isso, então tinha é (gaguejou) essa percepção. Aqui e acolá tinha um mais safadinho que tirava brincadeira e que esbrachava um pouco. Mas nunca fui destrutado por ser homossexual, até porque eu não sou pintoso, sabe? Eu não sou um gay que você perceba, eu ando, eu nunca precisei dessa coisa arquétipa, eu não precisei entrar num grupo, usar roupa do grupo, ter gesto do grupo, eu nunca associei como sou verdadeiramente a essa coisa estereotipada, de fazer parte de um grupo, não tinha a necessidade de fazer parte de um grupo, porque eu sempre tinha um companheiro, eu sempre tinha uma pessoa comigo legal, bacana e pronto”.

Pressionado pela família e pela sociedade, ele viveu boa parte de sua juventude se escondendo de seus desejos homoeróticos e por isso, acabou tendo algumas namoradas e nessa ocasião conheceu a mulher que viria a se casar com ele. Ele compreendia que para desviar a atenção das pessoas que percebiam sua diferença, ele precisava dar provas de sua masculinidade.

Dessa forma, aos 25 anos, diante do constrangimento de se revelar homossexual, Dr. House se casou e permaneceu nesse casamento por sete anos. Ele afirma que tinha atração sexual por ela, e que até então só havia se relacionado sexualmente, com mulheres. Inclusive, chegou a ter filhos- mais uma prova para sociedade de sua virilidade- e tentou se convencer que poderia ser feliz assim.

Um fato interessante é que diferente de muitos dos homossexuais da geração dos que hoje possuem mais de 60 anos, Dr. House não manteve em paralelo ao seu casamento, relações, mesmo que fugazes, com homens. Nesse sentido, talvez não possamos afirmar que Dr House esteve no armário, nesse período até a separação, afinal a expressão “dentro do armário” se refere ao momento em que o indivíduo não assumiu a homossexualidade e, mantendo-se isolado na sua posição, vez por outra, sai para vivenciá-la clandestinamente.

Depois de 7 anos de casados, ele se separou da mulher. Ela não sabia sobre seus desejos homoeróticos, mas após a separação acabou sabendo e eles ficaram amigos: *“enquanto estava casado com minha esposa, nunca a trai, nunca saí com homens. Minha*

forma de ‘extravasar’ era sair para conversar com meu grupo de amigos, que mantenho a amizade até hoje”.

Assim, até o momento de aceitar a sua condição de homossexual, ele empreendeu uma longa trajetória, como se buscassem nessa, o fortalecimento que faltava para o enfrentamento da homofobia. No entanto, Dr House não trouxe em nenhum momento uma narrativa de arrependimento de não ter assumido seu desejo homossexual antes, mas há um esforço aparente de aproveitar o tempo perdido após a separação.

Nesse sentido, Dr. House separado e com 32 anos começou a sair em busca de novas relações. Assim ele passa a usar de artifícios como usar o disque amizade, frequentar locais que ele chama de neutros, mas também aqueles que ele sabia ter mais facilidade de conseguir ter relações fugazes. Sobre a experiência com o disque amizade ele conta que:

“passei um tempo, porque aí era para pura satisfação sexual que era um número que a gente ligava e a gente conhecia as pessoas aí ia para o privado e se encontrava num motel para dar uma rapidinha ou então quando era mais interessante, a gente se conversava mais. Hoje eu tenho um grande amigo que foi por esse disque 145 e cheguei a ter uma relação com um rapaz, também foi por telefone porque eu me interessei muito na verdade, mas me evitava. Aí no fim, conversa vai, conversa vem, ele me disse que era esquizofrênico, contou que não queria se apaixonar por mim, embora tivesse se induzindo a isso, aí disse que tinha se apaixonado antes e tentou matar o cara por ciúme, não sei o quê, que ele não queria, enfim, ficamos amigos e conversávamos por telefone por um tempo e depois a gente se afastou”.

Nesse sentido, apesar de não assumir sua homossexualidade publicamente, num processo de auto-afirmação de seus desejos homossexuais, ele inicia sua busca por experiências homoeróticas. Ele começou a frequentar saunas, e sair com amigos e afirma que nunca gostou de frequentar o que ele chama de guetos:

“Eu nunca me vi um homossexual de gueto, eu nunca me senti diferente que eu precisasse ficar andando com pessoas com a mesma orientação para poder me sentir, fazer parte, de um grupo. É eu nunca tive essa concepção, sempre me achei absolutamente normal, achando que podia conviver com qualquer tribo”.

Dr. House critica os estereótipos que envolvem a homossexualidade masculina e sinaliza a existência de alguns preconceitos que ocorrem dentro da comunidade LGBT:

“Nunca gostei, mas é de mim da estereotipagem, eu nunca achei que por ser gay, eu deveria ser mulher, feminino. Eu achava que eu era uma pessoa que gostava de me apaixonar e fazer sexo com pessoas do meu sexo. Sempre, sabe, eu nunca fui por essa via. Essa coisa de me isolar porque era gay ou então querer ser mais feminino, porque a gente vê muito isso no universo gay, eles mesmo, eu acho que é preconceito, eles serem femininos, afeminados, eles terem que falar como mulher para poder talvez se aceitar, quando eu acho que no fundo no fundo, é muito comum nesse universo, você até isolar um pouco o gay que não é pintoso, tenha essa coisa que é muito presente em bares”.

Sobre seu processo de identificação homossexual e os espaços de homossociabilidade, Dr. House diz que até frequentava esses espaços, mas que sempre tentava ser discreto e não chamar atenção para si, pois considerava que para afirmar sua identidade gay, não precisava chamar atenção para sua sexualidade:

“Eu namorei com um rapaz que gostava de dançar e a gente ia para um bar gay (SBTZ) ali no Espinheiro e a gente ia para dançar e aí tinha os ambientes que a gente gostava, violão, etc., então foi uma época que ia. Mas assim, sempre poucas pessoas e com uma certa restrição com relação a essa coisa, até porque também eu não queria ser notado, também tinha isso. Eu não queria chamar atenção, eu precisava e não queria chamar atenção. Não precisava chamar a atenção para me aceitar”.

No entanto, ele pondera que essa pessoa com quem ele saía na época o libertou muito e o fez se deixar experimentar mais esses ambientes, e inclusive performar atos ligados à sua sexualidade, de forma mais explícita. Nesse sentido, essa experiência de ser levado a frequentar o circuito gay, dançar e se ‘soltar’, pode ter contribuído para desmistificar um pouco sobre a concepção de ‘gueto’ que D. House tinha.

“Pronto, porque eu namorava com esse menino que dançava muito bem então eu fui nessa boate, eu ia nessa boate com ele porque ele dançava, ele me libertou muito, sabe da gente se beijar em público essas coisas e era super legal, a gente dançava, bebia...”

Mas, apesar desse tempo em que conseguiu se “*soltar mais*”, ele se sentia mais confortável quando saía e ainda sai, com um grupo de amigos que ele diz que é quase completamente constituído por homens gays. Estes frequentavam com ele locais reconhecidos como mais neutros, como bares, shows e teatro. Ao me contar sobre esse grupo, ele chama atenção para o fato de que apesar das aparências mais conservadoras do grupo, eles se denominam de esquerda e gostam de debater assuntos os mais variados e polêmicos possíveis:

“Meu grupo é todo gay praticamente, tem um que não é, mais acho que um dia ele vai sair do armário. (Risos). Mas assim a gente é de bar, de show, de teatro, essas coisas, mas politicamente a gente é tudo de esquerda, entendeu? Nós frequentamos quase há 40 anos, é um grupo que conversa da vida um tudo, de sexo de drogas, drogas assim maconha, álcool; é um pessoal diferenciado, nos mantemos unidos, agora em bem menos intensidade hoje. Apesar da pandemia, a gente se mantém, então é um grupo muito coeso e a gente se sente muito apoiado uns nos outros, entendeu?”

Parece que esse grupo tem um papel importante para Dr. House. Ele afirma que estão juntos há quase quarenta anos. Foi com eles que ele começou a sair após a separação e se inserir no universo gay. Nesse sentido, ele fala de forma saudosa e orgulhosa sobre a dinâmica destes, inclusive justificando a razão de não se reunirem com tanta frequência e intensidade hoje:

“A gente vai envelhecendo, a gente vai limitando os contatos mas veio a pandemia, está todo mundo muito assustado, mas a gente tem épocas de tapas e beijos inclusive, então é um grupo que tem muita liberdade entre a gente, a gente tem como terapia, a gente (falou de um rolo que teve com uma pessoa que eu conheço e que hoje são amigos) é assim saímos para brigar e aí já está tudo de novo encangado, então é raro hoje em dia (somos 8 pessoas basicamente), se mantermos unidos, participantes durante toda vida, brigando e se abraçando por 40 anos, eu não conheço. Essa cumplicidade e tal. Brigamos por besteira, comentário, entrelinhas, detalhes nas entrelinhas, e aí alguém faz um comentário e aí eu digo você pode ser mais objetivo, é essas besteiras, nada de grave, está entendendo? Não é política, não é sexual, besteira mesmo, um desgastizinho do grupo por uma coisa e aí a gente, é um grupo que eu diria que tem uma característica muito forte que é a arrogância, assim, eu acho que cada um procura firmar seus espaços através do conhecimento, né? Aquela competição, a coisa mais na base intelectual, então tem essa coisa, mas a gente se mantém unidos, inclusive por conta disso. E aí por causa disso que estamos esses anos todos juntos”.

Como Dr. House está casado com um parceiro há mais de 15 anos, ele diz que não precisou fazer uso da internet para acessar aplicativos de relacionamento, e reafirma que mesmo que estivesse só, não utilizaria essa forma de contato:

“Eu acho que talvez o maior drama que eu tenho na minha vida é não querer evoluir nisso. Sou saudosista. Sou canceriano. Acho que o sentido de comunicação da Internet não é o ideal, pelo contrário, acho que eu me preocupo muito, eu acho que hoje em dia, eu tenho certo banzo porque eu tenho uma visão muito negativa das relações, e se já não estão boas, o tal do computador, da internet, pode piorar”.

Sobre seus relacionamentos anteriores ele diz que sempre teve relações duradouras, e que presava por isso:

“Eu tive um de 10 anos, tive um de 1 ano e 5 meses, um de 7 meses, mas eu nunca fui galinha, eu sou muito carente, muito inseguro, eu preciso de segurança, aí eu sempre estou casado e bem casado (falou isso em gargalhadas). Não tinha a família que queria ter.”

Ele tentava sempre arrumar uma forma de conhecer alguém, ou no trabalho ou através de um amigo, tendo, conforme ele uma habilidade de ler nas entrelinhas, de analisar se valeria investir ou não, “*então eu conheci uma pessoa, eu observava os pontos de vista, a coisa política, os valores e aí eu pensava: ‘pô, essa pessoa dá para investir’, aí arrumava uma maneira da gente levar a diante, se colasse uma relação, colava, se não etc. e tal.*”

Quanto a decepções amorosas, ele disse que nunca teve porque tem um componente mais sensitivo, ou racional (ele diz que a mãe dizia isso). Ele conta que nunca entrou numa furada e que apesar das pessoas com quem ele tinha relações mais fortuitas, o satisfizessem sexualmente, ele queria também, o companheirismo, o emocional, o carinho. “*E enfim, aí eu não frequentava esses bares gays, shopping, praças gays, sabe? Mas eu consegui encontrar companheiros*”. Assim ele revela que o relacionamento que ele mencionou que durou 10 anos,

foi com a primeiro homem com quem foi para cama, ele disse que teve sorte, que se apaixonaram, que foi com ele que fez a primeira grande viagem par a Europa, que eram um casal, que no começo se isolaram dos amigos, passam a viver juntos. Nesse sentido, ele completou: “*não tive dificuldade, não me vi esquisito, não me vi anormal, doente, então essa transição foi praticamente tranquila*”.

Nesse sentido, ele retoma a questão de sua relação com os filhos e a questão do assumir-se, bem como, a relação entre os filhos e seu atual companheiro:

“Hoje eu acho que minha relação com meus filhos são 50% por questões sanguíneas e 50 % de amizade e de respeito, eu faço parte da vida deles, das decisões e eles fazem das minhas, não das minhas decisões, mas a gente conversa muito, um deles é artista plástico, é pintor, está casado e mora fora do país com a esposa há 4 anos, quer dizer, já estão casados há 10 anos. Outro casou já 2 vezes, é um psicólogo. A gente é um pouco mais diferente, mas é uma relação adulta, saudável, carinhosa e respeitosa, eles me ouvem muito. No início o mais velho foi extremamente violento comigo, me agredindo com palavras, abandonou a casa, foi morar com a avó, porque não admitia porque eu era gay, foi um escândalo. Eu sustentei, eu disse: “se você não quiser, não estiver satisfeito, você saia, mas eu não vou mudar meu jeito de ser”, foi meio punk, mas foi um aprendizado, acho que tanto foi bom para ele, a família dela sabe, minha nora, é uma pessoa muito legal e por aí foi. Nos falamos sempre, muito, hoje. Aconteceu apenas no auge quando eles descobriram. O psicólogo já tinha uma cabeça mais aberta, foi difícil porque relacionaram a minha orientação sexual com o desfecho da morte da mãe, mas aí eles cresceram frequentando muito a família da mãe que é uma família muito complicada emocionalmente. O meu sogro é uma pessoa de destaque aqui no meio Acadêmico, e enfim, uma pessoa muito difícil e essa coisa toda e aí eles foram entendendo que na verdade eu como todos fomos vítimas de tudo isso passaram a me respeitar e hoje temos uma relação de respeito e de carinho muito bom. Agora sinto que eles não seriam de frequentar o apartamento meu e de meu companheiro, sair para jantar, pode até ser, eu confesso que é um pouco coisa minha ainda tenho uma certa dificuldade, mas não se faz necessário até agora. O que está fora do país nunca veio aqui e o outro também, mas já me encontraram no carnaval, na rua, eles falam, então a coisa não é uma rejeição, um movimento brusco deles, está entendendo? Então, aceitar, aceitar mesmo, eu acho que no fundo, no fundo, ainda fica um pouco de insatisfação talvez, eu não sei”.

Ainda no espectro associado ao assumir-se, Dr. House falou sobre a relação com seus irmãos, diz que o mais velho é um “*falso moralista, hipócrita*”, que o incomodou muito, desde quando ele era criança, fazia muito bullying, e o deixava constantemente com uma sensação de insegurança. “*Ele fazia gozação comigo, fazia ruindade, imitava mulheres, essa coisa da gente, isso de brincadeira, dando toque na minha...*”. A irmã mais velha ele diz que hoje é uma educadora que também é muito respeitada em Recife, de uma classe média alta, mas apesar de educadora ela “*tem/tinha*” dificuldades em aceitar a homossexualidade dele e tem a outra que é advogada, que Dr. House afirma ser a irmã que tem maior aproximação: “*com essa irmã eu converso muito, ela já veio aqui nos aniversários de meu parceiro, trocou*

receita, se tratam como cunhados. Mas é outra história. Essa minha irmã também tem uma vida muito complicada, muito sofrida, mas é uma pessoa confiante”.

No meio dessa apresentação dos irmãos e toda narrativa de como estes receberam a questão da revelação, ele comenta sobre um jantar que ocorreu há pouco mais de um ano, onde ele convidou o sobrinho, que é advogado, para fazer um contrato de casamento, então ele também convidou a família para jantar num restaurante, e falar sobre o contrato e a oficialização da união que já tinha quase 14 anos: *“meu irmão veio com toda carga de homofobia junto do meu cunhado e parecia cena de filme, eu não aguentei e disse, me apresentei como tal e me levantei e fui embora fiquei muito chateado”.* Ele disse que até ficou surpreso pois a irmã mais velha, a que não sabia sobre ele, pelo menos nesse jantar, ficou do lado dele, o apoiou.

Perguntei sobre a sua profissão e ele respondeu que no imaginário do povo, sua profissão estar relacionada a uma figura respeitável, e ele parece preocupado que tiverem conhecimento sobre sua sexualidade, esse respeito e confiança possa ser abalado:

“Eu tenho uma profissão que no inconsciente do povo eu preciso que me respeitem, é aquela coisa poderosa, para não misturar com a figura do gay, veado, desqualificar, mas quem quiser sabe, quem quiser não sabe. Sabe que não estou casado, não falo em namorada, eu não desminto, não falo do meu companheiro, preservo a nossa intimidade”.

Sobre sua relação com o companheiro atual ele diz que na família dele *“todos sabem, são do interior, pessoas simples, os pais são maravilhosos, a mãe entendeu logo, a primeira noite que eu dormi lá, ela botou a gente numa cama de casal, é uma família muito mais (RISOS) civilizada nesse sentido, não é? ”*

Ele continua falando sobre a família do companheiro e diz que o considera mais bem resolvido quanto a sua sexualidade do que ele. Diz que seu companheiro vem de uma família numerosa de 10 homens e 9 mulheres, onde os homens são todos *“machões de interior”*, mas afirma que eles têm muito respeito por ele, e que entre as mulheres tem uma que é homossexual também, que dorme com a namorada e tudo mais: *“é um respeito maravilhoso, eles não fazem chacota, não me perguntam sobre mulher, não falam mal de gay, não escracham; então eles têm essa sensibilidade que eu acho muito legal, esse respeito e pronto”.*

Chegando ao tema do envelhecimento, ele afirma que tem 66 anos, e seu companheiro, é 20 anos mais jovem que ele, então ele diz que eles estão em ritmos diferentes, no que diz respeito ao desejo: *“meus hormônios estão em regressão, não sinto mais essa*

ansiedade de estar fazendo sexo, eu acho uma coisa maravilhosa porque a gente se angustia bem menos né? ”. Sobre corpo e envelhecimento ele complementa: “Eu não sou vaidoso, ele até reclama que não me cuida, que saio com calça surrada, mas não tenho essa preocupação, minha preocupação é qualidade de vida e de relação”.

Dr. House afirma sentir-se mais cansado e que sabe que não tem mais um corpo jovem e atraente. Diz que sente-se mais carente e inseguro, mas pondera que tais sentimentos não são exclusivos dos gays idosos. Ele coloca como importante a relação estabelecida com o parceiro, pois o faz se sentir mais seguro e a estabelecer planos para futuros.

O companheiro trabalha na área de saúde, e como Dr. House no momento está mais em casa, devido à pandemia e por ser do grupo de risco, ele diz que o acordo agora é que este faça a comida, mas que seu companheiro é famoso por cozinhar bem. Ele diz que o companheiro não fica cobrando dele uma performance sexual, que sabe que não tem mais como ele oferecer, diz que ele é legal, que já compraram apartamento juntos, já viajaram juntos, e que inclusive, comprou um “*terreninho*” ao lado da casa dos pais do companheiro, onde fizeram uma casa, e que pretende ficar com o parceiro enquanto for possível.

Quanto à experiência da homossexualidade, ele afirma que tentou incorporá-la no seu dia a dia como uma característica que o define, assim como seu “*gosto musical, a cerveja que bebe*”. E sobre ser um homem homossexual idoso, ele afirma:

“O que está me acontecendo, que acredito está acontecendo com qualquer idoso, e com isso eu tenho muito apoio dele (do companheiro), que é a insegurança da velhice, essa coisa de já não ter mais o pique, de saúde, de fazer noitada, insegurança mesmo, de estar só, mas não tem nada a ver com minha orientação, é porque a gente fica como qualquer idoso, fica mais carente, entendeu? Fisicamente eu estou com barriga, 65 anos, calvo, careca, aquela coroa assim, em cima da cabeça, mas também não invisto em exercício e com a pandemia, isolamento (...). Do outro lado, meu companheiro tá passando, como são 20 anos de diferença, então ele tá numa fase muito ativo ainda e eu mais moderado, (ele está dizendo aqui que eu estou mais comportado, mais eu nunca fui mal comportado não), estou mais caseiro, estou bem casadinho assim, bem classe média mesmo, casamento pequeno burguês, bem casado, é tanta comida e pronto é isso, eu nunca ‘trelei’, nunca dei prioridade emocionalmente ao prazer do sexo, mas eu nunca coloquei isso nem em destaque, nem como atralho, isso sou eu, é como falei, sou extremamente saudosista, me reporto muito ao passado, até como uma segurança do que já passou né?”.

Sobre o futuro, ele diz que desde a adolescência tem medo do futuro, inclusive pela questão sexual, e que acaba sempre recorrendo ao passado, mas, afirma que “*o passado já está posto, então já passou, já aconteceu*”. Parece que recorrer ao passado o dá certo alento, principalmente quando ele lembra da infância: “*diante dessa situação do Brasil, do jeito que está, essa decadência moral então fico me apoiando muito na minha infância, que foi uma*

infância feliz, correndo, brincando”. Ao mesmo tempo, ele lembra da adolescência como um período no qual começou a ter problema, e diz que lembrar dessa fase o incomoda “*como uma coisa que passou e que está lá*”.

Assim, ele termina a entrevista com uma fala de indignação e preocupação com a situação atual do país e com que tipo de futuro os velhos gays podem ter neste:

“Meu único problema é estar vivendo num país, nessa derrocada, nessa quebra de todos os valores éticos e morais, convivendo com gente violenta, com gente reacionária, retrograda, e meu grande problema é com esse cenário político de Bolsonaro que eu não suporto, e nem suporto quem votou nele. O que me angustia é um velho num país como esse, homofóbico, e completamente degradado, a minha preocupação é a qualidade de velhice que eu vou ter, não é nem se sou gay ou não, porque quanto a isso eu conseguir me impor, mas por ser gay vivendo num país desse. [...]. Isso é minha angústia, o trânsito violento, quando entro no carro eu mudo totalmente de paz para guerra, detesto dirigir, incomoda essa falta de educação. Eu sou um motorista, o trânsito mostra muito como ele é como cidadão, o lugar onde você mais percebe o que é o ser humano é no volante. Aí eu fico pensando, com tudo isso em ir para o interior, ou ir para Portugal, porque esse país está trash demais e eu não estou vendo menor perspectiva de melhora”.

● Francisco

Francisco é um homem homossexual de 56 anos, que se identifica como preto e candoblecionista, apesar de ter sido, por um período, membro da comunidade católica. Tem ensino superior e habilidades em diversas áreas profissionais, desde guia de turismo, até cozinheiro, mas, diante da pandemia está com dificuldades financeiras, tendo como renda pouco mais que um salário mínimo. Muito simpático e solícito, trouxe que seu maior bem são seus amigos.

Francisco é o penúltimo de uma família de 4 filhos (2 homens e 2 mulheres). Dois de seus irmãos são casados e moram em suas respectivas casas e a irmã mais velha mora com ele na casa de seus pais. Seu pai morreu nos anos 80, logo após Francisco sair do Banco onde trabalhava e sua mãe tem 82 anos, é aposentada, foi enfermeira do exército e mesmo depois de se aposentar, ainda trabalhou como enfermeira por mais 10 anos, até que após um tempo aposentada, sofreu um AVC isquêmico, mas está se recuperando bem.

Durante a infância suas amizades eram quase que exclusivamente com rapazes, e na pré-adolescência (que ele distingue como sendo entre 8 e 10 anos) ele relatou que tinha:

“Aqueles aventuras com os amigos da rua, tinha aquela relação da curiosidade e do prazer, mas na época, eles tinham prazer de contar, era, hoje eu vejo, parece que eles

tinham um troféu, naquela época, então assim, então eu ficava na minha, tinha hora que eu dizia: sou eu, sou eu que faço, não interessa a ninguém”.

Francisco ao lembrar de sua iniciação sexual, relata as brincadeiras como uma forma entrar em contato com seus desejos homoeróticos, indicando a existência de espaços para transgressões da heteronormatividade.

Em casa tinha a questão do pai dele que era, conforme ele descreveu, o típico ‘machão’, assim, mesmo não chegando necessariamente aos ouvidos deste, a questão da masculinidade era tratada pelo pai a partir de rituais de passagem:

“Em casa tinha a questão do meu pai que era o típico machão, assim, mesmo não chegando necessariamente aos ouvidos dele, ele ‘cuidava’ de minha masculinidade me convidando para rituais que ele acreditava ser importante para que me ‘ tornasse homem’. Ele tinha umas histórias assim: - tal dia tu vais sair comigo! Que é justamente para me levar para o cabaré, para uma boate, então nesse dia eu dormia, eu saía, chegava tarde, porque sabia que era para isso. Quando saía de férias, ele mandava uma carta para meu tio dizendo que me levasse nas boates; e eu fazia a mesma coisa, quando meu tio me dizia: - olha você vai sair hoje comigo a gente vai para os cabarés, pegar a negas; eu saía ou dormia. Nunca precisei ir porque seria uma coisa forçada e seria complicado”.

Francisco foi mostrando aos poucos a seu pai, que ele precisava respeitar seu jeito e que “*ele não era do jeito que ele pensava e não era do jeito que ele via*”. Francisco relata que perto do trabalho do pai, tinha um teatro que gostava de frequentar. Quando ele ia, esperava terminar a apresentação e muitas vezes ele ficava na frente do teatro conversando e o pai, quando o avistava, chamava atenção de Francisco dizendo: “*eu passei e você estava conversando com fulano, ele é um ‘baiotola’, ‘fresco’*”. Diante dessas falas do pai, Francisco ficava calado ou perguntava qual era o problema, e o pai respondia que teatro não era coisa de homem. O mesmo ocorreu quando ele entrou no balé. Então, o pai só começou a mudar sua postura, quando Francisco começou a estagiar e a trabalhar, que foi entre seus 16-17 anos.

Francisco já conseguia ir para os locais de paquera desde seus 15 anos e com o passar do tempo, a partir do momento que tinha seu próprio dinheiro e contribuía em casa, conseguia também ter mais liberdade para sair mais para as baladas.

A experiência relacional com os homens aparece na narrativa de Francisco marcada pelo deslocamento espacial e pelo princípio da rede de amizade com os outros homossexuais, com os quais são estabelecidas novas relações. Assim, o percurso de saída para novos lugares, a descoberta de novas redes identitárias, demonstram a possibilidade de uma procura por socialização a ser compartilhada com outros homens homossexuais, contribuindo para a

concretização de novos encontros homossexuais:

Com 15 anos eu passei a frequentar uma discoteca, conhecer pessoas mais velhas do que eu, na época a gente ia para casa de umas pessoas. Eu comecei a frequentar um bar que na época chamava o Bar da xoxota, então esse bar era para final da década de 70, era um bar fora da época, era frequentado por professores da universidade, jornalistas, cineastas, então eu comecei a frequentar festas. (...). Vinha uns grupos de Recife, então já começava a ter uns envolvimento, via as pessoas namorarem né? Chamava de ter um caso, diziam olha eu tenho caso com fulano e eu ficava naquela eu tenho que arranjar um caso também né? Eu tinha entre 15-16 anos nessa época, aí as pessoas viajavam para Recife na época para ir para uma boate chamada Vogue que era por trás do Cinema São Luís, depois surgiu a Misty que era na Riachuelo, então as pessoas iam de ônibus no sábado, saiam 8h da noite aqui de ônibus e voltava às 5h da manhã. Então eu tinha que juntar dinheiro para ir uma vez para esse circuito porque as pessoas diziam: - olha eu fui pra Misty ontem, estava muito bom, fiquei com uma pessoa, tal.

Francisco também que quando tinha mais ou menos 17 anos, ele passou a frequentar o grupo ‘Nós também’, onde reuniam *“cineasta, professores da universidade, etc., e discutiam a questão da homossexualidade, dos movimentos, faziam protestos”*.

Sobre a natureza das relações estabelecidas na época de sua juventude, ele as descreve como escondidas, simples e mais inocentes que as de hoje. Ele afirma que hoje, as pessoas estão mais interesseiras e mesquinhas:

“Era uma coisa muito escondida, e as pessoas se envolviam sem ter afeto nem nada, ficava, namorava 1 dia, 2 dias, as coisas eram mais práticas na época. Hoje está muito diferente. Era mais simples porque não existia maldade, assim, as pessoas se conheciam, levava para casa, dormia, passava o dia (quem morava só né?), levava, conhecia, viajava junto, às vezes viajava até Recife porque conhecia alguém lá e ficava na casa da pessoa. A questão de crime não era como hoje, era uma coisa e outra, esporadicamente, 1 a cada 6 meses ou a cada ano. As pessoas eram mais gente, as pessoas se abraçavam quando se encontravam, davam cheiro, davam um ‘bitoca’, as pessoas se abraçavam mesmo, as pessoas eram mais gente na verdade. Hoje eu vejo mais um jogo de interesse, eu vejo mais as pessoas: você mora com quem? Você mora só? As pessoas veem o que..., quantas vezes as pessoas me disseram: - ah, se você morasse aqui em Recife, a gente morava junto, mas João Pessoa é longe, e como eu também não tinha dinheiro para ficar vindo todo final de semana, as relações se esgotavam ali, embora sempre venho para Recife, venho de carona e fico na casa de amigos.

Francisco fala sobre como sua vida foi marcada por relações casuais e sem compromisso afetivo, levando-o inclusive, a fazer psicoterapia pois achava que tinha algo de errado com ele, pois ele não conseguia manter vínculos e também não se interessava em mantê-los. Nesse processo de autoconhecimento, ele percebeu que para além de uma nostalgia a um “bom tempo passado”, onde as relações eram mais “inocentes”, há uma constatação de que nos últimos tempos, as relações estão se estabelecendo de forma cada vez mais individuais e instrumentais, visando apenas à satisfação sexual.

Outro fator relevante levantado por Francisco é que a falta de continuidade nas relações e conseqüentemente a falta de envolvimento, acaba não preenchendo suas necessidades afetivas, ficando sempre no plano da satisfação sexual.

Seu primeiro relacionamento ‘sério’, ocorreu quando ele tinha 26 anos, durou quase 1 ano e segundo Francisco, acabou de forma trágica:

“Ele trabalhava até no domingo, a gente saía e às vezes, ele dormia aqui em casa, não tinha problema de ele dormir aqui em casa, jantar, a gente saía para as festas e foi numa festa dessa que ele conheceu uma pessoa e a coisa desandou. Depois não quis mais conversa, segui meu caminho”.

Depois e antes dessa relação ele diz que teve outras histórias, mas nunca foi sério. Ele sempre saía com pessoas ou mais novas ou com a mesma idade que ele, porque teve uma má experiência quando saiu com uma pessoa mais velha:

“Teve uma pessoa de São Paulo que era mais velho, mas era assim, veio pra Recife conheci, ele veio para cá, a gente passou uns 5 dias num hotel, mas assim, era como, me dava muita lição de moral, dizendo que o mundo não era festa, não era isso, que tinha que fazer isso, e eu via muito meu pai falando. Acho que ele era uns 15-20 anos mais velhos, era muita lição de moral, -olha a vida tem isso, sabe você tem... A gente foi para a praia, e ele ficava chamando atenção: - você bebeu muito, você tem que não sei que...”.

Após ter terminado o namoro, ele passou a ter relações mais fluídas que conforme ele dizia, não cobravam nada em troca:

“Eu podia conhecer alguém, passar um dia, passar um final de semana, mas se começasse a pegar no meu pé (...). Teve um que disse: - a gente vai se casar, a gente vai namorar, aí esfriava, para mim era como tomar um banho de água fria, aí o tempo foi passando e eu sempre tendo aventuras, não tinha namoro”.

Então ele passou a se comportar de modo ‘mais imediatista’: *“as relações eram só de acontecer e pronto, sempre pensava assim: quando começarem a ligar demais para mim, começar a pegar muito no meu pé eu corto logo”*.

Nesse período ‘mais imediatista’, ele passou a refletir que *“por mais que se sentisse livre, estava faltando algo”*, e foi assim que ao conhecer o Centro de Referência LGBT, ele procurou um psicólogo e iniciou um processo de terapia que o fez chegar à conclusão *“que estava fechado para as relações”*.

Então, ele passou a refletir sobre as possíveis causas desse receio de estar numa relação, refletindo que não só a natureza das relações tinha mudado, mas também a qualidade dos vínculos estabelecidos:

“Eu conheci uma pessoa, a gente conversou, uma semana depois eu fui para casa dele e depois eu soube que ele tinha uma relação, mas que ela estava abalada, então, como o problema não era meu, era dele, eu não pensei que não teria problema sair com ele. Mas assim, a relação era assim, terminava, levantava, e até algumas pessoas diziam assim; -porque você levantou? Porque não fica deitado e tal? E eu vim descobri que não tinha que ter romance, era chegar, tal, pronto, ambos satisfeitos, não era para ter romance”.

Iniciando precocemente seus receios sobre o envelhecimento, Francisco, aos 40 anos, começou a se questionar se ainda seria paquerado, se ainda seria visto ou desejado por alguém. Mas a partir de experiências positivas vivenciadas nessa época, ele sentiu que não precisava se preocupar:

“Eu comecei a notar que rapazes mais novo do que eu, me olhava, me seguia no shopping, conversava comigo. Eu estava num supermercado e ouvi: olha esse coroa é tão bonito e eu olhei de lado para procurar, - coroa? E o coroa era eu, aí pronto eu pensei: “eu tenho 40, eu já sei que estou me abrindo para uma relação e eu vou seguir meu barco!”

Algo que ele afirma ter também ajudado no seu processo de auto aceitação e de autoafirmação, foi ter conhecido o grupo dos Ursos do Recife:

“Conheci um grupo em Recife, que é o grupo dos Ursos, que são homens fortes e altos, barbudos, peludos, eu tive que começar a ver outras pessoas, com outros olhos, porque comecei a ver pessoas que antes não saía de casa, e agora estavam na rua, que são os gordos, os barbudos, e comecei a pensar: - nossa, eles estão aí e eles têm as relações deles, e eu tenho que me abrir que seja o forte, o gordinho, que seja o magro, eu não posso botar uma tabela, tem que ser assim, assim e assim, então hoje eu sou, eu me sinto mais tranquilo”.

Francisco afirma que um dos motivos de ter entrado no mundo ursos *“é porque lá não tem problema com o corpo, pode ter alguém que tem o corpo atlético e pode ter o gordo, tem gente que é muito gordo, e tem gente que é fortinho. Tem gente de gosta de gente de 30 e de 40, e tem gente que gosta 60 de 70”*.

Assim, ele enfatiza que a cultura do corpo existe e que há diversos subgrupos entre os homens homossexuais:

“Essa cultura do corpo existe, e são grupos separados, são grupos totalmente separados, não só aqui em João Pessoa como também em Recife, em São Paulo, no Rio de Janeiro. Os gays eles têm grupos, os gordos, os atléticos, que gostam de se exhibir, a gente chama das Barbeis, que estão sempre no corpo; mas esse mesmo grupo do corpo são pessoas que frequentam sauna, que frequentam bosque de lugares de pegação, é só na questão de status. Tenho aquilo de: ‘a não vou para tão praia não, eu vou para aquela que tem gente bonita, de corpão’; mas quando sair dali, não consegue pegar ninguém, como diz a história, vão para uma praia mais deserta, onde tem as pegações e aquela coisa toda e por aí vai”.

Refletindo sobre as imposições da heteronormatividade, Francisco destaca:

“Eu não me cobro: - aí eu tenho que ter um namorado, eu tenho que ter um casamento, eu tenho que ter isso. Não. Conheço a pessoa, se a gente tem uma afinidade, a gente fica, é como eu tive um que disse, se você morasse aqui, você moraria comigo e tal, ele veio para aqui, estava numa época que eu estava sem grana para sair, aquela coisa toda, ele conheceu uma pessoa e está, vai fazer agora em janeiro, 2 anos que estão juntos, tira fotos no Facebook, meu amor, minha vida, eu não gosto disso. Essa história de estar expondo relação não é comigo. Se tiver numa festa beleza, se tiver numa boate beleza, eu só não quero estar no Facebook, dizendo assim, acordando, tomando café, tirando fotos juntos sabe? Não é uma opção ter algo mais sério. Não é uma meta. Se acontecer uma coisa assim, bem tranquila, sabe assim, sem muito, sem muita pegação, assim, tem que ser uma coisa muito espontânea, porque sou uma pessoa muito espontânea, entendeu? Eu conheço muita gente, aí pegar uma pessoa que sente ciúme, que fique reclamando “Aí você fala com todo mundo”, aí não né?”.

Francisco fala sobre amizade e comunidade LGBT, destacando a importância do pertencimento:

“Tenho um amigo que mora numa chácara, então a gente se reuni, então os gordos, os coroas, os pintosos, a gente se encontra, toma as cervejas, brinca, uma coisa fantástica. Se tiver, alguém de fora assim, que rola um clima, a gente vai se abraça, e se acontecer um namoro, beleza. Aqui tem a General Story que é um café e bar, e tem show lá, e é um lugar super agradável, é um lugar muito bonito, astral que eu gosto de ir. Isso antes da pandemia né? Tem uma praça que eu gosto de ir, é o sabadinho bom, que tem chorinho, samba, então a gente se encontra lá todo mundo fica numas mesas lá, a gente se diverte. Quando tem a festa do morro, eu que organizo a van, faço divulgação e levo o pessoal daqui, quando tem festa no Miami, tem festa tal, então, como no ano passado eu fui, no aniversário lá da Miami. É uma festa da fantasia, aí eu fui, fiquei na casa de um casal amigo meu, tal. Chego conheço as pessoas porque trabalhei quase 2 anos de festa, então é uma parceria e são pessoas legais, são pessoas boas”.

Francisco afirma que costuma encontrar com amigos, tanto para ir para um aniversário, quanto para viajar, ir para um barzinho, ou almoçar, mas também gosta de andar só, e não precisa ter alguém para poder sair: *“se eu quiser ir para Recife, eu vou só, se quiser ir para a praia, eu vou só, mas eu tenho alguns amigos que ligam: - olha vem aqui para casa que a gente vai tomar uma cerveja, vamos para casa de fulano que é aniversário de fulano; aí eu vou”*

Ele explica que seus amigos são em maior parte gays, porém, também tem amigos héteros, e que ambos o convidam para frequentar suas casas, comer uma pizza, ou ir a um aniversário. Ele afirma ter uma variedade de amigos, tem os amigos do Candomblé, tem os amigos do grupo de estudo da cultura cigana, os da faculdade, entre outros.

Francisco parece sentir-se orgulhoso por ser uma pessoa ‘viajada’: *“já viajei muito só, já fui pra São Paulo, para o Rio de Janeiro, sempre, (...) quando eu comecei a trabalhar,*

minhas primeiras férias, eu fui pra Maceió de carona, depois fui pra Penedo, Aracaju, sempre só. Agora se tiver alguém para ir... Pra Recife mesmo já fui várias vezes”.

Outro meio de socialização e busca por prazer mencionado por Francisco, foram as saunas, que segundo ele era um ambiente de prazer puramente carnal:

“Olhe, para você ter uma ideia, eu conheço sauna, a primeira sauna de Recife se chamava Termas Recife (lá na Mário Melo), minto eu, a primeira sauna que conheci em Recife foi a Clube 89, lá perto da Praça Chora menino, e assim, eu achava muito estranho, porque as pessoas não conversavam, aí assim eu me envolvi com a pessoa, e disse olha eu vou estar lá embaixo, vamos tomar um Chopp? Aí a pessoa passou por mim e nem falou e eu ficava assim, rapaz, porque tinha uma intimidade né; uns momentos de intimidade, tem uns momentos curtos ou longos de intimidade e depois a pessoas não senta para conversar. Aí eu conheci a Termos de Recife, também a mesma coisa, as vezes eu ficava com uma pessoa e ficava como se fosse namorado, andando de mãos dadas, aquela coisa, mas era só ali, não tinha como se encontrar. Então até isso eu tive que amadurecer, e dizia para mim mesmo que aqui as pessoas só vêm para descarregar, só. Não é pra, se você vai com 2 amigos ou 3 você fica numa mesa tomando sua cervejinha conversando, mas o intuito é chegar lá e assim, é eu vim para extravasar, botar, descarregar mesmo e depois tomar um banho e ir para casa. Depois da pandemia, no carnaval eu nem fui, nesse carnaval”.

Ele chama atenção sobre o alto custo de frequentar saunas:

“Eu comecei, antes de gastar, fazer o cálculo, aí eu penso, se eu for para lá a entrada é de 33, e eu vou tomar 2 ou 3 Chopp, aí vou gastar quase 40, mas se eu pegar esse 40 e juntar com mais 40 ou 20, dá 60 reais, dá para um final de semana, dá para uma caixa de cerveja na casa de alguém”.

Ainda sobre as Saunas, Francisco pondera que apesar do custo, esta é uma alternativa mais segura do que por exemplo, marcar encontro por aplicativo de paquera. Ele também chama atenção para a cultura do corpo, bem como para aspectos relacionados a raça, classe social e idade:

“Porque na verdade, sauna para a gente é uma coisa mais segura, porque eu já tive aplicativo de encontro, mas homem é muito chato, cheio de... as pessoas perguntam você mora aonde? Você mora com quem? Você mora só? (...) é uma das coisas, aí se você não faz parte daquele padrão, as pessoas são tão péssimas. (...) Eu botei assim, no perfil meu, eu botei ‘gato coroa’, aí o cara disse: -coroa pode ser, mas gato não! Aí eu disse: -eu não quero saber, eu disse: -não é para você. Eles são tão péssimos que eles bloqueiam, na mesma hora, não espera. Então assim esses aplicativos que dizem tem pessoas a tantos metros, eles sempre perguntam como você é, e se você disser que não tem conta ganha, se você não é branco, a cultura do corpo ainda está até hoje.

Quando perguntei sobre seus relacionamentos nos últimos doze meses, Francisco relatou sobre um relacionamento que experienciou e disse que ficou surpreso com as “novas” formas de se relacionar:

“Uma vez, eu postei uma foto num grupo da internet em que eu estava no banheiro de toalha, e uma pessoa curtiu a foto. Fui pra Recife, eu faço parte de um grupo de teatro, e nós fomos pra Recife e eu convidei ele para assistir, mas ele não foi. Passou um tempo, eu fui para a boate e encontrei ele lá, eu disse: -você é fulano né? ” E ele respondeu: - é. Aí eu ele me contou que mora com uma pessoa mas tem uma relação aberta, aí eu descobri que as pessoas a pesar de morar juntos, são casadas anos e anos, eles têm uma relação aberta, de um ir para a boate e outro ficar em casa. E me envolvi com ele e para mim foi tranquilo. A gente resolveu não fazer escondido, apesar de que os amigos dele não aceitam e se eu tiver com ele na boate e encontrar alguém, meus amigos colocam barreira, faz tudo para eu sair. Então fui 2 vezes na casa dele, e o companheiro fica no quarto, e a gente fica na sala, por exemplo. Desse tempo para cá, uma pessoa que eu conversava, puxava assunto pelo facebook, aí me convida para ir na casa, chega lá eu vou, “vem aqui em casa, a gente vai tomar um café e tal”, aí chega lá a pessoa, começa a sedução, a gente termina transando”.

Desse tempo para cá, ele relata que ficou conversando com uma pessoa que puxava assunto pelo facebook, mas que também era uma relação mais carnal: *“ele me convida pra ir na casa dele para tomar café e conversar, aí quando chega lá ele começa a sedução, a gente termina transando, mas é só isso”*.

Então nesse ano, Francisco foi em saunas, festas e também a praias, onde muitas vezes acontecia até de *“rolar um namorico e tal”*. Ele relatou sobre uma relação que teve durante o carnaval. Ele encontrou um amigo das antigas e ficou *“namorando e andando de mão dadas por Olinda”*. Ele relatou que essa relação foi interessante para ele pois quebrou com uma construção que tinha de que andar de mão dadas era coisa de hétero. Ele cita um dos amigos, que é psicólogo, que quando ele lhe contou sobre ter ficado andando de mãos dadas em Olinda, pontuou: *“- Francisco, tem que desconstruir, tem que começar a desconstruir. Esses gays novinhos, eles desconstroem tudo. Eles descontroem essa ideia de ser certinho tal e tal”*.

Essa relação de Carnaval foi percebida como muito boa, porque além da história de ter andado de mãos dadas, ele também desconstruiu ao apresenta-lo a um amigo, como namorado e não como amigo, como sempre fazia.

Ainda sobre o rapaz que ele conheceu no carnaval, Francisco diz que ficaram juntos até a terça de carnaval (tinham se encontrado no sábado), mas ao se despedir, sentiu-se mal porque percebeu a falta de engajamento do parceiro, que ao ser informado que ele precisava voltar para casa, pois tinha trabalho no dia seguinte, disse: *“- aí a gente vai se falando”*. *Francisco sentiu aquela resposta como um ‘banho de água fria’*.

Nesse sentido, ele afirma que após esse *‘banho de água fria’*, voltou para João Pessoa, fez o trabalho que tinha que fazer e depois, a convite de um amigo que acabou não vendo durante o carnaval, foi passar o final de semana em sua casa. Lá ele passou bem mais do que o

final de semana, estabeleceu uma rotina com seu amigo, que ele descreveu como de casal, envolvendo-se intimamente:

“Um dia fulano fazia o almoço, no outro eu fazia. A gente saía para jantar fora um dia, no outro eu fazia o jantar. O gás acabou, ele pediu para chamar alguém que ele pagaria (...) e eu comecei a me envolver com essa pessoa, que eu já conhecia de muitos anos, embora tinha passado um tempão, aí a gente saiu à noite, fomo visitar uma amiga minha, a gente andava na calçada. A gente dormia de conchinha, me abraçava assim, aí na sexta a gente foi para casa desse casal amigo nosso e a gente tomou uma cervejada, e quando voltou a gente terminou se envolvendo, aquela coisa toda, aí no sábado ele foi trabalhar, eu disse não, já que você vai trabalhar hoje e amanhã, eu vou para casa de Paulinho, e domingo eu volto pra João Pessoa, porque segunda eu tenho dentista. Só que eu voltei muito envolvido, de pensar, de dizer assim, estou apaixonado. Como é que pode? ”

O impacto da distância e da pandemia acabou minando a relação, e ele diz que foi se sentindo um pouco só novamente:

“Aí foi quando veio a pandemia e a gente se falava todos os dias, passava 1 hora, 40 minutos se falando no telefone, depois ele passava 1 semana sem dar notícia e eu ficava agoniado, mas pensava: “não vou ligar” Ele acaba ligando e se desculpava que estava num processo de mudança e tal. Teve um aniversário aqui em João Pessoa e ele não passou aqui em casa e ele ligou dizendo: “não deu tempo de passar aí”. E eu disse; -você está me devendo uma visita e tal”. Ficava naquele flerte: -Me conta, as pessoas estão dando muito em cima de você? Mas agora, nos falamos cada vez menos”.

Sobre o impacto da pandemia sobre suas relações, ele contou que no Natal do ano passado ele precisou ficar com a mãe, pois esta fez uma cirurgia e ficou um mês internada, esperando a liberação, então ele não tinha muito lugar para sair. Então acabou passando Natal e Réveillon em casa, mas sempre que podia, ele ia para casa de alguém, aniversário de alguém, ou para roça do Candomblé, onde ele atendia. Então quando veio a pandemia, ele relata que a angústia, a solidão, a espera para poder rever as pessoas. Ele relata que os últimos três meses antecedentes a essa entrevista, está sendo muito difícil para ele:

“ Porque mesmo com as saunas retornando, eu fico muito pensando, já várias semanas eu digo, - ah eu vou essa semana, mas como vai estar lá? E fico pensando que ninguém vai estar lá de máscara. Meu colega disse: - não, tal dia tem pouca gente. Mas assim, as pessoas não vão ficar de roupa, as pessoas vão ficar de toalha né? Praia, eu vou no sábado, mas eu vou para um lugar que tenha pouca gente, porque no domingo, as pessoas aqui, parecem que descobriram a praia agora. Super lotadas”.

Suas idas para casa de amigos também ficaram mais restritas, e muitas vezes ele afirma que se pegou vendo fotos de amigos nas redes sociais bebendo com outros amigos e

ficava triste se perguntando porque eles não o chamaram. Mas, depois ele para e pensa que *“foi até bom porque estou com pouco dinheiro para gastar”*. Então seus últimos dias têm sido: *“ficar na Netflix assistindo série, assistindo filme e entrando no google Play para assistir novela”*.

Diz que estar tentando voltar a trabalhar, voltou a caminhar, e está tentando cuidar de sua saúde mental:

“Então assim, antes eu tinha grupo de turista pra receber, não tenho mais, então minha renda cai, eu fazia freelance como cozinheiro na soparia, fechou, ela retomou mais ainda não me chamou. Ài estou no grupo de whatsapp de cozinheiro e chef aí eu mando meu currículo pra ser auxiliar, pra ser barman, então eu tenho que ver um horário como freelancer, então não tendo, então minha renda cai mais uma vez, então tem hora que a cabeça fica a mil, então vou andar, como eu fiz hoje, fui levar minha irmã no trabalho que 10 minutos a pé e de lá eu fui pra uma praça, caminhar, dar umas voltas e conversar comigo mesmo, ou conversar com meu orixá, conversar como meu cigano, pra poder eu desabafar”.

Nesse período de pandemia, ele diz que até para ver os amigos é mais complicado e que tenta ligar ao invés de falar pelo WhatsApp, pois considera essa via muito mecânica. Ele diz que muitas vezes tenta ligar quando estar por perto da casa de algum amigo para tentar encontra-lo: *“Às vezes eu tento digo: fulano eu estou aqui perto da tua casa, eu sei que tu não recebes visita, mas tem um parque aí em frente, não tem como conversar aí fora? ” Aí tem aqueles neuróticos, que dizem: - ah eu não recebo ninguém em casa”*.

O grupo de teatro aparece como uma fonte de apoio pois ele relatou que foi convidado para fazer um documentário e que aceitou. Ele foi encontrar os amigos no teatro e relatou que se sentiu muito bem e acolhido. Além disso sentiu-se feliz por ter possibilidade de receber um cache, caso o documentário seja aprovado.

Ele diz que acredita que a vacina vai acontecer e isso tudo vai passar, e fala com seus amigos sobre a necessidade de ficarem juntos e conversarem: *“a gente tem que conversar, a gente não precisa ir para um bar ou para casa de fulano não, a gente tem que conversar porque o negócio está sufocando”*.

Ele diz que tenta apreciar as pequenas coisas mas sente falta das pessoas, de sair, de transar, de estar com pessoas:

“Eu vejo rua, o movimento, tiro um dia para fazer pão, sobremesa, arrumar o guarda roupa, ver as roupas que tenho que dar. Mas esses últimos 6 meses foram muito difíceis. É porque vem os desejos né? Vem os desejos de alguém, encontrar com alguém, mas ficam dizendo: - olhe semana passada faleceu um amigo meu, teve uma avc muito séria. (...) - olha, fulano está entubado, não sei o que. Aí as vezes eu vou para minha cama, eu deito, fico de olho fechado, fico ouvindo música. Quando

preciso tomar um valerimed para dar uma calmada e vou tentando driblar meus desejos e meus medos”.

Ele trouxe a questão de estar afiliado a uma religião como sendo importante em diversos momentos críticos de sua vida. A entrada no Candomblé, quando ele tinha uns 25 anos, parece ter sido um importante ponto de viragem. Ele afirma que essa foi uma época em que se sentia mais maduro e seguro, pois possibilitou que ele diminuísse a frequência de ingestão de bebida alcoólica, pois lembra que antes de sua entrada na religião, ele estava “*bebendo muito*”.

Outra experiência com a religião aconteceu quando Francisco tinha 30 anos. Ele entrou em crise, começou a pegar atestado médico e aproveitar os dias viajando: “*viajava pra Campina e passava 1 semana na casa de meus amigos*”. E foi nessa época que ele deixou o Candomblé e entrou na comunidade Católica. Durante esse tempo ele relata que voltou a ver sentido em sua existência:

“Foi uma coisa muito espontânea, uma coisa assim, eu já tinha feito técnico de contabilidade e como eu não passava no vestibular, eu disse assim, vou fazer o segundo grau, já que eu não estou fazendo nada, porque agora a pessoa tinha que ter o ensino médio e o técnico. Aí fiz uma amizade com duas moças do colégio e estas faziam parte da comunidade católica e aí elas me convidaram para um seminário de vida do espírito santo e eu me empolguei lá, com tudo, a história, a coisa, e aí me engajei nessa comunidade e passei uns 5-6 anos nela, ainda sai 2 vezes, na terceira não voltei mais. E assim estava super engajado porque eu sou uma pessoa muito espontânea, lutei muito porque dizia que tinha saído do candomblé que não sei o quê, tive que lutar contra o preconceito lá dentro, a questão do candomblé, porque dizia que era do mal, que não existia, eu dizia que existia, então eu queria respeito, ah e cheguei a ser coordenador do Ministério de cura e aconselhamento, a gente atendia as pessoas lá, eu atendia, as pessoas chegavam e agente rezava, a pessoa desabafava, e agente tal. (...) O meu dia era na quarta-feira, então tinha dia que tinha 4-3 pessoas esperando para eu rezar, para eu conversar, e daí começou a ter uns atritos dentro da comunidade. Porque eu era coordenador do ministério, junto com uma menina e, digamos assim, eu vejo isso, hoje eu digo assim: algo estranho encostou nele e ele ficou bem bravo; e eu falei com autoridade e ele foi dizer ao coordenador e me afastaram do ministério, me tiraram o doce né? É que na verdade eu descobri que as pessoas achavam que eu queria ser coordenador da comunidade, eu lutava muito, mas o que me ajudou, ajudava as pessoas, foi sempre minha mediunidade, quem é espírita nunca vai deixar de ser espírita, então isso me ajudou porque lá, as pessoas diziam que tinham visualizações, e eu também dizia, mas eu sabia no fundo no fundo que era alguma coisa sobrenatural né? Creio que eu possa dizer, que seja isso”.

No que diz respeito a homossexualidade e religião, Francisco afirma que nunca precisou falar sobre sua orientação, e contou sobre um rapaz, cabelereiro, que ele considerava como muito católico: “*ele casou na igreja, ele sofreu por ser uma pessoa afeminada, ele quebrou muitas barreiras*”.

Já no Candomblé ele afirma que não há essa cobrança, como ocorre na Católica. No entanto, ele adverte que diferente da igreja Católica ou evangélica que é só chegar lá e se converter, no Candomblé, na Umbanda e a no Espiritismo, a pessoa tem que ser um médium para poder fazer parte da comunidade:

“Tem pessoas que psicografam, tem as que ouvem, as que são videntes, as pessoas que incorporavam, as que recebem o guia para atender as pessoas. A pessoa chega lá, porque está doente, e os médicos não encontra a cura. Depois do atendimento, a pessoa tem o livre arbítrio de seguir ou não, se seguir é porque é um chamado na verdade. Então tanto na Umbanda, quanto no Candomblé, não tem essa discriminação”.

Atualmente ele voltou para o Candomblé e diz que se sente acolhido e importante enquanto parte do grupo que pertence.

Entrando na parte da temática do envelhecimento, Francisco pondera que envelhecer é uma experiência que não é igual para todo mundo e traz uma conversa recente que teve com um amigo:

“Conversei com um colega na semana passada sobre isso, ele disse assim: - olhe, eu fui casado, tenho 3 filhos, cada um no seu lugar, depois tive coragem de me separar e agora estou vivendo. Próxima semana vou fazer exame de próstata, de 6 em 6 meses, eu vejo minhas taxas, tento baixá-las. E meu amigo continuou: - Francisco, vai chegar uma hora que eu vou vender meu apartamento e vou para um asilo, porque vai chegar uma hora que ninguém, nenhum filho meu vai dizer: - eu vou cuidar de papai, não vai”.

Francisco completa a fala do amigo dizendo que ficará em sua casa, pois sua filha do coração, um dia vai sair e viver a vida dela.

Francisco chamou atenção para discriminação que os gays novos praticam com os mais velhos:

“Quando eu tentei fazer gastronomia, tinha um menino na minha classe, ele perguntou: - quantos anos você tem? Eu respondi, 50 e ele disse: - nossa como você é velho, aí eu disse: - velho é a estrada! Aí perguntei: - e você, quantos anos tem? Ele respondeu 24, eu disse: - pois é chegar aos 50 para mim, é um privilégio. Vou dizer duas coisas a você: - eu conheço o Brasil quase todo, já sai do Brasil duas vezes, do Nordeste só não conheço o Maranhão, do Sul eu conheço todas as capitais, e você saiu do interior para vim para cá, então para a vida que você vai levar aqui, você não chega aos 30, aí ele ficou branco, quieto”.

Apesar das discriminações, ele abre um parêntese para contar uma vivência que teve quando estava em Recife: *“uma vez uma pessoa chegou para mim e disse assim: -Francisco, se você fosse mais gordo, mais velho e mais grisalho eu ficaria com você”.* E essa experiência o fez pensar que ainda poderá se relacionar e ser desejado quando tiver 60,70 anos.

Aproveitando o parêntese dado, ele retoma sua narrativa sobre o relacionamento que teve com uma pessoa bem mais velha que ele. Ele diz que começou meio que por um acaso, mas não deu certo porque com um tempo o senhor começou a chama-lo de filho:

“Aí eu disse: - olhe, pare que eu não sou seu filho, e você não é o meu pai, eu já tive problemas com meu pai, então, pare com isso, sabe”. Então ele acrescenta que pode até se relacionar com um homem mais velho, mas nada de querer mandar nele ou trata-lo como filho”. Ele acrescenta que só não gosta de homem muito gordo, porque já tentou e não conseguiu, “mas se chegar um sessentão, um setentão, assim não precisa ter um corpo esbelto, mas uma pessoa legal, uma pessoa que goste de conversar, uma pessoa que goste de festa, eu não teria problema de me envolver”.

Ele afirma que ter dinheiro e ter saúde são fatores que ajudam no processo de envelhecimento: *“porque difícil é, porque se você tiver saúde, e tiver grana, você não vai se livrar da solidão, mas vai ter dinheiro para viajar, para ter amigos. - Ah fulano mora em tal lugar e vai ter que vim, você manda a grana e fulano vem”*.

No entanto, ele reafirma a importância de se ter amigos, principalmente no processo de envelhecimento: *“mas é como eu disse, se tiver saúde e tiver amigos aí você não fica só, você só vai sentir a solidão quando você chegar em casa e deitar na cama, olhar para um lado, olhar para o outro e não ter ninguém”*.

Ele contou que foi ao cardiologista o mês passado e que viu que tem uma válvula que não estar funcionando bem. Fez os exames que o médico passou e vai marcar o mapa. Nesse sentido, ele afirma que está vivendo o hoje e que sabe que ainda pode trabalhar. Ele continua dizendo: *“eu vivo o dia, porque se eu começar a dizer que daqui a (é porque em dezembro eu faço 56 anos) 4 anos eu vou fazer 60, se colocar na cabeça, eu acho que não vou fazer mais nada, vou ficar só pensando. Então assim, enquanto poder, estarei vivendo o melhor que poder”*.

Ele diz que acredita que está entre os privilegiados pois aos 55 anos, ele se sente bastante disposto. *“ Meus amigos dizem assim no carnaval: -como é que a pessoa tem tanta disposição como você? ”* No entanto ele complementa que sabe que com o passar do tempo, não vai ter mais essa disposição de ir para o galo e ficar até 16h e que questão de chegar aos 65 aos 70, é ter saúde. *“Tendo saúde... (...). Porque assim, a solidão vai ser a mesma, ou pior, inclusive eu tenho um colega que dizia: - olha a gente tem que morar perto uns dos outros, se tivesse uma casa grande assim, eu fazia uns apartamentos e cada um morava no seu canto, mas sabendo que não está só”*.

Sobre a solidão, Francisco afirma que ela vai aumentar com a idade e que percebe que pessoas que estão juntas por mais de 20,30 anos, hoje são mais amigos do que companheiros.

Ele complementa: “*com essa história de trisal, poliamor, as pessoas estão se abrindo para colocar mais um na relação, como eu estou vendo a cada dia que passa. Se continuar assim, até pelo menos 3 pessoas estarão juntas até chegar a idade, mas no meu caso mesmo, eu não me vejo assim*”. Nesse sentido ele pontua que não vai arrumar um companheiro agora só porque não quer chegar aos 70 anos só, e complementa:

“ Eu quero viver o hoje, possa ser que tenha que tomar remédio, porque o médico disse, que dependendo do mapa, se eu for cardíaco, terei de tomar remédio, e estou me preparando para isso. É fazer uma alimentação boa, fazer umas caminhadas, eu faço natação também, mas agora é difícil, para a gente chegar a partir dos 60,70, é difícil porque como eu te falei, a solidão é como dizem, é o pior castigo. Assim castigo no bom sentido”.

Hoje ele tem a companhia da mãe e da filha de coração. A mãe após sofrer o AVC, está tentando se recuperar, mas com a pandemia, não pode sair muito de casa. Ela cuida das plantas, faz a própria comida, assiste as novelas com el. Francisco diz que fala o tempo todo para ela: “*-olha a senhora ainda vai enterrar tanta gente, vai chegar aos 100*”. E ele disse que ela fica dizendo para ele que ele vai ser um velhinho muito chato e que não vai ter companheiro que o agente. Francisco sorriu ao dizer o que a mãe fala sobre ele ser um velho chato e acrescenta:

“Mas assim, dos 35 anos para cá eu melhorei muito, as vezes eu perco um pouco a paciência porque tem certas coisas que eu não aguento, mas, hoje eu prendo mais a me calar, a morder a língua, ficar só observando. Tento ser companheiro, ser amigo, tento ajudar a quem precisa. Se a pessoa quiser conversar, conversa porque assim, é tanto que lá no terreiro quando tem um evento, sempre tem alguém que quer conversar e tal. Eu tenho umas entidades que as pessoas gostam de conversar, agradecem porque ajudou. Eu de vez em quando, jogo carta para uma pessoa ou outra, eu vejo que a pessoa ficou satisfeita, então isso para mim, eu não fico vaidoso, mas eu fico feliz por ter ajudado”.

Fechando a temática do envelhecimento, Francisco retoma a temática da importância de se ter amigos e afirma:

“Não precisa conhecer muita gente não, se você tiver meia dúzia de amigos é suficiente, eu digo hoje é suficiente, e não precisa aqueles amigos que fica ligando todo dia, de se encontrar não, é aquele amigo que quando você diz assim: - eu estou com uma dor, ele responde: - aguarda que eu estou chegando. Hoje eu vejo isso”.

Para ilustrar como se dá essa relação de amizade descrita acima, Francisco conta que mesmo não vendo determinados amigos por meses, quando eles se falam, parecem que

perdem a noção de tempo. Ele conta de um amigo que quando se reencontraram ficaram conversando de 19:30 às 23:30.

Ele fala que tem amigos que não tem ninguém por eles: *“não tem pai, não tem mãe, que os irmãos, cada um mora num canto, eu tenho um que eu digo: - olhe você mora só, não passe muito tempo sem dar notícia não, atenda o telefone”*. Ele fala sobre certa solidariedade existente entre ele e seus amigos: *“as vezes a pessoa faz uma cirurgia aí eu digo: - está precisando de alguma coisa? Quer que eu vá aí? ”*.

Francisco continua dizendo que a amizade, principalmente na pandemia, é o que ajuda a diminuir as carências e a solidão e lembra que o abraço está sendo cada vez mais precioso e raro, antes mesmo da pandemia. Outro aspecto que ele menciona é a importância de buscar por sua espiritualidade. Assim, Francisco conclui:

“Agora pouco mesmo eu disse para um amigo: - estou numa carência tão grande, precisando de um abraço, de um cheiro, aí ele disse: - vou marcar para você vim aqui para a gente quebrar essa carência. Porque pelo menos um abraço né? Porque para acabar com essa carência... Porque hoje até o abraço está distante, e não é só por causa da covid, porque antes também já era difícil um abraço. Eu tenho colegas das antigas que até hoje quando a gente se encontra, a gente se abraça, até o companheiro ficou me olhando, e eu disse: - não olhe com essa cara não porque isso é desde a década de 80,90, que a gente se encontra, a gente se abraça, porque o abraço é troca de energia, da cumplicidade, da amizade, então a gente precisa se abraçar nem que seja uma árvore por causa da pandemia, pega uma árvore abraça bem muito. Meditar, conversar com seu anjo da guarda, orixá, seu guia, se você não tem ninguém ao lado você tem que fazer seu canal com seu sagrado para dar uma aliviada em sua energia”.

● Edson

Edson é um homem homossexual de 56 anos, branco, católico, de classe média. Com o dom da palavra, Edson exerce um cargo público de Promotor de eventos de uma cidade do interior. Possui uma Pizzaria que ele se orgulha em falar que é bem conhecida em sua cidade. Na verdade, a cidade em que mora, é sua terra natal, porém ele morou muitos anos em uma cidade grande.

Filho caçula, tinha uma irmã e dois irmãos mais velhos que morreram há muito tempo, restando apenas sua irmã, com quem se dá bem até hoje. Era o queridinho da família e considerado muito bonito. Após a morte do pai, que morreu aos 72 anos, ele viveu com a mãe por muitos anos, mas hoje vive só, embora ainda visite sua mãe sempre que pode.

O desejo por pessoas do mesmo sexo, já existia desde a infância, mas ele sempre tentou reprimi-lo, inclusive era muito paquerado pelas meninas, o que facilitava para que

ninguém desconfiasse: *“na escola eu era muito paquerado pelas meninas, mas desde que eu me entendo de gente eu não sentia atração por meninas, sentia pelos rapazes. Mas eu chamava muita atenção pelos olhos e pela beleza, porque a beleza influencia muito em todos os seres humanos”*

Ele tinha receio em demonstrar ou que alguém desconfiasse de sua orientação sexual: *“era outro tempo, a gente não demonstrava que era, tinha medo que as pessoas soubessem por medo da rejeição da sociedade, até namoradas eu tive”*.

Aos 18 anos ele teve sua homossexualidade ‘descoberta’ pela sua família e parece ter sentido por ter causado sofrimento a seus pais:

“A descoberta se deu através da minha irmã. Ela ia se casar e estavam organizando a casa que iriam morar. Meu cunhado trouxe um amigo dele para pintar a casa e eu terminei me envolvendo com esse rapaz. Eu só vi esse rapaz 1 vez tu acreditas? E nesse dia mesmo que a gente se viu, a gente ficou (como se diz hoje né?) Ficamos. Tivemos um contato físico. Eu não sei se ela viu ou sentiu alguma coisa. Meu cunhado também pressionou o amigo e eu acho que o amigo contou para ele, tanto é que o outro final de semana que era para vim também, quando ele chegou, eu pensei que o rapaz viria de novo, aí o rapaz não veio. Aí eles comentaram comigo o que tinha acontecido. E sei que aconteceu que minha irmã, meu cunhado ficou pressionando para ela contar para minha mãe, aí contou. Mamãe passou uns dias chorando, mas, foi passando uns dias e foi um período que eu fui trabalhar, eu convivia pouco, eu saía de manhã e voltava à noite, estudava”.

Edson considera que a reação dos pais foi até foi boa, pois na época era complicado ser homossexual e ele via os pais como antiquados e calados. No entanto, ele compreende que esse processo foi relativamente fácil para ele, porque ele continuou se relacionando com a namorada que tinha na época, no sentido de tirar de tempo os pais, inclusive para poder sair de casa:

Meu pai soube acho, eu escutei poucas palavras de meu pai né? Uma que eu nunca esqueci foi que ele disse assim: - “eu não gostei do que ou soube”, mas também não comentou mais nada, e eu continuei vivendo a vida. Meu pai sempre foi muito calado né? Foi tranquilo porque na época eu tinha uma namorada, eu já queria acabar, como aconteceu isso, ele ficar sabendo, aí eu peguei, continuei insistindo nesse relacionamento, que eu sabia que não ia ter futuro, mas para ter o motivo de sair de casa, de não ficar preso, de ninguém falar, eu continuei mais uns dias, mais um tempo. Eu acho que a gente passou, uns 3 a 4 anos namorando. E depois a gente acabou.

Quanto à relação com essa namorada, ele acredita que ela nunca soube sobre sua orientação sexual, mas acredita que seus familiares desconfiavam. Ele diz que não se sente mal por esse tempo e que depois do término, um ex-namorado dela se reaproximou e ela acabou se casando com ele, teve filhos e hoje é avó. Eles hoje são amigos e ele acredita que ela sabe sobre sua homossexualidade, apesar dela nunca ter comentado nada.

Quando criança Edson nunca gostou de brincar com os meninos e sempre brincava de casinha com as meninas, não gostava das brincadeiras ditas de meninos como jogar bola, empinar papagaio entre outras.

Sua primeira relação homossexual foi aos 14 anos com um primo que era muito mais velho do que ele: *“ele tomava conta de uma casa e a gente ficava só, a gente começou a ter contato e a gente ficava, sabe? Contato físico, mas uma relação total nunca aconteceu porque eu não conseguia”*.

Ele tinha dificuldade de vivenciar seu desejo homossexual, talvez por se sentir em dívida com os pais e depender financeiramente dos mesmos, e/ou até mesmo por receio de ser expulso de casa, caso descobrissem sobre sua homossexualidade. Nesse sentido, ele evitava consumir a relação, mas se deixava ter “contato físico” com o parceiro.

Edson queixou-se sobre a dificuldade de vivenciar seus desejos na época, pois dizia que não tinha acesso a nada. Aos 18 anos, quando começou a trabalhar e assim ficar mais independente, pode começar a frequentar os ambientes gays que ele descreve como sendo os bares, boates gays do Centro da cidade: *“nas boates e bares eu via as pessoas, tinha contato, era paquerado, comecei a me descobrir”*.

Ainda assim, ele considera que sua vida foi muito fechada, tendo pouca possibilidade de homossociabilidade:

“Fechada no sentido de as pessoas não saberem, eu não queria que as pessoas soubessem daquilo, porque achava que era errado, eu vivia na igreja, sabe? Eu me escondia, assim, não me escondia da sociedade, mas eu escondia o que eu era, com namoradas, com tudo isso, eu acho que depois que eu acabei o namoro com a menina, que eu comecei a ficar independente financeiramente, aí foi quando eu comecei a me soltar, comecei a conhecer as pessoas, uma época difícil, uma época sem celular, sem telefone, o telefone que existia era o orelhão, para pobre”.

Ao lembrar das dificuldades vivenciadas em sua juventude, Edson chama atenção para a facilidade em que os jovens homossexuais vivenciam hoje em comparação com a época em que ele viveu:

“Hoje aqui mesmo onde eu moro, os meninos são gays, acho que nasceu, já é gay. Eu fico bestinha, os meninos quando se descobrem aqui, é aquela coisa, vapt vupt, e a gente não, escondeu a vida toda. Tem amigos meus que casaram, constituíram família, e vivem aquela vida dupla né? Casaram muita gente da minha época, alguns tiveram filhos, outros se separaram depois de muitos anos casados e muitos ainda convivem, por causa da pressão da família”.

Edson trouxe a religião como uma experiência que foi importante para sua gestão da culpa pois por se sentir corrompido e desviante, ele considerava que se dedicar a Deus e a igreja, poderia diminuir tais sentimentos: “eu frequentava um grupo de jovens na igreja

católica, e cheguei até a ser presidente desse grupo. Fui coroinha por muito tempo. Participava do terço dos homens. Fazia decoração da igreja”.

Quando criança, Edson teve dificuldades na aquisição da habilidade de leitura e por isso precisou frequentar um espaço especializado para pessoas com dificuldade de aprendizado, aprendendo no processo, atividades ligadas à arte (artesanato). Ele parece orgulhoso em afirmar que anos mais tarde, teve a oportunidade de ensinar artesanato nessa escola.

Antes de ir morar na cidade interiorana da Paraíba, Edson teve um relacionamento que ele nomeou como fixo. Eles ficaram juntos por 7 anos, sendo que passaram 2 anos compartilhando a mesma residência. Após esses anos juntos, seu parceiro terminou o relacionamento e ele resolveu fazer algumas mudanças em sua vida.

Ele conta também sobre um amigo que o marcou muito. Ele o conheceu quando tinha 18 anos e o amigo era 4 anos mais velho:

“Eu o conheci no cinema, ele era um moreno alto, bonito, barbudo, até hoje ele é muito bonito. E foi de um período difícil como o meu, mais velho que eu, então era mais difícil ainda. Se esconde da sociedade, até hoje, é solteiro, mais esconde. A gente namorou por 6 meses e a gente nunca teve relação sexual. A gente se beijava várias vezes, mas nunca chegamos a ter relacionamento e tal. Ele era muito fechado, mais fechado do que eu. Eu sabia muito pouco da vida, tinha 18 anos. Isso me marcou até hoje, a gente tem contato até hoje. A gente não esquece o aniversário um do outro. Ele me marcou muito”.

Edson explica que outra razão de ter retornado para sua cidade natal foi a violência *“tinha um comércio e já fui assaltado várias vezes e mataram uma pessoa na minha porta e eu sofri muito e isso foi um dos motivos que me levou a me afastar”*. Ele saiu da cidade natal quando era muito jovem mas continuava a frequentá-la em festas como São João, pois tinha família e parentes lá. Então, diante da necessidade de comprar uma casa e pelo temor a violência, ele foi aconselhado pela mãe a comprar uma lá na sua cidade de origem:

“Aí a gente viu uma casa aqui para comprar para quando viesse tivesse onde ficar aqui, só que quando eu comprei eu comecei a ajeitar e com menos de 6 meses e me filei a um partido e me lancei a candidato a vereador. Uma estratégia de marketing que eu lancei aqui para ficar conhecido, porque imagina você nasceu aqui e depois quando você voltou ninguém te conhecia. E tive a oportunidade de voltar e em menos de 1 ano, todo o município ficou me conhecendo. Para mim foi ótimo assim, de donde é aquele rapaz, ele é aquele que chegou da cidade, está morando aqui e foi morar na casa que comprou que era de fulano. Você imagina todo final de semana um comércio num sítio diferente e você subi num palanque? Aí todo mundo conhece, você está lá em cima do palanque, pedindo voto”.

A estratégia de se lançar na vida política trouxe como fruto seu trabalho como coordenador do ensino médio numa Escola de sua cidade. Ele se orgulha em dizer que apesar do desafio ter sido grande, ele conseguiu dar conta do recado. Ele passou 4 anos lá e voltou após mais 4 anos, com uma nova função; coordenador de eventos do município: *“Edson da festa, dos eventos, da decoração”*.

Essas experiências de cargo público e o fato de trabalhar também no comércio, o fez ficar bastante conhecido na cidade e isso trouxe consequências para sua vida sexual:

“Aparece muitas aventuras por isso, pessoas que queriam ter alguma coisa, mas elas não ficam por causa do comentário de outras pessoas. Outra, eu sou comerciante e quem trabalha no comércio e na área que eu trabalho que é alimentação, quinta, sexta, sábado e domingo, são dias que você trabalha e as outras pessoas estão esperando chegar sexta-feira para folgar. Aí você imagina aparecer pessoas para ficar com você, aí quer ir numa praia, quer ir num teatro, num shopping; mas você não pode, porque está trabalhando, aí a pessoa tem que ficar onde você tiver”.

Por ser uma figura pública e por morar numa cidade pequena, ele diz ter dificuldades em se relacionar. Ele inclusive disse já tentou utilizar o aplicativo Tinder, mas as pessoas que apareciam para ele estavam sempre a uma distância de aproximadamente 50 km, que é onde tem a cidade mais próxima. Ele diz que ao se mudar para o interior, sabia que seria difícil ter um relacionamento duradouro: *“aventuras aparecem, rapazes que querem ficar, por algum interesse financeiro, as vezes nem rola”*.

Na sua cidade, ele não conhece ninguém que assuma abertamente que tem uma relação homoerótica: *“tem um casal que são gays, mas eles não dizem que são gays, todo mundo sabe, mas é assim, por debaixo dos panos, eu acho que eles são heróis porque a família aceita e eles tem a independência deles e eles vivem, moram na mesma casa aqui, trabalham juntos”*.

Na pandemia piorou muito para Edson conseguir sair: *“imagina eu fiquei isolado porque no começo, assim eles proibiram até de abrir o comércio”*. Ele não tem amigos íntimos onde mora, mas em Recife diz que tinha muito amigos, inclusive ele menciona um casal de amigos que o visita com certa frequência: *“quando eu não estou lá, uma vez no ano, eles estão aqui”*. Esse casal que ele mencionou, são héteros. Edson diz que quase não tem amigos homossexuais.

Edson não tem amigos na cidade que ele mora e os que tem na cidade onde morava, são heterossexuais. Isso pode ser fruto da dificuldade em se reconhecer enquanto homossexual e aceitar essa vivência enquanto algo possível e válido.

Nesse sentido, Edson retoma a questão da dificuldade de ter relações homoeróticas em sua cidade: *“as pessoas quando se descobrem gay, elas saem daqui. Elas vão embora, aqui é uma cidade dormitórios, aqui não é uma cidade que tem emprego”*.

Para ilustrar essa dificuldade, ele conta sobre um rapaz que foi aluno na escola onde ele trabalhava:

“Nesse último ano é eu reencontrei um rapaz que estudava aqui na escola que eu trabalhei. Depois que eu abri a lanchonete esse rapaz frequentava aqui a lanchonete, começou a frequentar só e depois ele casou com essa menina. Só que quando ele começou a frequentar de novo eu olhava para ele com olhar diferente e sempre percebia alguma coisa, aí uma vez eu dei uma cantada e ele disse: - nunca a gente vai ficar porque aqui, o povo fala demais, mas eu disse: - mas você não curte não? E ele disse: - curti eu curto, mas a gente não pode ficar. Depois que ele casou aí ele apareceu e assim a gente ainda ficou umas 4, 5 vezes. Ele é até pai. É um menino novo viu?”

Edson empreendeu um movimento contrário ao que aparece habitualmente em várias pesquisas sobre homens homossexuais, onde boa parte dos jovens do interior, saem de suas cidades em busca de grandes centros, para assim conseguir exercer de forma aparentemente mais ‘livre’, sua homossexualidade. Nesse sentido, Edson relata que voltou a sua cidade natal com o intuito de viver uma vida mais segura. Mas, que segurança ele procura? Será que diante de sentimentos de desvalorização de sua imagem e da luta que ele vem travando para superar a baixa estima e o fracasso performático, por se perceber como desqualificado no espaço social; a percepção de ter um estilo de vida que possa ser considerado de sucesso, pode ser uma forma de permitir que ele se sinta mais adaptado às normas sociais, e aos poucos, perceba-se mais ‘aceitável’.

Conforme Edson, o perfil de homens que se interessam por ele, são jovens entre 18 e 30 anos. Ele conta que o rapaz que mencionou é branco, de estatura média, mas que ele não tem preferência por um tipo em específico. Ainda sobre o ex-aluno, Edson acrescenta que acha que ele seja bissexual e que na cama, o rapaz prefere ser passivo. *“O rapaz assume uma postura heterossexual na vida pública ele gosta de colocar o som bem alto no carro e curtir o final de semana ouvindo aquelas músicas loucas que esses jovens curtem, tomando sua bebidinha”*.

Sua relação com este rapaz é super sigilosa, pois Edson afirma que o rapaz não só tem medo, como tem pavor que alguém saiba sobre sua condição homossexual, mas Edson confirma que sempre que pode, sai com ele pois a relação é satisfatória para ambos:

“Teve outras pessoas, mas que não marcaram, só umas aventurinhas, mas ele marca porque ele é aquela pessoa que quando você está junto com ele, que você faz carinho,

ele aceita carinho, ele é carinhoso, ele é meigo, ele abraça. É aquela coisa de tirar sua roupa, de tirar a roupa dele, de ter as intimidades, de beijar na boca. De fazer tudo. Tem um clima, uma coisa gostosa de ficar, se despedi com beijo, com carinho, mas é aquela coisa, muito preso, trabalha muito, assim, só tem 1 folga na semana, aí qual é a desculpa que vai dar em casa para ir para a rua, com a mulher, o filho pequeno, isso tudo prende né? No dia da folga dele a gente poderia, eu ir para perto da casa dele, eu ia como uma pessoa normal, ouvir uma música, escutar um som, a esposa dele estaria em casa, tem outros amigos, outros casais que eu conheço também, mas é o dia que eu estou trabalhando, no domingo. Às vezes, ele faz uns vídeos, não faz direto para mim né? Faz uns vídeos e coloca na internet, mas me marca porque quer que eu veja né? Ele lá curtindo música, bebendo a bebida dele com os amigos, no final de semana. Então, não tenho nada sério com ninguém, eu não tenho uma pessoa fixa não, queria muito ter, mas não tenho”.

As outras aventuras que Edson comentou, também seguem um protocolo de cuidado para não serem vistos:

“Eles vêm em uma hora que já está fechando, vem 1 hora antes e diz que vai vim, que não quer entrar pela frente, que quer o acesso por trás da casa. Quer guardar a moto na garagem, quer que eu abra o portão para moto ninguém vê, desliga a moto antes de chegar em minha casa, deixa a moto em algum lugar e vem andando. Essas coisas, é uma cidade pequena”.

Edson permanece tentando formas de exercer sua sexualidade, mesmo que de forma clandestina e/ou descontinuada. Nesse sentido, ele não nega novas possibilidades de experiências sexuais, embora compreenda as dificuldades impostas por morar numa cidade pequena e em ocupar um trabalho que exige que ele trabalhe aos finais de semana. Ao mesmo tempo, ele parece se ressentir por não ter possibilidade de dar continuidade a suas relações, por causa do olhar moralizante das pessoas da cidade.

Edson trouxe que acredita que se estivesse ainda morando numa cidade grande, já estaria num relacionamento. Diz que a idade não lhe parece ser um empecilho, pois: *“tem jovens que não querem relacionamentos com pessoas da mesma idade, só querem com pessoas mais velhas. Teve um que disse uma vez que 50 anos era muito novo para ele”*.

Sobre as mudanças relacionadas ao envelhecimento, Edson afirma sentir o peso da idade. Diz que antes da pandemia, fez algumas mudanças em seus hábitos e estava frequentando a academia. Além disso, antes se ocupava bastante com os eventos da cidade, principalmente nos três primeiros meses do ano. No entanto, após a pandemia, sente-se cada vez mais sedentário:

“Há 7 anos atrás, eu tomei uma decisão na minha vida: parar de fumar. Quando eu parei de fumar eu tinha 73 kg aí eu estou com 93 kg. Aumentei 20 kg em 7 anos. Eu tenho 1,75 de altura. Mas só percebe mais por causa da barriga né? A barriga ficou redondinha mesmo. As pessoas nem notam muito não. Tem gente que nota, diz tu engordasses não foi? (...). Eu fui ao médico, e ele disse que eu era para ter entre 70

e 75 kg. Então ele disse: - por isso suas pernas estão doendo, porque você está com um saco de cimento carregando e não quer jogar fora, quando jogar fora, fica tudo bom, você está com sobrepeso em cima de seus pés. Aí é fazer dieta, mas é difícil, para arranjar o peso é fácil mas tirar é difícil”.

Pensando sobre a homossexualidade e o envelhecimento, Edson reitera que: *“nunca quis ser homossexual, não tenho orgulho de ser, e nunca pedi para ser”*. Diz que apesar de não se aceitar totalmente, não acredita que teve desvantagem por ser homossexual e que acredita que se tivesse na capital, talvez não fizesse diferença, mas que onde mora, talvez faça. Sobre envelhecimento ele pontua que ninguém o chamou de velho e que todos o tratam com respeito, pois ele se dá ao respeito: *“eu quebro logo o clima: - ah não me chame de senhor não, me chame de Edinho, que eu me sinto bem mais jovem, igual a vocês. Eu adoro estar no meio dos jovens, trabalhar com jovens, para deixar um legado para eles”*.

Nesse sentido, Edson falou sobre o desejo de deixar um legado para os jovens e sobre a necessidade de ser reconhecido por seus esforços:

“Eu queria ser alguém aqui na minha cidade para deixar algum legado. Eu acho que já vou deixar alguma coisa, mas eu queria deixar mais ainda para essa nova juventude que vem. (...). Aqui na minha cidade o povo não tem a cultura de ler, ninguém tem hábito de ler. Eu não tive também esse hábito de ler, por várias formas, por vários motivos. Os jovens daqui não têm cultura, a cultura daqui é muito fraca. Eu queria deixar um legado de cultura aqui no município, de arte, de coisas que valorizassem. Espero que as pessoas lembrem do meu nome depois (rsrs). A gente não vai estar aqui para ver, ninguém sabe qual é o plano que a gente vai depois que morre, mas ainda penso em fazer algum trabalho aqui, pelo município, algo da cultura”.

Assim, Edson finaliza sua fala com ponderações sobre que tipo de pessoa ele poderia aceitar como companheiro de vida e sobre posições profissionais e políticas:

“Mas assim em relação a hoje, com 56 anos, eu posso até ter um relacionamento, mas teria que a pessoa ser independente, na casa dele e eu na minha casa, para a gente se encontrar e ter momentos íntimos juntos, daria muito mais certo. Depois dos 50 anos, cada um tem suas manias, tem suas coisas e eu tenho várias manias que eu acho que todo mundo tem. Eu gosto de tudo perfeitinho sabe? Sabe aquela coisa, tudo no seu lugar? Se tiver desmontado foi eu que fiz e eu não olho e se tiver que organizar eu vou lá e ajeito. Eu sei que todo ser humano é diferente, mas assim, eu gosto de limpeza, eu gosto de organizar. (...). Se eu fosse prefeito da cidade onde moro, não deixaria certos trabalhadores que não tem compromisso e responsabilidade. Mas você sabe, é tudo apadrinhado político, por isso o Brasil estar do jeito que está. Bolsonaro ganhou a eleição com esse discurso demagogo que não ia fazer nada, hoje está junto com o central e para ganhar a reeleição vai se juntar com gato e cachorro. Não sou eleitor dele, não fui, talvez vote porque ninguém sabe quem vai ser do outro lado, mas esse povo não tem jeito quando chega lá não, viu?”

6 ENVELHECIMENTO, HOMOSSEXUALIDADE: A AMIZADE COMO “MODO DE VIDA” HOMOSSEXUAL

A análise realizada nesse capítulo consiste num esforço em encontrar possíveis singularidades e globalidades nas narrativas dos interlocutores. A pretensão não é chegar a generalizações e sim, propiciar reflexões, que provoquem uma tensão compreensiva da realidade, atuando como catalisadoras para novas compreensões³ (WEBER, 1997).

Nas aproximações analíticas percebi que a amizade surge em diversos momentos do curso de vida dos interlocutores e que pode ser considerada como modo de vida homossexual, pois como afirma Foucault (1981):

Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, às diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria o “modo de vida”? Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. Acredito que ser gay não seja se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida (FOUCAULT, 1981, p. 3)

Nesse sentido, para compreender como esse modo de vida foi narrado pelos interlocutores elegi alguns eixos presentes nas narrativas. Assim, considerando as idiosincrasias de cada narrativa, as temáticas recorrentes e os contextos em que estas ocorreram, e tendo em vista o curso de vida de cada interlocutor, surgiram os seguintes eixos temáticos: vicissitudes do armário, Envelhecimento e amizade e; Perspectivas para o futuro.

6.1 Vicissitudes do armário

A infância e adolescência dos entrevistados foi marcada por situações de estigma e homofobia, inicialmente a partir dos membros da família e a posteriori se estenderam às relações na escola e na sociedade. Nesse sentido, eles precisaram lidar com essas situações, a partir do apoio de amigos e Redes institucionalizadas de apoio, bem como, a partir da entrada no armário.

Vimos que tanto Dr. House, quanto Francisco, viram nos amigos uma forma de se validar e sobreviver aos constantes ataques a seu comportamento lido como desviante. No

³ Para o autor Max Weber (1997), a construção de tipos ideais não interessa como finalidade, mas como meio de se aproximar do conhecimento. Quando os tipos ideais são confrontados com a realidade, se instala uma tensão compreensiva, a qual desencadeia esclarecimentos, comparações, refutações, contribuindo, assim, para a produção do conhecimento científico.

caso de Dr. House, ele andava com pessoas que ele considerava semelhantes a eles em relação aos gostos e comportamentos, mas não se identificava como homossexual. Dessa forma, passou a incorporar a homossexualidade não como uma identidade, mas como um ‘estilo de vida’, considerando-a como uma característica tal qual, gostar de ler e ouvir música.

Francisco não só buscou o apoio de amigos, como também recebeu apoio de instituições de apoio à população LGBT, como a citada “Nós também”. Nesse sentido, os grupos de discussão sobre a temática LGBT, possibilitaram que Francisco compreendesse as diversas construções sobre homossexualidade e os possíveis desafios em assumir uma prática considerada dissidente. Dito de outra forma, através das chamadas “reuniões de identificação”, nas quais “os participantes do grupo relatavam aos outros militantes suas histórias, prazeres e frustrações com suas orientações sexuais”, Francisco aprendia sobre o mundo gay, e suas particularidades, refletindo também sobre temáticas como “revelação”, “vivência na clandestinidade e marginalidade”, e os possíveis confrontos pessoais diretos que este possa enfrentar no seu curso de vida (MACRAE, 2018, p. 27).

O trabalho surge enquanto “ponto de viragem” que permitiu aos interlocutores serem respeitados pela família, contribuindo também para busca de experiências homoafetivas.

Nessa perspectiva, Marsiaj (2003) afirma que no momento que os homossexuais, principalmente os de família de classe popular, começam a contribuir financeiramente em casa, eles passam a serem mais tolerados pela família, possibilitando uma maior ‘liberdade’ (MARSIAJ, 2003). Nesse sentido, o status de membro que contribui para a renda familiar torna-se um facilitador para o processo de homossociabilidade, no entanto, pode gerar uma interdependência entre os membros da família, podendo ser um obstáculo a saída definitiva daquele lar, pois sua família muitas vezes, passa a depender daquele recurso material oferecido (MARSIAJ, 2003). Nessa perspectiva, observamos que Francisco permanece morando com sua família, cuidando e contribuindo financeiramente com a mesma. Já Edson, permaneceu por muito tempo morando com os pais, saindo apenas em busca de reconhecimento, voltando para sua cidade natal.

O modelo de masculinidade hegemônico era o tempo todo cobrado dos interlocutores. Assim, como afirma Erving Goffman (1982. p. 25), “o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os ditos normais o identificarão e o receberão”. Nesse sentido, Dr. House, seguindo a orientação da “teleologia heteronormativa” (HENNING, 2020), se valeu das relações heterossexuais para se desvencilhar do julgamento homofóbico, casando e tendo filhos. Vimos também que Edson precisou namorar com meninas para despistar o pai e Francisco, precisou ‘enganar’ o pai para

sair das constantes armadilhas que tentavam ‘consertar’ seu comportamento percebido como desviante.

Não podemos esquecer que o momento e infância e adolescência desses sujeitos foi marcado pelo contexto histórico da Ditadura Militar- marcado por autoritarismo político e intolerância, no qual a homossexualidade se associava à condição de crime e doença, por isso, no sentido de atender as expectativas sociais e familiares, construídas sobre a ideia de masculinidade e fundamentadas em estilizações do gênero ⁴, esses homens, cada um a seu tempo e ao seu modo, precisaram lidar com a homofobia e atuar de modo a se afastar de possíveis enquadramentos baseado em nos modos de performatizarem gênero (RIOS et al, 2019).

Outro ponto de viragem na vida de Dr. House, foi o momento que ele conseguiu se separar da esposa, aos 32 anos e começou a sair em busca de novas relações passando a ‘usar’ o ‘armário’ como instrumento que o possibilitava transitar entre as aparências e o desejo. É importante considerar que a trajetória empreendida pelos homossexuais, principalmente os que viveram no contexto histórico e político da Ditadura militar, até que se posicionem na vida pública como tais, é longa, sendo necessário, muitas vezes, que eles aprendam a jogar com o silêncio ou até mesmo voltar ao ‘armário’, caso se sintam ameaçados (AFONSO-ROCHA; MITIDIARI, 2019).

Quanto aos platôs descritos pelos autores Kerry dos santos e Silva Teixeira Filho (2011), Dr. House parece ter se mantido no armário de linhas duras (Trancado com cadeado) por 32 anos, mas após esse ponto de viragem, ele vai ao longo do tempo, passando para o armário de portas fechadas (ou enconstadas) e chegando, no momento atual, ao armário aberto, que o permitem transitar sempre que necessário, seja devido a sua profissão, ou diante de pessoas que o constrojam.

No caso de Francisco, ele percorreu um caminho em que aparentemente não precisou tanto se manter no armário. Nesse sentido, esteve num armário aberto, sendo este apenas usado como linha de fuga. Ele usou inicialmente a estratégia do deslocamento geográfico como forma de vivenciar de forma mais ‘segura’ seus desejos e posteriormente procurou por grupos que o auxiliassem no processo de auto-validação e reconhecimento, como mencionado anteriormente.

4 O termo estilização é compreendido como “efeitos de enunciações de identidades constituídas a partir de (com)posições sociais resultantes de uma estética e expressividade resultados estéticos e de expressividade do agenciamento (consciente ou inconsciente) de elementos corporais (constituição física, gestual, sotaque, vestuário, adereços etc.) com efeitos de enunciações de identidades” (RIOS et al, 2019, p. 68).

Quanto a teleologia heteronormativa, vale salientar que é possível que Francisco não tenha escapado totalmente de suas exigências, pois o ‘assumir’ a sobrinha como filha, pode ter sido fruto de tais exigências. Afinal, como afirma Sedgwick (2007):

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (p. 22).

No caso de Edson, ele continua usando o armário para se proteger e fez um percurso contrário ao de Francisco, pois voltou a sua cidade de origem, expondo-se novamente ao controle social e saindo apenas em circunstâncias sigilosas e protegidas do armário ao qual ele se impôs (armário de portas fechadas ou encostadas-linhas flexíveis).

Nesse sentido, a percepção de estar cometendo um delito e de ser uma decepção para família, parece estar presente no momento da revelação, que no caso de Edson, não foi voluntária. Assim, Edson voltou para o armário, fechando-se ainda mais e possivelmente se punindo por ter transgredido a heteronorma.

Numa sociedade onde se aprende que a heterossexualidade é a norma sexual, os estigmas associados à homossexualidade se tornam um peso para quem ousa subverter a heteronorma. Somado a questão do imperativo da heteronorma, é importante destacar que na época da revelação de Edson, há mais de 30 anos atrás, a homossexualidade era considerada doença. Nesse sentido, diante de tantos estigmas, o indivíduo é levado a ter que tomar posições para se impor e se sobressair, o que no caso de Edson, significava ter que manter um relacionamento heterossexual e trabalhar.

Levando em consideração o percurso de cada interlocutor, todos de alguma forma precisaram lidar com a homofobia. Mesmo com receios que os faziam sentir ter algo de errado em si, bem como de estar trilhando “um rumo equivocado” na vida, eles foram encontrando formas de dar sentido a seus desejos e a desafiar o curso de vida estabelecido pela teleologia heteronormativa.

O curso de vida desses homens se mostrou plástico, dinâmico e em transformação. O que pode ter contribuído para uma percepção de envelhecimento onde os interlocutores parecem acreditar e vivenciar essa plasticidade, colocando em cheque concepções que associam a velhice homossexual a um período de solidão e abandono.

6.2 Envelhecimento e amizade

Os interlocutores dessa pesquisa se colocaram como em processo de envelhecimento. Nesse sentido, trouxeram experiências em que aprenderam com as novas gerações e outras que durante seu curso de vida, foram orientando seu modo de vivenciar o envelhecimento.

Nessa perspectiva, eles narraram situações que aprenderam e se surpreenderam com as gerações mais novas. Como no caso de Dr. House que se permitiu frequentar locais que antes ele associava a guetos, Francisco que se permitiu andar e mãos dadas e Edson, que se viu surpreso pela facilidade da ‘revelação’ vivenciada pela nova geração. Nesse sentido, Pocahy (2011) trouxe uma reflexão interessante sobre a capacidade de flexibilização perante às mudanças experimentadas no decorrer do curso de vida. Ele afirma que essa suposta dificuldade de pessoas de gerações mais antigas, em “incorporar certas flexibilizações em relação às condutas de gênero e sexualidade. [...] Oferece-se mais como um fantasma normativo” (POCAHY, 2011, p. 21).

Assim, Pocahy (2011, p. 21), citando Bozon (2009, p.125) destaca: “as gerações idosas de hoje praticam um repertório mais largo do que aquelas de ontem, na medida em que elas passaram sua vida adulta em um contexto de ampliação das possibilidades e de diversificação dos percursos afetivos”.

No entanto, é importante destacar que muito do que a nova geração goza de direitos e posturas libertárias de estigmas, é fruto das lutas empreendidas pelas gerações anteriores, por homossexuais que hoje são idosos.

Outro tópico que trouxeram sobre o envelhecimento, foi o medo de adoecer e ficar sem ter com quem contar. Sobre o fantasma da solidão, Santos e Lago (2013) pontuam:

Por mais que o medo de ficar sozinho na velhice independa da orientação sexual das pessoas, há o mito, certamente heteronormativo, de que os gays serão velhos solitários, pois não constituíram famílias e já não poderiam mais frequentar os espaços da cena gay. Tais assertivas mostram-se parcialmente equivocadas, pois tais mitos parecem se basear numa unidade entre a “população” de gays velhos. Não se considera, por exemplo, que muitos chegaram a casar e tiveram filhos que ainda estão presentes em suas vidas. Outros simplesmente não casaram, porém devemos levar em conta que casamento e filhos só podem ser considerados como prerrogativas únicas de felicidade segundo uma razão de Estado balizada pelo biopoder e/ou por preceitos morais religiosos (p. 132)

Nesse sentido, os interlocutores dessa pesquisa, trouxeram que estão cuidando de sua saúde e que consideram que ter amigos e/ou estar numa relação afetiva, pode ser um suporte importante, principalmente no momento do envelhecimento.

Quando questionado sobre envelhecimento, Dr. House falou sobre seu receio de ficar sozinho e a insegurança de não ter mais um corpo jovem. Dessa forma, trouxe a importância do apoio do companheiro, tanto quanto ao companheirismo, quanto ao fortalecimento de sua autoestima.

Francisco e Edson, talvez por serem mais jovens que Dr. House, falam sobre envelhecimento ainda como algo para o futuro e trazem situações que demonstram que ainda são desejáveis.

Francisco traz a amizade como fator que contribui não só para o cuidado diante do adoecimento, como também uma garantia de uma velhice o mais longe possível da solidão e do esquecimento. O grupo de amigos que Dr. House fala com tanto afeto e que ele permanece se encontrando ainda hoje, parece ter sido o lugar de apoio e de prazer para ele, principalmente na época em que não conseguia vivenciar seus desejos. Nessa perspectiva, a amizade pode se constituir como uma possibilidade de vínculo, suporte, proteção e enfrentamento a doenças (Wladirson e Chaves (2012).

A amizade adquiriu funções diferentes ao longo do curso de vida desses sujeitos. Na juventude, ela exerceu a função de auxiliar na gestão do segredo sobre as suas relações homoeróticas, oferecendo-lhes a possibilidade de alargar o espaço interacional limitado pelos laços familiares e de ampliar a sua rede de sociabilidade. A experiência da amizade, nesse sentido, apresentava-se como uma ponte que lhes permitia reduzir a complexidade dos custos emocionais que o processo de negociação da visibilidade sexual exigia (REZENDE, 2002)

Ao analisar a amizade como modo de vida, Eribon (2008, p. 38-39) esclarece que:

a sociabilidade gay – ou lésbica – funda-se, primeiramente e antes de tudo, numa prática e numa “política” da amizade: é preciso procurar estabelecer contatos, encontrar pessoas que vão se tornar amigos e, aos poucos, constituir um círculo de relações escolhidas. [...]. Pois hoje, como ontem, o círculo de amigos está no centro das vidas gays [e lésbicas], e o percurso psicológico (e, com frequência, geográfico) do homossexual marca uma evolução da solidão para a socialização em e pelos lugares de encontro (sejam os bares ou os parques). Assim, o modo de vida homossexual está fundado nos círculos concêntricos das amizades ou na tentativa sempre recomeçada de criar tais redes e de estabelecer tais amizades (aspas do autor)

Nesse sentido, em convergência com nossos interlocutores, que defendem a amizade enquanto suporte no enfrentamento à solidão, Santos e Lago (2014), concluem:

“A ideia do gay velho solitário não leva em consideração também a possibilidade de se criarem outras formas de viver o companheirismo, seja por meio de redes de amizade, seja pela experimentação da sexualidade e da homoafetividade, que não necessariamente toma a genitalidade, o desempenho sexual e o orgasmo como

indicativos de qualidade e de prazer” (p.133).

Os amigos constituem vínculos afetivos que tanto podem ajudar no sentimento de pertença e proteção perante o estigma da homossexualidade, como também, na velhice, atuam enquanto suporte social, aumentando o sentido de proteção e bem-estar geral (RIBEIRO-GONÇALVES; COSTA; LEAL, 2020).

Quanto ao pertencimento a diversos grupos, Paulo e Esgalhado (2020), apontam que “indivíduos pertencentes à comunidade LGBT, têm uma maior necessidade de estarem inseridos em ambientes que providenciam o desenvolvimento de redes de suporte, uma vez que enfrentam desafios relacionados com a sua identificação sexual” (p. 125). Nessa perspectiva, os autores concluem que “pertencer à comunidade, possuir apoio social e participar em atividades religiosas são fatores protetores no que diz respeito ao bem-estar dos idosos LGBT e ao seu envelhecimento” (p. 125).

Desta forma, pertencer a grupos distintos de apoio e amizade, podem ser fatores protetivos e estratégias importantes na experiência de homossexuais idosos. Os interlocutores trouxeram a amizade como uma forma de dar sentido a suas experiências, seja através da convivência com grupos de amigos, ou a inserção na comunidade LGBT, como também, a partir da experimentação de novas possibilidades de se relacionar. Assim, a amizade aqui é compreendida enquanto um sistema relacional, que expande as relações habituais, para além de suas supostas codificações.

Quanto a espaços de sociabilidade, os interlocutores mencionaram a sauna como local de vivência de relações seguras e instrumentalizadas. Sobre a temática da sauna, Eribon (1996) citando Foucault (1978) pontua sobre a natureza dos encontros nesses locais, onde “sem que se esteja aprisionado em sua própria identidade, em seu próprio passado, em seu próprio rosto, encontram-se pessoas que são para você o que você é para elas: nada mais do que corpos, com os quais combinações, fabricações de prazer serão possíveis (p. 168).

Pocahy (2011), traz a sauna como um local que borra “as fronteiras fantasmagóricas da aparência corporal”, possibilitando “uma suspensão ligeira das ‘identidades sexuais’ e ‘das amarras eróticas’ normativas” (POCAHY, 2011, p. 61-62)

Outro entusiasta das saunas gays foi o autor Edward MacRae (2005), que apontava o quanto estas poderiam incentivar a prática sexual entre parceiros do mesmo sexo, possibilitando que se tecessem identidades gay mais positivas.

Nesse sentido, os interlocutores trouxeram considerações importantes sobre suas existências relacionais, como a necessidade de estabelecer ligações mais duradouras, pois se preocupam em não ficar sozinhos quando envelhecerem.

Os interlocutores também chamaram atenção para mudanças nos moldes de se relacionar. Dr. House parecia buscar nas relações a estabilidade e segurança que ele sentia como perdida com a separação de sua esposa. Francisco em sua juventude procurava por relações mais fortuitas e com o passar dos anos, quando ele vai se percebendo envelhecendo, ele começa a trazer outras necessidades, inclusive de afeto e segurança.

Diferente dos outros entrevistados, Edson não constituiu amizades com homossexuais durante seu curso de vida. Nesse sentido, entendendo que a amizade possibilita o processo de pertencimento e estabelecimento de vínculos, contribuindo no exercício de uma sexualidade deslocada dos sentimentos de clandestinidade e solidão, o comportamento de Edson de afastar-se desses vínculos pode ter interferido na forma de exercer sua homossexualidade (ORTEGA, 2000). Nesse sentido, como afirma Mota (2014): “para esses indivíduos, ser homossexual gerou um sentimento de inferioridade e, muitas vezes, levou-o ao desprezo em relação a outros gays com os quais não conseguiam se identificar” (p. 130).

Edson procura viver sozinho, tendo suas relações apenas no privado e afirma não querer assumir e nem ter nenhuma relação duradoura. Ele trouxe amizade no sentido de prazeres e afetos. Nesse sentido, ele se beneficia dessas trocas e aparentemente nutre-se das mesmas.

Em todos os casos, a amizade assumiu importância relevante durante todo o curso de vida, sobretudo no envelhecimento, representando funções diversas, tais como: fortalecimento da identidade homossexual, proteção do segredo da homossexualidade, apoio emocional, companhia, afeto, parcerias sexuais, segurança e cuidado na velhice.

6.3 “Vivendo o hoje enquanto der”: perspectivas para o futuro

Os interlocutores trouxeram questões de preocupação com a saúde como um todo e sobre o momento da pandemia, sobre isolamento, solidão e perdas. Também teceram críticas ao governo atual e as eventuais consequências para o futuro dos homossexuais no Brasil.

Dr. House afirma ter medo do futuro no Brasil, pois diante da situação política atual, preocupa-se em como será para ele ser um idoso homossexual, num país homofóbico e preconceituoso. O receio trazido pelo interlocutor está em consonância com o que já apontava Trevisan (2011) em relação aos efeitos que o fundamentalismo religioso, aliado à paranoias políticas poderiam gerar em relação aos direitos e conquistas LGBT. Assim, num cenário repleto de *fake News* e discursos de ódio, foi se legitimando no Brasil, através da eleição e do discurso defendido pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro, uma agenda homofóbica. Nesse

sentido, o medo do futuro trazido por Dr. House se fortalece devido ao retrocesso causado por essa política de extrema-direita, que aos moldes da ditadura, sob a égide da defesa da volta dos valores da ‘família tradicional brasileira’, retira os direitos e oprime diversos grupos estigmatizados, principalmente os dissidentes da heteronorma.

Em setembro de 2020, uma pesquisa nacional que objetivava identificar o diagnóstico LGBTQ+ na pandemia, trouxe que 42,72% dos entrevistados elencaram a saúde mental como o principal impacto vivenciado durante este período, seguida de “novas regras de convívio”, “solidão”, “convívio familiar” e “falta de emprego e dinheiro”.

Na pesquisa realizada por Bordiano et al (2021), constata-se que o cenário de pandemia do SARS-CoV-2, trouxe uma maior vulnerabilidade socioeconômica para população LGBTQ+, aumentando a perda de empregos e precarização de vínculos. No sentido de fragilidade dos vínculos sociais, os autores apontam que:

Como são por vezes rechaçados no núcleo familiar, um importante mecanismo de resistência e sobrevivência desses grupos está no vínculo que estabelecem com as suas comunidades, de forma que um grave impacto vivenciado por esses sujeitos está na impossibilidade, dadas as medidas de distanciamento social, de um contato mais ativo e presencial com seus afetos e territórios, o que leva a uma experiência de isolamento e solidão” (BORDIANO et al, 2021).

Nesse sentido, o distanciamento dos amigos, a falta de trabalho e conseqüente falta de dinheiro e qualidade de vida, parece ter trazido conseqüências à saúde mental de Francisco, fazendo-o procurar por estratégias que propiciem uma melhora na sua saúde como um todo. Inclusive percebi que a própria atenção que dei a este durante a entrevista, constituiu-se naquele momento, como acolhimento e afeto.

“Por causa da pandemia, minhas idas para casa de amigos também ficaram mais restritas, e muitas vezes me peguei vendo fotos de amigos nas redes sociais bebendo com outros amigos e ficava triste e me perguntando porque eles não me chamaram. Mas, depois parei e pensei que foi até bom porque estou com pouco dinheiro para gastar. [...]. Estou tentando voltar a trabalhar, voltei a caminhar, e estou tentando cuidar de minha saúde mental. [...]. Eu tento apreciar as pequenas coisas mas sinto falta das pessoas, de sair, de transar, de estar com pessoas. É porque vem os desejos né? Vem os desejos de alguém, encontrar com alguém. [...]. Ai as vezes eu vou para minha cama, eu deito, fico de olho fechado, fico ouvindo música. Quando preciso, tomo um valerimed para dar uma calmada e vou tentando driblar meus desejos e meus medos”. [...]. Próxima semana vou fazer exame de próstata, de 6 em 6 meses, eu vejo minhas taxas, tento baixa-las (Francisco)

Edson trouxe preocupação com o futuro e em deixar um legado. Muitas vezes em sua narrativa, ele parece tentar provar seu valor, em um esforço para que reconheçam seus feitos e esqueçam/perdoem sua ‘falha’ em ser homossexual. Dos três interlocutores, ele é o que parece

ter mais dificuldade em se aceitar enquanto homossexual. Porém ele não é tão passivo assim no processo, pois mesmo com limitações, foi dando sentido a sua homossexualidade e pensando num futuro onde possa estar num relacionamento nesses moldes.

Quanto a perspectivas para o futuro, os interlocutores, apesar de vislumbrarem um futuro que torne a velhice um momento viável e possível, tanto no aspecto relacional, quanto ao que concerne mais precisamente a ser um velho homossexual; eles parecem focar no hoje, no agora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo se propôs a compreender experiência de homens homossexuais idosos, a partir do curso de vida. porém, devido à pandemia do SAR-COV-2, que trouxe entre outras consequências, a restrição de acesso, devido às medidas de distanciamento social e somando-se a dificuldade em encontrar idosos homossexuais que aceitassem participar da pesquisa, o foco da pesquisa passou a ser sobre homens homossexuais e como suas experiências ao longo do curso de vida, foram trazendo consequências em sua percepção e/ou vivência do envelhecimento. Nesse sentido, outra consequência foi a redução do número de interlocutores de quatro para três. No entanto, compreendo que a modalidade de pesquisa que a tese adotou, não é orientada por número de participantes, e nem tem interesse em generalizações. A ideia é focar na visibilização das constantes posições que os sujeitos vão ocupando durante seu curso de vida e como acontecimentos e “pontos de viragem” podem trazer consequências para as experiências dos sujeitos. Vale salientar que apesar do número reduzido de interlocutores, tentei ficar atenta a possíveis articulações com os marcadores como raça, gênero e classe social.

Nesse sentido, amparada por referências teóricas como: curso de vida, narrativas e experiência, comecei as entrevistas no intuito de ouvir o que esses homens tinham a me contar. Afinal, quando entrei pela primeira vez em contato com essa temática, na ocasião das entrevistas para dissertação, percebi certa dificuldade por parte dos homens mais velhos em vivenciar o envelhecimento. Eles falaram sobre preconceitos entre os próprios homossexuais, principalmente devido à idade e à aparência.

Nessa perspectiva, compreendo que a homossexualidade e o envelhecimento são temáticas que remetem a um duplo estigma (SIMÕES, 2004), o caminho escolhido por essa tese foi o de encontrar na experiência de meus interlocutores, de resistências. Assim, embora reconheça que os estigmas existam, priorizei focar na agência dos sujeitos.

Após a revisão sistemática empreendida, a amizade surgiu como forma de resistência, de suporte para vivência do envelhecimento, bem como, como uma forma relacional complexa e diversa, que permitia aos sujeitos uma nova forma de relacionar-se.

Diante das entrevistas com enfoque biográfico identifiquei a amizade, assim como na revisão sistemática, como de grande importância para os interlocutores, desde a infância. Sobre a ocasião das entrevista destaco que por estarmos numa pandemia, e em isolamento, as entrevistas ocorreram com suas limitações, porém de forma intensa e rica. Os interlocutores ansiavam por serem ouvidos, afinal, estávamos em isolamento e eles já estavam sofrendo com

o distanciamento social e as privações derivadas deste.

Então relembro um pouco a trajetória de cada interlocutor, temos inicialmente o primeiro entrevistado, Dr. House. Em sua narrativa, percebeu-se “pontos de viragem” como a entrada na adolescência, que propiciou o entendimento que os amigos seriam importantes redes de apoio para sua auto identificação e aceitação; o casamento e posteriormente o rompimento e início de sua empreitada para encontrar alguém que fosse seu companheiro. Nesse momento, Dr. House, que passou a vida toda num armário fechado à cadeado, permitiu-se encostar a porta do armário e posteriormente, até estar num armário aberto. Em seu curso de vida, Dr. House passou pela ditadura militar, por problemas de aceitação por parte da família e ainda assim, buscou vivenciar seus desejos. Ele trouxe o quanto a amizade, para além de encontros fortuitos e de transas, representa uma nova forma de relacionar-se, mesmo que ainda nos moldes heteronormativos. Outro aspecto relevante da entrevista de Dr. House é que sua classe social, permitiu, e ainda permite, que ele tivesse acesso a recursos e locais que o ajudaram em sua trajetória de experimentação de seus desejos, basta lembrar do disk amizade, recurso que era muito caro.

Dando prosseguimento às entrevistas, consegui marcar com Francisco. Ele era bastante falante e agradável, e foi quem mais pareceu ‘necessitado’ de ser ouvido. Em seu curso de vida, ele teve contatos com diversos grupos e amigos e, inicialmente, como me relata, tinha dificuldade em estabelecer vínculos duradouros, como se sua liberdade pudesse ser afetada por estes. No entanto, algumas experiências em relacionamentos, e a consciência do passar do tempo, levaram-no a reconsiderar a importância de amizades duradouras, inclusive como fator protetivo na velhice. Ele inclusive, já consegue se perceber futuramente, estando numa relação aos moldes de um casamento. A amizade surge na narrativa de Francisco como aqui é compreendida enquanto um sistema relacional, que expande as relações habituais, para além de suas supostas codificações. Outra questão importante sobre Francisco é que ele se identifica como preto e tem pouco poder aquisitivo. Não consegui apreender em sua narrativa, situações que retratem preconceitos ou dificuldades por ele ser preto, no entanto, para além das questões de idade, sua inserção no grupo dos ursos pode ser um indicativo de tentativa de pertencimento, em função de sua raça/etnia.

Por fim, Edson aceitou participar da entrevista, mas elucidou que não se sente velho, porém que compreende que já não é mais o jovem que era antes, inclusive admite que engordou e que está se cuidando. Da narrativa de Edson, me chamaram especialmente atenção dois aspectos: O primeiro foi a volta para cidade natal, movimento contrário ao que as pesquisas apontam, pois em geral os homossexuais saem de suas cidades do interior para

vivenciarem sua identidade homossexual nos grandes centros, pois se entende que estes propiciam um maior anonimato (PARKER, 1991). Nesse sentido, Edson permaneceu no armário de portas fechadas (encostadas), saindo apenas em situações de encontros clandestinos e ‘seguros’. O segundo aspecto que me chamou atenção foi a necessidade constante de se provar importante. O tempo todo na entrevista eu tive impressão que ele queria que eu percebesse o quanto ele é importante. Trouxe sobre a necessidade de deixar um legado, sobre seu cargo na prefeitura e o quanto ele é conhecido na cidade. Esse movimento me pareceu uma tentativa de ‘compensar’ o desvio que ele entende efetuar por ser homossexual. Esse sentimento de compensação foi bastante encontrado entre os entrevistados de minha pesquisa para dissertação. Na referida pesquisa, percebi que eles tentavam ser bons filhos, bons profissionais, bem sucedidos, para que pudessem ser aceitos e também para se aceitarem. No caso de Edson, ele trouxe que não queria ser homossexual, e por isso, é provável que o retorno para sua cidade natal seja uma tentativa de ‘segurar’ seus desejos e deixá-los ofuscados pelo sucesso profissional, afinal ele diz que se estivesse na cidade, provavelmente já estaria casado com um homem. Quanto ao envelhecimento ele disse que não tem medo da solidão. Ele também traz em sua narrativa a amizade enquanto possibilidade relacional. Nesse sentido, a amizade se constitui como o único meio pelo qual Edson se permite vivenciar o modo de vida homossexual. Assim, compreendendo amizade como formas relacionais que incluem, por exemplo as ‘amizades coloridas’, ele narra que estas servem como fontes de afeto que o ajudam a lidar com seus momentos de solidão. A classe social também trouxe aparentes privilégios no sentido de parcerias sexuais, pois Edson trouxe que muitos dos homens que o procuravam na cidade onde mora, o fazem por interesses financeiros, pois ele tem uma pizzaria.

Os interlocutores falaram sobre envelhecimento e sobre perspectivas para o futuro, que permitam que a velhice seja um momento viável e possível, tanto no aspecto relacional, quanto ao que concerne mais precisamente a ser um velho homossexual; eles parecem focar no hoje, no agora.

Vale salientar que a condição política e de saúde pública no Brasil, especialmente na ocasião da confecção deste trabalho, está marcada pelo retrocesso causado por uma política de extrema-direita, que aos moldes da ditadura, sob a égide da defesa da volta dos valores da ‘família tradicional brasileira’, retira os direitos e oprime diversos grupos estigmatizados, principalmente os dissidentes da heteronorma.

Ademais, acredito que o estudo em pauta pode oportunizar e provocar reflexões e ponderações, inclusive entre os atores da comunidade LGBTQ+, acerca da importância de

visibilizar a questão do envelhecimento dos homossexuais, no intento de melhor compreender suas necessidades e direitos, inclusive por parte de políticas públicas. Reforço também aqui a necessidade de se aprofundar sobre o quanto marcas sociais como classe, raça/etnia e gênero podem interferir nas experiências desses homens, especialmente quando envelhecerem.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O Método nas Ciências Naturais e Sociais: **pesquisa quantitativa e qualitativa**. 1ª edição. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ANDRADE, Márcia A.R.; FRANCH, Márcia. Sexualidade e processos de envelhecimento na dinâmica do Programa Saúde da Família. **Mediações**, Londrina, v. 17 n. 2, p. 41-56, 2012.
- ARAUJO, Ludgleydson.; CARLOS, Karolyna Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicol. Conhecimento. Soc.**, Montevideu, v. 8, n. 1 p. 188-205, 2018.
- BOSI, Ecléa. O Tempo Vivo da Memória: **ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- BASSIT, Ana Zahira. História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, Maria C. S.; COIMBRA JR., Carlos E.A. (orgs). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2002, p. 175-190.
- BENITEZ, Maria E.D. Além de preto, veado! Etiquetando experiências e sujeitos nos mundos homossexuais. **Revista Sexualidade, Gênero e Sociedade**. Ano III, n. 26, dez/2006.
- BORDIANO , Geovani et al. COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, e00287220, Out. 2020.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, Campinas, p.329-376, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOZON, Michel , **Les âges de la sexualité**. Entretien avec Michel Bozon par Marc Bessin, *Mouvements*, 59, juillet-septembre, La Découvert, Paris, pp. 123-132, 2009.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004
- CÓRDOVA, Luiz F. N. **Trajetórias de Homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado. UFSC. 2006.
- COVEY, Herbert C. Perceptions and attitudes toward sexuality of the elderly during the middle ages. **Gerontologist**, 29, 9-100, 1989.
- CUSTODIO, Carla M F. **Representações e vivências da sexualidade no idoso institucionalizado**. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal, 2008.
- DEBERT, Guita G. A reinvenção da velhice. São Paulo: Ed. da USP, 2004.

DEBERT, Guita G. A vida adulta e a velhice no Cinema. In: Gusmão, Neusa Maris Mendes. **Cinema, velhice e cultura**. Cinedebate. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

DEBERT, Guita G.; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 27, p. 37- 54, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a03.pdf>>. Acesso em: 30 Mai. 2017.

DEBERT, Guita Grin; HENNING, Carlos E.. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento**. Vol. 6 n. 63, pp.8 – 31, dezembro 2015.

DUARTE, Gustavo. **O ‘Bloco das Irenes’**: Articulações entre Amizade, Homossexualidade (s), e o Processo de Envelhecimento. Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

ELDER JR., Glen, Holl. The Life Course as Developmental Theory. **Child Development**, v. 9, n. 1, p. 1-12, 1998.

ERIBON, Didier. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FERREIRA, J. P.; MISKOLCI, R. Homosexuality and biomarkers of aging in the production of gerontological knowledge by American, British, and Brazilian authors. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, e00222618, 2020.

FERREIRA, J. P.; INOUE, K.; MISKOLCI, R. Homens homossexuais idosos e de meia-idade nas mídias digitais: autodescrição, apoio social e qualidade de vida. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300221, 2020.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Boockman/Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: **A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a R. De Ceccaty e J. Le Bitoux. **Jornal Pied**, n. 25, p. 38-39, abril/1981.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: **o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, . v. 2,1984

FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o Poder”. In: DREIFUS, H.C & RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do Estruturalismo e da Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1995.

FOUCAULT, M. Vida dos homens infames. In: MOTTA, M. (Org.). **Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4, p. 203-222. Coleção Ditos & Escritos.

GARFINKEL, Harold. 1984. **Studies in ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society: on outline of the theory of structuration**. Cambridge/Berkeley: University of California Press, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

GONCALVES, José Alberto Ribeiro; COSTA, Pedro Alexandre; LEAL, Isabel. Silver rainbow: estigma em homens gays idosos, uma perspectiva de stress minoritário. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 80-86, abr, 2018.

GONCALVES, José Alberto Ribeiro; COSTA, Pedro Alexandre; LEAL, Isabel. Esperança e suporte proximal e distal em homens idosos minoritários portugueses. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 21, n. 1, p. 75-81, 2020.

GONTIJO, Fabiano. Quem são os „simpatizantes“?: culturas identitárias homossexuais no Brasil urbano. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, ano XI, n. 21, p. 1-6, 2004.

GROSSMAN, Arnold; D'AUGELLI, Anthony; O'CONNELL, T.. “Being lesbian, gay, bisexual, and 60 or older in North America”. In: KIMMEL D, MARTIN D, Eds. **Midlife and aging in gay America: proceedings of the SAGE Conference 2000**. Binghamton, NY: Harrington Park Press, 2002:23–40, 2002.

GUIMARAES, Anderson Fontes Passos. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, p. 553-567, 2009.

HENNING, Carlos Eduardo. **As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC**. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, UFSC, 2008.

HENNING, Carlos. **Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

HENNING, Carlos **Is old age always already heterosexual (and cisgender)? The LGBT Gerontology and the formation of the "LGBT elders"**. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 132-154, 2016.

HENNING, Carlos. O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 133-158, 2020.

HUMBOLDT, S. V., CARNEIRO, F; LEAL, I. O que prevê o ajustamento ao envelhecimento idosos lésbicas, gays e bissexuais? **Psic., Saúde & Doenças**, vol.21, no.1, p.117-123, 2020.

LACLAU Ernesto, MOUFFE, Chantal **Hegemonía y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia.** Madrid: Siglo XXI, 1987.

LEMOS, Alex Eduardo. **Homossexualidade e velhice: Os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.

LEAL, Maria G. S. ; MENDES, Márcia Regina de Oliveira. A geração duplamente silenciosa - velhice e homossexualidade. **Revista Portal de Divulgação**, n.51, Ano VII Jan/ Fev/Mar 2017.

LEITE, A. R. **Homens católicos com práticas homossexuais: desregulação religiosa e produção de sentidos.** Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia**, 2006, nº 52, p. 109-132.

MACRAE. Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”.**Campinas: Ed. Unicamp. 321 p. 1990.

MACRAE. Edward. **Em defesa do gueto. In.: Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** James Green & Ronaldo Trindade (orgs). São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MARQUES, F. D.; SOUSA, L. Portuguese Older Gay Men: Pathways to Family Integrity. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 26, n. 64, p. 149-159, 2016.

MARSIAJ, Juan P. P. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. In: **Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas.** Campinas, UNICAMP / IFCH / AEL, v. 10, n.18. /19, 2003,pp. 129-150.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

MENDONÇA, Viviane M.; SILVA, Mayris P. Memórias de estudantes universitárias: visibilidade e participação em um grupo cultural. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, ISSN 2177-8248. Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

MERCADANTE, Elizabeth F. Velhice: uma questão complexa. In: CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elizabeth F.; ARCURI, Irene G. (Orgs). **Velhice Envelhecimento Complex(idade).** São Paulo: Vetor, 2005, p. 84-92.

MECCIA, Ernesto. **Los últimos homosexuales. Sociología de la homosexualidad y la gaycidad.** Buenos Aires: GranAldea Editores,2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento Científico: pesquisa qualitativa em saúde.** 2ª edição. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MINTZ, Sidney. Encontrando Taso, Me Descobrinho. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.

- MINTZ, Sidney. **Worker in the Cane: a puerto rican life history**. New York: The Norton Library, 1974.
- MOTA, Murilo P. Homossexualidade e envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. **SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais**, Vitória: CCHN, UFES, n. 6, v. 1, dez. 2009.
- ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 118, 2000.
- ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. Iluminuras, 2002.
- NASCIMENTO, Márcio. **Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades GLBT**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis (SP), (2007).
- NASCIMENTO, M. A. N. “Velha canção sertaneja”: narrando história de vida interiorana sobre o processo de envelhecimento nas homossexualidades. **Rev. Kairós**, v. 14(10, n.esp), p. 133-150, 2011
- PAIVA, Cristian. **Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 04, 27 nov. 2012.
- PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. 3ª edição. São Paulo: Best Seller, 1991.
- PASSAMANI, Guilherme. R.. **Batalha de Confete no “Mar de Xarayés”: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas – UNICMAP. Campinas, SP, 2015.
- PAULO, Cristina M.; ESGALHADO, Graça. Religiosidade e envelhecimento bem-sucedido em homens gays e bissexuais mais velhos. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 21, n. 1, p. 124-130, abr. 2020.
- PECHENY, Mario. Identidades discretas. In: RIOS, Luís Felipe et all (orgs.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 17–33.
- POCAHY, Fernando A. **Envelhecer nas tramas da hétero e da homonormatividade. Marcas do poder, travessias e (re)invenções de si**. Projeto de tese. Porto alegre, PPGEdu/UFRGS, 2008.
- POCAHY, Fernando A. **Entre Vapores e Dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS. Porto Alegre, RS. 2011.

POCAHY, F. A velhice como performativo: dissidências (homo) eróticas. **Ex Aequo**, (26), 43-56,2012.

POCAHY, F. "Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 11, p. 122-154, 2012.

QUEIROZ, Maria I P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1991

RIBEIRO-GONCALVES, José Alberto; COSTA, Pedro Alexandre; LEAL, Isabel. Esperança e suporte proximal e distal em homens idosos minoritários portugueses. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa , v. 21, n. 1, p. 75-81, abr. 2020 .

RIOS, L. F. Homens jovens com práticas homossexuais e epidemia do HIV/aids: por uma re-erotização da prevenção. In: NEVES, A.; THERENSE, M. HIV/aids, **Gênero e Sexualidade: políticas e práticas de prevenção, testagem e aconselhamento.** Manaus: Editora UEA, 2018, p.25-28.

Rios, Luís Felipe et al. O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro) [online]. 2019, n. 32 [Acessado 20 Janeiro 2022] , pp. 65-89. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.05.a>>. Epub 09 Set 2019. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.05.a>.

SAGGESE, Gustavo S. R. **Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação no coming out de homens homossexuais. Dissertação.** (Mestrado em Saúde Coletiva). IMS. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009

SANTOS, D. K.; LAGO, M. C. S. **Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si.** **Sex., Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 15, p. 113-147, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol.16. n.2, Porto Alegre, pp. 5-22, julho a dezembro de 1990.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Falas de gênero.** Santa Catarina, Editora Mulheres, p.21-55, 1999.

SCOTT, Joan. The evidence of experience. **Critical Inquiry.** The University of Chicago Press. v.17, n.4, 1991. p. 773-797.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. (2007). "A Epistemologia do Armário" In: **Cadernos Pagu.** Tradução de Plínio Dentzien. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the closet: the transformation of gay and lesbian life.** London & New York: Routledge, 2002.

SILVA, Ana Cruz P. da. **O pote de ouro ao fim do arco-íris: o reconhecimento da cidadania de idosas e idosos homossexuais**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Jurídicas, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade Masculina e Curso da Vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M.F.; CARRARA, S. **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 2004.

SIMÕES, Júlio Assis, França, Isadora Lins e Macedo, Marcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu** [online]., n. 35, pp. 37-78. 2010.

TERTO JR, Veriano. As histórias de vida na pesquisa sobre homossexualidade e Aids. **Revista Semestral do Instituto de Medicina Social**. Rio de Janeiro: n. 14., p. 1-8, 2000.

TERTO JR, Veriano. Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: questões da homossexualidade masculina em tempos de AIDS. In.: PARKER Richard; BARBOSA, Regina Maria. **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relumé Dumará: ABIA: IMS/EURJ, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Record. 588 p, 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WEBER, Max. **A “Objetividade” do Conhecimento nas Ciências Sociais**. In: COHN, G. Max Weber. São Paulo: Ática, 1997

WEEKS, J. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, J.; RICHARDSON, D. **Teoria e prática da homossexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 236-246, 1983.

WEILER, Luís Gustavo. **Projeto “Prazer Não Tem Idade” - despertando para a bichice veterana**. In: RIOS, Luís Felipe et all (orgs.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 95-99.

WLADIRSON, Cardoso; CHAVES, Ernani. Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 34-43, jun. 2012.

ZANATTA, Elaine. Documento e identidade: movimento homossexual no Brasil na década de 80. **Cadernos AEL**, Campinas, n. 5-6, p. 193-220, 1996-1997.

APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA BIOGRÁFICA

Dados de Identificação

Nome:

Idade:

Sexo:

Raça:

Estado Civil:

Escolaridade:

Renda:

Profissão:

Ocupação:

Religião:

Endereço:

Fone:

E-mail:

PRIMEIRA PARTE: CONTEXTO FAMILIAR

Contexto familiar (com quem mora, família biológica e/ou afins, perfis de cada um dos integrantes da família e tipo de relação que estabelecem). Clima familiar. Como lidam com questões de sexualidade.

SEGUNDA PARTE: CARREIRA SEXUAL

Como foi essa coisa da homossexualidade:

1. na infância

2. na adolescência

3. na juventude

4. na adultez

5. na maturidade

6. hoje

Para cada fase, pedir cenas (acontecimentos importantes, que guarda na lembrança) em: família; grupo de amigos; viagens; trabalho; religião; comunidade homossexual; internet.

TERCEIRA PARTE: VIDA SEXUAL

Agora eu gostaria que você me contasse como é sua vida sexual considerando o último ano, os últimos doze meses. Tua história de transas e amores neste último ano...

Eu queria que você fosse o mais detalhista possível. Pense que é como se eu fosse um roteirista de novela, e preciso dos detalhes para compor cenas...

QUARTA PARTE: ENVELHECIMENTO

Como você percebe o avanço da idade para homens homossexuais? Existem novos desafios? Como você lida com estes? Há alguma vantagem ou desvantagem em ser idoso e homossexual?

APÊDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Doutorado em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o Sr. para participar como voluntário da pesquisa ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE: Tensões, disputas e negociações entre idosos homossexuais, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Alexandra Ribeiro Leite, residente na Rua João Sales de Menezes, número 338, apartamento 702, Iputinga-Recife, Pernambuco. CEP: 50670390. Telefone: 99186-3288. Ligações a cobrar: (9090) 991863288. E-mail: alexa.rleite@hotmail.com. A pesquisa está sob a orientação do Professor Luís Felipe Rios do Nascimento. Telefone: 987477442, e-mail: lfelipe.rios@gmail.com.

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as experiências de homens homossexualidade idosos a partir do curso de vida. Neste sentido, os objetivos específicos seriam: Reconstruir os cursos de vida sexuais de homens homossexuais idosos; identificar as marcações e articulações entre idade, gênero, raça e classe nestas experiências e analisar as possíveis negociações, disputas e resistências entre homossexuais idosos no que diz respeito ao exercício de sua sexualidade. A coleta de dados será realizada através de entrevistas. Desta forma, será utilizada entrevista com enfoque com enfoque biográfico. A partir da liberação para a fase de coleta de dados pelo CEP- Comitê de ética em pesquisa, e posterior contato para agendamento da entrevista, o senhor pode ser solicitado a colaborar para pesquisa nos fornecendo a entrevista por mais de uma vez, não ultrapassando quatro encontros. Caso não queira participar com mais de uma entrevista, também não haverá nenhum problema e nenhuma penalidade.

Riscos diretos: Em relação aos riscos, consideramos que algumas perguntas feitas durante a entrevista serão íntimas e pessoais, sendo garantido aos participantes a liberdade de não respondê-las, interromper a sua participação na entrevista, bem como retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. Ainda assim, caso a entrevista venha a causar algum transtorno, o entrevistado poderá ser encaminhado para o plantão psicológico da Clínica Psicológica da UFPE. Este ocorre todos as quartas de 7 às 17 horas e o atendimento é realizado por ordem de chegada e sujeito ao número de vagas oferecido no dia. Ressalto também que a apresentação dos resultados cuidará para preservar a identidade dos depoentes.

Benefícios: Como benefício direto, a pesquisa possibilitará que os sujeitos, através de suas narrativas, possam re-significar e re-organizar de forma significativa suas experiências. Assim, permitirá ao sujeito refletir sobre como ele se posiciona diante dos modelos estabelecidos na sociedade. Desta forma, possibilitará o desenvolvimento da autoconfiança, autodeterminação e capacidade de discernimento frente a estes modelos.

Benefício direto: A indicação para atendimento na Clínica Psicológica da UFPE pode ser considerada um benefício direto ao participante.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Sua contribuição se dará através de concessão de uma ou mais entrevistas, fonografadas, de cerca de 2 h cada uma, em local que você ache mais conveniente. O material que resultar das entrevistas (gravações em áudio e transcrições) ficará arquivado pelo período mínimo de 5 anos, no Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana da Universidade Federal de Pernambuco. Av. Acadêmico Hélio Ramos, CFCH, 7º. Andar, salas 17 e 18. Telefone: 21268731; sob a guarda do professor Luís Felipe Rios do Nascimento, orientador da presente pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na

pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 – Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

(Assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo ENVELHECIMENTO E SEXUALIDADE: Tensões, disputas e negociações entre idosos homossexuais, como voluntário. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve qualquer penalidade.

Local e data _____

Assinatura do participante: _____

Impressão
digital
(Opcional)



Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecido sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

NOME:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: